



Reabilitação de um espaço escolar

Relatório de Estágio

Prof. Orientadora: Dr^a Margarida Rocha

Madalena Barata

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Setúbal, Dezembro 2013

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Professora Margarida Rocha devido a todo o apoio prestado durante a preparação e implementação deste projeto, ao Professor Luis Rosinha, Diretor do agrupamento de escolas onde realizei o estágio e à Professora Zélia Oliveira por todas as diretrizes e orientações fornecidas durante a implementação do projeto na escola.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Problemática	5
--------------	---

Capítulo I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Educação Estética e Artística	8
1.2. Graffiti – Uma linguagem visual contemporânea	11
1.3. O Graffiti como diversidade e prática cultural	16
1.4. A imagem na sociedade contemporânea	17
1.5. Cultura visual contemporânea	18
1.6. Linguagem Visual	20
1.7. Expressão	24

Capítulo II - METODOLOGIA

2.1. Plano de investigação	27
2.2. Metodologia de investigação	28
2.3. Desenho da investigação	30
2.4. Recolha e análise de dados	31

Capítulo III – PROJETO DE INTERVENÇÃO

3.1. Contexto do projeto	34
3.2. Perfil da turma	34
3.3. Descrição da atividade	35

Capítulo IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Capítulo V – CONCLUSÕES DO ESTUDO

5.1. Limitações do estudo	48
5.2. Implicações educativas	49

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

ÍNDICE DE FIGURAS, ESQUEMAS E QUADROS

FIGURAS

- Figura 1 – Demonstração de Bombing
- Figura 2 – Demonstração de ThrowUps
- Figura 3 e 4 – Demonstração de Masterpiece
- Figura 5 e 6 – Demonstração de Hall of Fame
- Figura 7, 8 e 9 – Trabalhos desenvolvidos pelos alunos
- Figura 10 e 11 – Trabalhos desenvolvidos pelos alunos
- Figura 12, 13, 14 e 15 – Expressão plástica espontânea desenvolvida pelos alunos
- Figura 16 e 17 – Desenho em plano bidimensional realizado pelos alunos
- Figura 18 e 19 – Maquete tridimensional realizada pelos alunos
- Figura 20 e 21 – Desenho ampliado na parede realizado pelos alunos
- Figura 22 e 23 – Pintura mural realizada pelos alunos
- Figura 24 e 25 – Pintura mural realizada pelos alunos

ESQUEMAS

- Esquema 1 – Esquema de uma mensagem visual entre emissor e recetor
- Esquema 2 – Esquema da estrutura da mensagem visual
- Esquema 3 – Desenho da investigação – Metodologia de investigação-ação

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo 1 – Pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento
- Anexo 2 – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação
- Anexo 3 – Descrição da planta da sala
- Anexo 6 – Ficha síntese da observação de classes dia 3/10/2012
- Anexo 7 – Ficha síntese da observação de classes dia 10/10/2012
- Anexo 8 – Notas de campo
- Anexo 9 – Gráficos utilizados na análise de dados
- Anexo 10 – Análise de conteúdo dos trabalhos realizados pelos alunos
- Anexo 11 – Grelha de análise de conteúdo
- Anexo 12 – Fotografias dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos
- Anexo 13 – Fotografias da exposição realizada com os trabalhos dos alunos
- Anexo 14 – Fotografias da passagem do desenho para a parede
- Anexo 15 – Fotografias da pintura mural com a técnica do pincel
- Anexo 16 – Fotografias da pintura mural com a técnica do spray
- Anexo 17 – Fotografias de imagens finais do mural

PROBLEMÁTICA

A arte urbana, nomeadamente o graffiti caracteriza-se como um movimento de intervenção da cidade, por meio do qual diversos grupos expressam novas formas de viver nos espaços urbanos.

O graffiti é uma temática de grande pertinência na sociedade contemporânea, pois encontra-se ligado a uma cultura urbana cada vez mais multicultural. Este novo meio de expressão, que se desenvolveu exponencialmente nas últimas décadas, rapidamente foi incorporado no mundo da arte. Atualmente possui um sentido de comunidade, uma identidade, uma linguagem, regras e padrões de comportamentos próprios, que não devem passar despercebidos, que a reconheceram como uma forma de arte contemporânea. *Ramalho (2009:4)*. A temática do trabalho que desenvolvi durante a realização do estágio relaciona-se com esta nova arte urbana de carácter interventivo. Como professora investigadora, este projeto encerra em si um objetivo, na medida em que pretendo saber, “*de que forma a pintura de um mural contribui para a promoção da expressão e desenvolvimento da linguagem visual*”.

Como tal, apresento os principais objetivos de intervenção e investigação, como principais diretrizes fundamentais do meu projeto:

Objetivos de intervenção:

- Promover o conhecimento de grafitis;
- Promover o conhecimento de várias técnicas de pintura e desenho de grafitis;
- Promover a linguagem visual

Objetivos de investigação:

- Averiguar se as atividades desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento da expressão de ideias e sentimentos;
- Aferir da adequação da linguagem visual.

A escolha deste tema resultou de motivos de ordem pessoal e profissional. Os motivos de ordem pessoal, devem-se ao facto de no primeiro ano de mestrado ter entrado em contacto com termos, conceitos, teorias e experiências no campo da educação artística, que estavam completamente ausentes do meu quotidiano enquanto professora. Esse novo manancial de conhecimentos, ideias e experiências em torno da educação estética e artística, levou-me a desenvolver uma atividade que partisse da observação da obra de arte.

Os motivos de ordem profissional relacionam-se com a importância das artes em contexto educativo, na medida em que a educação artística no ensino básico, apresenta como principal objetivo a abertura a experiências que possam ser estimulantes, enriquecedoras e relevantes nas vidas dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento das suas capacidades de apreciação, valorização e compreensão dos objectos artísticos que os rodeiam. Para que tal objetivo se concretize, considereei pertinente que a ação educativa, implicasse a aquisição de conhecimentos sobre a linguagem visual, através do contacto e análise de obras de arte.

Após ter identificado como o meu principal objetivo o desenvolvimento de uma atividade a partir da obra de arte, dei início a pesquisas sobre o tipo de arte mais próxima do universo dos alunos, tendo chegado à conclusão que o graffiti seria um bom ponto de partida. Após ter recolhido junto da Professora cooperante as principais motivações dos alunos, verifiquei o seu interesse em deixar uma marca na escola, surgindo assim a ideia de criar uma intervenção numa parede da escola.

Conforme o processo foi avançando, fruto das conversas com a Professora cooperante e o Diretor da Escola, foi definido que o espaço a reabilitar seria o de uma futura sala de convívio para os alunos. Assim sendo, este trabalho terá como objetivo final a realização de uma pintura mural para reabilitação de um espaço de convívio que será futuramente utilizado pelos alunos da escola.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO



CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTÍSTICA

A arte pode ser assimilada naturalmente, mas para que ela possa ser entendida e possa ter efeitos educativos nas crianças, deve haver desde cedo um trabalho nesse sentido. Deve ser analisado o público-alvo, as suas capacidades cognitivas, o seu ambiente cultural e social. É por demais conhecida a expressão de que “o gosto se educa”, e isto é tão mais verdade, quanto lidamos com diferentes pessoas de diferentes idades. A Escola tem vindo a contribuir para esta educação do gosto, quer através das disciplinas que tem criado, quer através da prática de diferentes metodologias, quer ainda pela inclusão de diferentes materiais e suportes para a realização prática de trabalhos propostos aos alunos. Neste sentido, é hoje possível à maioria dos alunos tomar contacto com diferentes géneros artísticos, aprender a identificar técnicas e distinguir diferentes expressões plásticas. O próprio conceito de arte é hoje mais alargado, permitindo que a arte urbana seja estudada, analisada. Esta arte, na qual se integra o graffiti, é aquela com que a maioria dos jovens mais se identifica, por ser a que tem mais perto e que melhor entende. O estudo desta e a sua exploração em termos estéticos e criativos podem servir para a educação do gosto, para a descoberta de novas formas de expressão, desenvolvendo a criatividade e preparando o jovem para outras leituras da obra de arte mais complexas. De acordo com *Ferreira (2001) citado por Pinto (2011:57)*, as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento, permitindo desenvolver o pensamento crítico e criativo. Através da arte, os alunos envolvem-se ativamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos, pois devido às suas múltiplas significações, não só expressa o que o artista tem em mente, no momento da realização da obra, mas inclui a interpretação do espetador, que contribui para dar sentido à experiência estética.

O pensamento sobre a arte articula as nossas emoções e conhecimentos diante de uma obra, em relação à nossa experiência. Baseia-se numa reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de forma diferente e reconstrói-a usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos. O estudo desta e a sua exploração em termos estéticos e criativos podem servir para a educação do gosto, para a descoberta de novas formas de expressão, desenvolvendo a criatividade e preparando o jovem para outras leituras da obra de arte mais complexas.

Se se pretende educar pela arte, uma forma de o conseguir, pode ser valorizar aquilo que está mais próximo da faixa etária com que trabalhamos. Podemos e devemos mostrar outras manifestações artísticas, ensinar a “ler” a obra de arte, a descobrir as suas mensagens, a valorizar técnicas e materiais, ressaltando sempre a grande vantagem da experimentação. Neste sentido, *Uberti (2012:2)* afirma que a educação em artes possibilita reflexões e interpretações referentes às culturas e posturas dos jovens, enquanto sujeitos que integram e interagem nos grupos sociais, criando tessituras entre imagens presentes no quotidiano. Permite ainda desenvolver relações de inserção, de partilha e conhecimento, através da flexibilidade e união. Através do conhecimento artístico, é potenciada a habilidade manual, os sentidos e a mente. Também *Hernandez (2000:42)* corrobora com *Uberti* ao sublinhar que as artes permitem um fortalecimento das capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar e imaginar, defendendo que os conteúdos de cada área do curriculum devem ser organizados de acordo com os seguintes critérios: i) culturalmente significativos para os alunos ii) possibilitar aos alunos uma aproximação a novos contextos e experiências iii) devem surgir de um meio próximo.

É importante salientar que a pertinência da temática resulta da correlação de vários elementos: da natureza da disciplina, os objetivos de investigação, a importância da arte em contexto educativo, os diversos conteúdos a explorar durante a implementação da atividade e por fim a vivência estética. Neste sentido, é importante identificar, em que medida se relaciona esta atividade com a educação artística e estética.

É preciso conhecer, identificar o pensamento estético dos nossos alunos, se queremos promover o seu desenvolvimento através da escolha de imagens e da programação de atividades que lhes permitam construir novas formas de ver a arte. *Housen*, (2000:166). Tanto professores como alunos devem ter “vivências artísticas construtivas”, que lhes permitam a capacidade de pensar e refletir sobre a arte, indo de encontro à visão construtiva da educação.

A vivência estética consiste na estimulação de um sentimento mediante uma forma, segundo *Arregui* (2006:12). O sentimento é razão e emoção e a forma é a estrutura da realidade externa. Processo resultante da relação do indivíduo com o seu meio, provem da capacidade de conhecer e emocionar-se ante a apreciação das formas naturais ou criadas por ele mesmo.

O professor deve ter em consideração o contacto que os alunos têm com o universo da visualidade, do mundo contemporâneo, deve pensar em aulas que possibilitem modos de observar, expressar e comunicar das crianças. *Neves* (2010:13).

No entanto, o programa de Educação Visual é alvo de críticas por *Miranda* (2010:1), ao afirmar que a nível hegemónico pode ser politicamente correto e aceite, mas tem escassas consequências educativas relativamente ao quotidiano das pessoas, nas atuais condições da época: culturas subordinadas, subculturas, tribos urbanas.

A atividade deve centrar-se nas motivações dos alunos e fazer parte do seu universo. De acordo com esta perspectiva, *Leite* (1995:473) defende que para ir de encontro às motivações e interesses dos alunos, a forma mais eficaz é a motivação intrínseca, que é a mais ativa, e a que melhor mobiliza a sensibilidade, a motricidade e a inteligência. Também *Hérmendez*, (2000:12) corrobora com Leite ao afirmar que o mundo visual, adquiriu um papel de destaque na sociedade contemporânea. E para compreender estas mudanças, é importante que o professor conheça o universo em que se movem os seus alunos, sendo importante a abordagem de temáticas pertencentes ao seu universo.

Segundo *Leite* (1995:476) torna-se importante referir, que no nível etário do 3º ciclo, a convivência com a arte e a discussão sobre a sua génese e conteúdo, provocam uma cumplicidade, uma identificação e uma aproximação, em que os contactos com obras de arte contemporânea, são muito apreciados nestas idades.

Quando os alunos são colocados perante situações práticas, em que podem experimentar e pesquisar, sentem-se melhor preparados para a ação reflexiva, pois conseguem colocar questões e encontrar respostas. Daí que tenha optado na minha atividade pela escolha de um tema que fizesse parte do quotidiano dos alunos, dando especial ênfase à motivação com obras de arte urbana, porque permite que os alunos adquiram determinadas competências, que de outra forma, eram mais difíceis desenvolver.

Tendo em conta a natureza da disciplina e de acordo com o programa de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico, a disciplina de Educação Visual, caracteriza-se por ter uma nítida inclinação para a educação artística e estética, através da educação da perceção visual, da expressão livre e do design, como formas específicas de abordar o mundo e de o organizar. Tem como finalidade, desenvolver nos alunos a sensibilidade estética, a criatividade, a capacidade de comunicação, as aptidões técnicas e manuais, o entendimento do mundo circundante, o sentido social e a capacidade de intervenção e

resolução de problemas. É importante salientar que apesar da disciplina Educação Visual e Tecnológica ter sido substituída por Educação Visual e Educação Tecnológica, e tendo sido criadas metas curriculares, o programa em vigor continua a ser o anteriormente mencionado (EVT).

Torna-se ainda necessário compreender, que a disciplina se desenvolve em torno de uma lógica analítica e sequencial, onde uma necessidade percecionada no mundo envolvente é analisada, definida claramente em termos de problema a resolver, seguindo-se para a sua solução, as fases de investigação, realização e testagem. Como tal, esta atividade foi planeada à luz do design, que de acordo com a arquiteta Sena da Silva citada por Leite (1995:486) consiste em avaliar situações globais, definir problemas de conjunto e analisar hipóteses de solução, sempre no sentido de tornar simples as coisas difíceis, com vista a resolver problemas concretos, seja a que escala for.

Neste sentido, é conveniente salientar, que as unidades de trabalho devem orientar-se para a autonomia dos alunos, inculcando-lhes hábitos de pesquisa, centrando-se em situações e problemas bem definidos, que devem fazer parte do seu quotidiano, de forma a despertar o seu interesse e envolvimento na atividade proposta - preocupação constante que tive durante a definição da temática.

Também o grau de liberdade, não só relativamente aos interesses dos alunos como também às formas de exploração e apresentação de ideias deve ser privilegiado, no sentido de permitir um maior desenvolvimento da criatividade dos alunos.

Esta atividade é muito rica do ponto de vista do ensino-aprendizagem na medida em que a partir da observação de obras de arte urbana, recolhidas na região de Lisboa, os alunos vão reabilitar um espaço escolar através de uma pintura mural inspirada no graffiti. Cultura visual, criatividade, cognição, expressão, sensibilidade estética e artística, linguagem visual, são tudo competências que os alunos vão desenvolver ao longo desta ação pedagógica. No entanto, é importante lembrar que a mesma tem como prioridade absoluta a área do desenho e da pintura, que consiste numa ferramenta essencial para a construção do pensamento visual.

De acordo com Efland (2004:213) quanto mais rica é a gama de materiais experimentados, mais ampla será a gama de potencialidades cognitivas que desenvolvem os alunos. Daí ter integrado na ação pedagógica uma ampla variedade de materiais, (canetas de feltro, lápis de cor, giz, guache, tinta plástica e spray).

Para o mesmo autor (2004:215), existem 4 características, proporcionadas pelas artes, que se podem verificar durante o desenvolvimento da mesma:

- *Flexibilidade cognitiva* - Uma vez se tratar de uma atividade faseada, organizada de acordo com várias etapas, os alunos têm de se adaptar a várias informações e situações diferentes durante o desenvolvimento das mesmas;

- *Integração do conhecimento* - A interpretação das obras de arte, permite que o aluno compreenda o contexto da obra, neste caso a compreensão do contexto em que são realizados os graffiti;

- *Imaginação* - É fundamental para a nossa capacidade racional, para encontrar conexões significativas, obter inferências e resolver problemas. Através da imaginação os alunos conseguem evoluir criativamente, e isso é um fator que verifiquei ao longo da atividade;

- *Utilização da imaginação* - Para transformar uma experiência mundana numa experiência estética, verificando-se que, a utilização do graffiti, serviu de mote para a realização de um projeto com o objetivo de reabilitar um espaço escolar.

1.2. GRAFFITI – UMA LINGUAGEM VISUAL CONTEMPORÂNEA

Antes de se aprofundar a temática do graffiti é importante entender o significado da arte contemporânea bem como as condições favoráveis para a sua integração como produto cultural de uma sociedade. É uma arte que está relacionada com uma atitude e pensamentos vanguardistas, caracterizada por ser transgressora, com tendência à abstração e de difícil entendimento. A relação do graffiti com a arte contemporânea prende-se com a dificuldade de entender a mensagem, tanto num como no outro. Na arte contemporânea só o artista conhece o significado da sua obra, bem como no graffiti que apenas a crew tem conhecimento da mensagem que pintam e que pretendem transmitir. O espectador comum apenas as interpreta de acordo com as suas experiências pessoais.

Foram vários os contributos do ponto de vista artístico que influenciaram a técnica desenvolvida por esta corrente. Segundo *Arregui* (2006:23) foram em alguns detalhes dos movimentos artísticos que o graffiti se inspirou: a espontaneidade a imediatez e a pureza expressionista, a nova forma de contemplar a imagem através do abstracionismo, a descontextualização de objectos no cubismo e ainda a utilização das técnicas dos meios de comunicação massivos para converter a obra de arte em formas dominadas pelo mundo da publicidade.

Estes novos signos de modernidade, criaram profundas transformações da sociedade contemporânea, emergindo grupos que se apropriam da cidade, explorando os espaços como bem entendem, dando origem ao desenvolvimento do graffiti urbano, tal como hoje o conhecemos. De acordo com *Furtado* (2012:1) este caracteriza-se como um movimento de intervenção na cidade, em que vários grupos expressam novas formas de viver nos espaços urbanos. Através das tintas, pincéis e sprays encontraram na urbe um meio para a manifestação livre de ideias, sentimentos e afetos, criando uma nova linguagem.

À luz desta contextualização, é importante salientar que o graffiti foi o ponto de partida para o início da intervenção pedagógica, e como tal, considero pertinente identificar de acordo com vários autores, a origem etimológica da palavra bem como a sua definição, e contornos principais.

O graffiti denuncia a existência de uma outra ordem, lugar e outro tempo. Marca uma passagem, representa alguém. Daí a raiz etimológica da palavra, segundo *Silva* (2004:3) deriva da tradução grafito (inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscado a ponta ou carvão em rochas, paredes e vasos).

Em concordância com *Silva, Bacelar* (1999:3) afirma que o graffiti é tão antigo quanto a vida em sociedade, pois desde que a humanidade descobriu a expressão gráfica, que existe escrita nas paredes. Desde a pré-história, em civilizações e épocas diferentes, houve sempre a necessidade de expressar sentimentos e pensamentos, através de elementos gráficos. Desde símbolos de arte rupestre a manifestações de protesto, ordens comuns ou acontecimentos públicos, o ato de escrever ou pintar é algo próprio da civilização humana, no entanto devido às inúmeras evoluções vividas, estas formas de escrita/pintura alteraram-se até àquilo que hoje conhecemos. Pode-se então concluir que esta necessidade de deixar marcas na parede, reside numa ânsia de comunicação, sendo esta inerente ao ser humano. Quando ainda não existia a fala, o homem identificou meios para se expressar, através de elementos não verbais: a pintura no chão, nas paredes ou teto, para que outras pessoas os pudessem descodificar. *Martins, Silva e Brito* (2007:1)

Relativamente à caracterização do graffiti pode-se confrontar a opinião de vários autores. Assim, *Campos* (2010:80) afirma que é a própria arquitetura da cidade, que permite trocar variadas informações artísticas, pois o muro, ligado fisicamente ao nascimento do graffiti, sempre esteve acessível a todos e converteu-se num poderoso instrumento de comunicação. Mais ligado ao próprio significado da palavra *Zunzunegui* (1992:52) defende que este é atualmente utilizado para se referir a qualquer escritura mural, imagens, símbolos ou marcas de qualquer classe e em qualquer superfície sem importar a motivação do escritor. Numa vertente mais filosófica, *Diego* (2000:64) caracteriza o graffiti como um possível artefacto, criado pelo escritor a partir de discursos similares com uma certa tradição da sua linha cultural. Ou seja, considera o graffiti como uma expressão gráfica da cultura hip-hop, como resposta social de algumas minorias urbanas.

Tendo em conta a revisão bibliográfica realizada, os autores chegam a consenso relativamente ao surgimento do graffiti, restando dúvidas no que toca às suas influências culturais, implicando o estudo de várias formas criativas e géneros artísticos, como a pop-art, o cinema, o cómico norte americano e o manga japonês (*Diego*, 2000:92).

A análise de fatores sociais e económicos, bem como movimentações culturais de determinados indivíduos, são fulcrais para o surgimento do graffiti contemporâneo. Inserido no contexto urbano dos bairros marginais ou guetos de Nova Iorque, nos finais dos anos 70 nasce este movimento assente na cultura hip-hop Nova Iorque. As primeiras marcas gráficas pertencem a um jovem de descendência grega e são compostas por um nome (pseudónimo) e um número (número da rua) desenhados principalmente em estações de metro, edifícios e sinais de trânsito. Inicialmente a cidade começou a ser invadida por uma série de caligrafias indecifráveis, que mais tarde evoluíram para formas mais complexas e coloridas, originando assim, uma série de estilos de graffiti diferentes. Segundo *Diego*, (2000:164) o graffiti nos anos 70 do século XX, é classificado como um atentado à qualidade de vida Americana, em parte pela sua origem partir dos bairros mais pobres, e pelas mãos dos filhos de imigrantes de etnias minoritárias. *Campos* (2010:97) concorda com *Diego* ao afirmar que o processo evolutivo do graffiti em Nova Iorque, rapidamente se transformou em praga, e num sério problema poluente que as autoridades teimavam combater. Porém a sua convergência num símbolo da juventude Norte-Americana e a sua expansão em todos os continentes, sob diferentes expressões, começou a ser observado enquanto potencial portador de qualidade estética, sendo os *writers* classificados mais tardiamente como artistas de rua, tendo muitos sido convidados a expor os trabalhos em galerias.

As pinturas no metro e nos muros começaram a despertar curiosidade, sendo consideradas como algo único e inovador no panorama da expressão visual contemporânea. Esta forma de expressão depressa se desenvolveu na direção de trabalhos artísticos, com uma expressividade cada vez mais acentuada. De acordo com *Diego* (2000:83) está relacionado com a diversidade da sua produção, num ponto de vista formal. Podem-se distinguir vários tipos de graffiti, tendo em conta as cores utilizadas, os padrões formais empregues, a aparência final da obra, entre outros fatores relevantes.

Em traços gerais, o graffiti pode ser caracterizado em algumas palavras: i) efemero e fugaz, por se cravar na epiderme da cidade e estar sujeito às mutações do edificado, estando dependente do clima, e das agressões dos transeuntes e da autoridade. ii) global, em que as imagens viajam freneticamente pela internet permitindo a interação dos *writers* de todo o mundo. iii) mutante e veloz, pois trata-se de uma linguagem que vai acompanhando as alterações dos roteiros técnicos e simbólicos. iv) faceta institucional, pois é um movimento com dupla personalidade, que apesar de integrar um circuito de

condição ilegal, apresenta ainda um campo de aceitação pública. O graffiti é fragmentado e mestiço. As obras derivam de uma fusão de técnicas e elementos que evocam o universo publicitário, a cultura elevada e arte oficial, bem como os diferentes nichos que compõem a cultura de massas, de tendência mais comercial ou alternativa. *Campos* (2010:283).

Sendo dependente do quotidiano, da atualidade, dos mass media e das novas maquinarias, das dinâmicas culturais emergentes, o imaginário graffiti é feito por e para os jovens, sendo estes os principais produtores e destinatários. *Campos* (2010:232). Inscreve-se num espaço de visibilidade para ser alcançado por inúmeras pessoas, adquirindo sentido se alcançar um destinatário, se for reconhecido. Alimenta-se assim do espaço público, do uso da rua e dos diferentes elementos que a compõem. *Campos* (2010:86).

O graffiti assume várias formas artísticas de maior ou menor complexidade. Assim, passo a apresentá-las para melhor se entenderem as suas diferenças: i) *Bombing* – classificam-se como um conjunto de manobras indevidas que marcam um espaço público, com inscrição de siglas codificadas, com o intuito de posse simbólica de um lugar. Fazer bombing consiste num ato de infração. ii) *Throwup* – tags de dimensões ampliadas, que podem atingir dimensões muito grandes. Consiste numa versão mais sofisticada do tag convencional. iii) *Masterpiece* – obras que se distinguem pela qualidade técnica. Correspondem a trabalhos cromaticamente ricos e com uma composição rebuscada. iv) *Halloffame* – peça inédita, fruto de demoradas horas de trabalho. Manifestação por excelência do graffiti enquanto arte, símbolo do virtuosismo técnico e da criatividade.

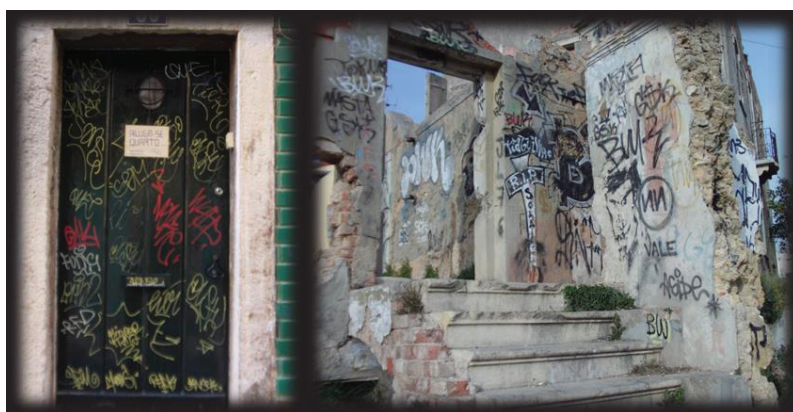


Fig. 1 – Demonstração de bombing

Fonte: registo fotográfico recolhido na região de Lisboa (fotografia Madalena Barata)

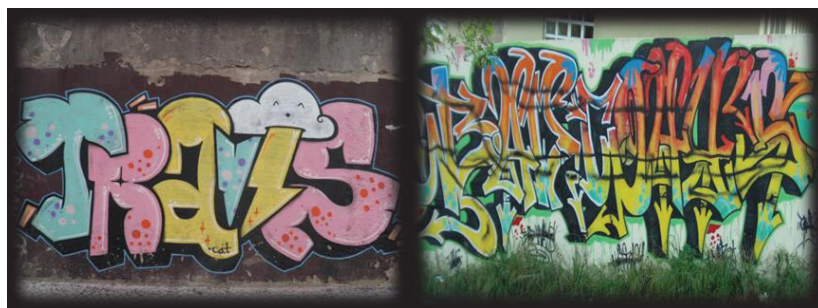


Fig. 2 – Demonstração de Throwups

Fonte: registo fotográfico recolhido na região de Lisboa (fotografia Madalena Barata)



Fig. 3 e 4 – Demonstração de Masterpiece
Fonte: registo fotográfico recolhido na região de Lisboa (fotografia Madalena Barata)

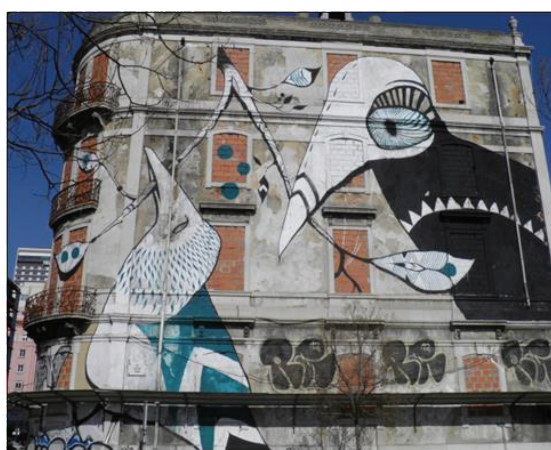


Fig. 5 e 6 – Demonstração de Hall of Fame
Fonte: registo fotográfico recolhido na região de Lisboa (fotografia Madalena Barata)

Um dos aspetos importantes, que refletem a criatividade cultural dos *writers*, é exatamente as temáticas tratadas, que vivem da apropriação das substâncias visuais do quotidiano. Pedido de empréstimo à *pop art* e aos *media*, é entendido como um idioma paradigmático da contemporaneidade, marcado pela fusão, efemeridade, mutação e desestruturação. As suas características pictóricas e icónicas, inspiram-se no *comic*, *posters*, anúncios publicitários, *letreiros* de lojas, passando por *heróis de banda desenhada*, *televisão* ou *arte psicadélica*, sendo tudo temas alusivos a este universo. Porém, segundo *Diego* (2000:91) o *cómico*, os *desenhos animados*, *manga japoneses* e a *televisão* costumam ser as principais vias de inspiração para a composição de novas personagens e efeitos.

Nas suas variadas formas artísticas, o *graffiti* é naturalmente imprevisível, espontâneo, desregrado e efémero. Define-se pela prática em tempo real, trata-se de uma comunidade com os seus próprios códigos, regras, hierarquias de prestígio e necessidades de comunicação, onde se conseguem encontrar regularidades, padrões e matrizes, facilmente identificáveis como pertencendo a este universo. Como uma *performance efémera* e contingente, a ação é a mensagem: as marcas e as imagens aparentam traços, signos, registos do ato, e é imediatamente persuasiva como é reconhecida. *Irvine* (2012:1-5)

A *street art* vive na interseção de leitura e escrita da cidade como território geopolítico e para a cidade global. Pressupõe o *remix global* e reapropriação de imagens e ideias que podem ser reinterpretadas, reescritas e reimaginadas. *Irvine* (2012:19).

Por isso é hoje considerada por muitos uma arte, numa prática que se estende pela cidade, *estúdios*, *galerias*, *museus* e *internet*. É encarada como um movimento pós-moderno, que engloba variadas formas de cultura visual.

De forma conclusiva a *street art* revela uma novo tipo de atenção pela fenomenologia da cidade, a experiência dos materiais e espaços na vida quotidiana, permitindo efetuar uma troca com o público que a observa. Bem executada e bem posicionada, esta ancora-nos no aqui e no agora. Neutraliza o tempo e a presença e reivindica todas as zonas da visualidade por si própria. *Irvine*,(2012:27).

1.3. O GRAFFITI COMO DIVERSIDADE E PRÁTICA CULTURAL

“Society has been completely urbanized. The street is a place to play and learn. The street is disorder...This disorder is alive. It informs. It surprises [...] The urban space of the street is a place for talk, given over as much to the .exchange of words and signs as it is to the exchange of things. A place where speech becomes writing.A place where speech can become ‘savage’ and, by scaping rules and institutions, inscribe itself on walls.”

Henri Lefebvre, The Urban Revolution (1970:9).

Ao utilizar o espaço público para comunicar, a intenção é a de transmitir algo a alguém. Esta atividade expõe a criatividade dos artistas individuais ou coletivos para atuarem na cidade, abordando-a, agitando-a, conferindo-lhe significado (*Campos, 2010:77*).

A associação do graffiti a uma prática cultural relaciona-se com a sua rápida evolução.

Numa vertente mais comercial o graffiti estabeleceu-se como uma saída económica complementar para alguns writers, devido ao súbito interesse dos comerciantes por esta arte, que começaram a convidar os writers para realizar as suas obras nos seus estabelecimentos (fachada exterior) para proporcionar uma aparência mais juvenil ou moderna aos locais. Numa vertente mais pessoal, os writers, modificaram a aparência de certos bairros. *Diego (2000 – 118)*.

Este súbito interesse pela mudança da configuração visual da cidade, por parte de elementos exteriores ao meio, explica-se porque o graffiti surge num contexto urbano particular, provocando mudanças do decurso evolutivo da cidade. *Feixa*, citado por *Diego (2000:98)* afirma que o território representa um fator estrutural nas culturas juvenis, na medida em que a ação destes jovens serve para redescobrir territórios urbanos esquecidos ou marginais, ao dotarem com um novo significado determinadas zonas da cidade através do graffiti. Na mesma linha de pensamento *Silva (2004:5)* afirma que o espaço não é só um suporte para a criação, mas também é considerado matéria-prima. Significa que a rua é também o paradigma de apropriação necessária, como forma de realizar a passagem do ambiente familiar para um ambiente social e exterior.

Outro dos fatores que contribuiu para esta difusão enquanto produto cultural, relaciona-se com a sua forma de intervenção conjunta no espaço urbano. *Furtado (2005:5)* afirma que estes diversos grupos que se configuram no espaço urbano, criam novas linguagens que promovem movimentos de territorialização, produzindo composições estéticas, mobilização social e produção de saberes. Já *Canton (2009:35)* afirma que os artistas contemporâneos buscam um sentido, que finca os seus valores na compreensão, e apreensão da realidade, infiltrada nos meandros da política, da economia, da ecologia, da educação, da cultura, da fantasia e da afectividade. A arte contemporânea penetra as questões quotidianas, espelhando e refletindo aquilo que diz respeito à vida.

Podemos encontrar algumas semelhanças entre o graffiti e a pop art Norte-Americana que também busca inspiração no consumo, publicidade e meio urbano, reciclando os códigos e linguagens massificados pelos media e pela indústria, convertendo-

os em artefactos artísticos. Pode-se concluir que gradualmente o graffiti foi evoluindo em formas e estilos que se foram integrando esteticamente no panorama visual urbano, afirmando-se lentamente na percepção estética dos habitantes das cidades, vulgarizando-se enquanto signo presente na paisagem. De acordo com *Campos* (2010:21) quem circula pela cidade apercebe-se da quantidade de imagens existentes, desde cartazes publicitários a políticos, sinais, expressões de arte pública, graffitis, outdoors. Afirma ainda que a nossa sociedade vive focada na imagem, definindo-a como ocularcêntrica, em que o peso das tecnologias no quotidiano tem um papel fundamental. Quer dizer que a imagem representa o modo como os jovens se apresentam visualmente ao mundo, recorrendo a vários acessórios, como o corpo, o vestuário, e os bens de consumo.

As elocuições visuais das diferentes culturas juvenis, são reveladoras de composições peculiares que condensam modos de viver e representar o mundo, são encenações e estratégias visuais que visam situar os sujeitos em conjuntos sociais mais vastos e complexos. *Campos*, (2010:72).

1.4. A IMAGEM NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A visão e a imagem têm adquirido uma preponderância crescente na forma como ilustramos o mundo. No passado, existiam elementos figurativos aplicados nas paredes das casas, frescos, baixos-relevos, emblemas de tabernas, estabelecimentos, lojas de artesanato e editais. No mundo contemporâneo segundo *Dorfles* (1965:225) assistiu-se a uma proliferação de elementos visuais, quer abstratos, quer figurativos, produzidos não só artesanal como industrialmente, destinados a uma população em contínuo aumento, que se alimenta diariamente de imagens. Também *Knauss* (2006:100) partilha a mesma opinião que *Dorfles* ao afirmar que as imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana. O mundo da pré-história é conhecido pelas inscrições rupestres, o mundo da antiguidade pelas suas imagens inscritas em paredes ou suportes. Isto significa que a imagem a nível histórico é um componente de grande destaque. Também *Hernandez* (2000:107) destaca o papel que a imagem desempenha nas culturas, pois aparecem como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares e significados. As imagens em si, sejam elas símbolos, signos ou ícones, não passam mensagens unívocas, na verdade, os grupos sociais apropriam-se delas, retirando a informação que pretendem. Nesta perspetiva, as imagens são narrativas visuais abertas e sujeitas às múltiplas leituras por aqueles que estabelecem diálogos com elas.

A globalização cultural é uma das características do tempo presente, cujo processo se traduz como uma tendência notória da evolução em curso. A tendência para uma comunicação mais baseada nas imagens (fotográficas) faz-se sentir cada vez mais. É possível que as imagens não captem as emoções tão bem quanto as palavras, mas é certo que o fazem mais rapidamente. *Miranda* (2010:1) afirma que estamos rodeados de imagens, cada vez mais sem sair de casa.

De acordo com *Campos* (2010:5) as tecnologias visuais e audiovisuais e mais recentemente as linguagens e tecnologias digitais, representam terrenos, onde as gerações mais jovens fazem uma série de aprendizagens e adquirem competências, constroem imagens do mundo, comunicam e experimentam identidades.

A estetização do quotidiano é evidente no universo juvenil, com uma forte presença da visualidade, que tudo abarca, da expressão corporal ao estilo, passando pela musicalidade,

pela poesia e inventividade que absorvem os escassos recursos do dia-a-dia na criação de monumentos à imaginação.

O cotidiano revela-se o território por excelência para a performance visual. A linguagem da imagem e do visível parece adequada ao seu mundo. É um recurso que estes dominam com mestria, conhecedores dos símbolos e códigos visuais de um mundo globalizado e em rápida mudança, familiarizados com as tecnologias e experientes na readaptação das linguagens. Os suportes são espaços de autonomia e reivindicação, tomados como telas expressivas de uma vontade. Desta forma, as culturas juvenis utilizam a visualidade como território privilegiado de diálogo e afirmação identitária, destacando-se na perspectiva de *Campos* (2010:120) na formatação da cultura visual contemporânea, porque acredita que os jovens se encontram entre os agentes culturais com maior dinamismo e criatividade na produção, manipulação e consumo de objetos e imagens de diversa ordem, sendo detentores de uma visualidade singular. As culturas juvenis atuam como expressão que codifica, através de símbolos e linguagens diversas. É de acordo com esta lógica, que a cidade tem sido apropriada por uma cultura juvenil que constrói os seus múltiplos palcos, singularmente vocacionadas para ensaiar novos idiomas mais apropriados a uma condição contemporânea pautada pela efemeridade. Apela a formatos expressivos criativos, móveis e lúdicos em ruptura com as instituições formais.

1.5. CULTURA VISUAL CONTEMPORÂNEA

A cultura visual é uma tática que permite compreender melhor a vida contemporânea. Dá prioridade à experiência quotidiana do visual, interessa-se pelos acontecimentos visuais nos quais o consumidor busca informação, significado ou prazer conectados com a tecnologia visual. Segundo a pesquisa bibliográfica realizada, torna-se importante compreender o contexto em que surgiu o conceito de cultura visual, onde vários fatores contribuíram para a sua emergência. Na perspectiva de *Mirzoeff* (1999:6) a cultura ocidental sempre privilegiou as palavras como a mais elevada forma da prática intelectual e viu as representações visuais como a 2º via de ilustração de ideias. Esta emergência da cultura visual desenvolveu a tão famosa “teoria da imagem” na medida em que tanto a ciência, como a filosofia ocidental adoptaram o pictórico, em vez do textual, como forma de ver o mundo. Esta mudança implica uma alteração significativa da noção do mundo, existindo estudos literários que defendem a teoria que o mundo como texto, foi substituído por um mundo como imagem. Os estudos culturais que emergiram no final dos anos 70 ofereceram muitas formas de pensar do uso mundano das imagens no nosso quotidiano. Um dos objetivos desses estudos foi fornecer aos observadores, cidadãos e consumidores, ferramentas para obterem um melhor entendimento de como os meios visuais nos ajudam a compreender a sociedade. Este interesse manifestado pelos estudos culturais, veio a chamar-se de cultura visual. Algumas linhas de investigação surgidas em Inglaterra e França bem como a devida integração dos estudos nos currículos universitários, deram origem à criação de cursos de cultura visual. Estes estudos automatizaram-se dos estudos culturais, bem como dos estudos dos media, tornando-se uma evidência devido à importância crescente da visualidade na civilização contemporânea. O seu crescimento acentuou-se assim que assimilaram a “cultura de massas”. Fatores como a globalização da informação e fontes de conhecimento, a intensificação das deslocações internacionais e o fortalecimento das regras de segurança, têm vindo progressivamente a implementar uma linguagem sinalizadora de cunho pictográfico. Essa linguagem icónica tem caminhado no

sentido de se autonomizar da linguagem verbal, o que é possível graças ao aumento da cultura visual dos cidadãos. A capacidade de descodificar pictogramas é hoje estimulada desde tenra idade. A proliferação tecnológica e o natural apelo humano pela imagem têm-nos conduzido a uma civilização, que cultiva imagens como forma de estar na vida.

Após esta breve resenha histórica da origem da cultura visual, é importante compreender quais os seus principais objetivos e funções a nível geral. De acordo com *Mirzoeff* (1999:37) a função primária da cultura visual é tentar que as imagens selecionem, interpretem e representem determinada realidade. Uma das suas principais tarefas é compreender como estas imagens complexas se podem agrupar. Afirmo ainda que a visualização caracteriza o mundo contemporâneo, considerando a cultura visual como uma tática para estudar a definição e as funções da vida quotidiana pós-moderna, a partir da perspectiva do consumidor, mais do que do produtor. Enfatiza que não se trata de uma história das imagens, nem depende das imagens em si mesmas, mas sim dessa tendência de plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência.

A cultura visual dirige a nossa atenção para a centralidade das experiências visuais da nossa vida diária. Resulta de uma proliferação de imagens, causada pela democratização dos meios tecnológicos, onde cada indivíduo é um produtor de imagens. Tem como características marcantes, a tendência de visualizar coisas, que não são em si visuais. Significa que a cultura visual não depende das figuras por si próprias, mas da tendência moderna de visualizar a existência, marcando assim um forte contraste entre mundo antigo e medieval. *Mirzoeff* (1999:5). Já *Hernandez*, (2000:51) afirma que a cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo, e ainda sobre modos de pensar. A sua importância primordial é mediar o processo de como olhamos, e contribuir para que os seres humanos saibam mais do que experimentaram pessoalmente. Assim, entende a cultura visual como um campo transdisciplinar multireferencial, que pode tomar os seus referentes da arte, arquitetura, história, psicologia cultural, estudos culturais, antropologia, sem se fechar sobre estas referências. Trata-se de um campo móvel, pois a cada dia se incorporam novos aspetos relacionados tanto com as representações, como com os artefatos culturais. Nessa sua abordagem não há recetores nem leitores, mas sim construtores e intérpretes, na medida em que a aproximação não é passiva ou dependente, mas sim interativa de acordo com as experiências que cada sujeito experimenta na sua vida quotidiana.

Educar tomando como referência a a cultura visual é para *Miranda* (2010:7-8) dar sentido e relevância aos saberes, significados e construções simbólicas que representam o mundo para pessoas e coletivos diferentes, de maneira inclusiva, reconhecendo a importância das formas de olhar. Para que a educação caminhe no sentido da cultura visual, é necessário utilizar variadas linguagens de arte, como banda-desenhada, vídeo clips, graffiti, publicidade ou jogos. Já *Hernandez* (2000:77-134) afirma que o visual remete à imagem, em torno da qual gira uma linguagem (conjunto de códigos visuais). Mediante a aprendizagem dos conteúdos da área de educação visual e plástica, o aluno deverá aprender a identificar esses códigos nos contextos nos quais se desenvolvem. No entanto, há que ressaltar que os objetos da cultura visual que maior presença têm entre os nossos alunos, são os que recobrem as paredes do quarto, as imagens das pastas na escola, as revistas que leem, os programas de TV a que assistem, as apresentações dos grupos musicais, os jogos de computador, as imagens da internet, a roupa e os seus ícones populares. *Hernandez* (2000:44) considera que se vivemos numa cultura dominada pela imagem, é importante que os alunos aprendam a ler e a produzir imagens. Deve-se

proporcionar aos alunos uma atitude reconstrutiva, de auto consciência da sua própria experiência, em relação às obras, artefactos, temas ou problemas que trabalham em sala de aula ou fora dela. Na mesma linha de pensamento, é de extrema importância que os professores estejam atentos ao que se passa no mundo, apresentando propostas imaginativas aos seus alunos, que lhes permitam elaborar formas de compreensão da realidade, de forma a desenvolverem projetos de vida. Para tal, os professores devem estar atentos aos objetos da cultura visual, às imagens que estão nas capas dos cadernos dos seus alunos e pastas, às revistas que lêem, aos grupos musicais e aos jogos preferidos.

Pode-se então afirmar que a educação, através da premissa da cultura visual, permite que os alunos interajam com realidades que fazem parte das suas vivências, permitindo o questionamento da realidade e da sociedade no ambiente escolar, que são propulsoras de vários sentidos. Ou seja, através da análise de diferentes obras de arte, neste caso os graffiti, os alunos conseguem interpretar a realidade circundante, reconhecendo o contexto em que as obras foram realizadas, e ainda as principais motivações do autor, de acordo com a sua própria interpretação pessoal. No mesmo contexto *Charréu*, (2010:8) defende que os documentos visuais do quotidiano, tal como a publicidade, o graffiti, e as obras de arte – constituem uma realidade que merece ser dissecada e analisada, nas suas vicissitudes, simulações e cenários difusos. Daí que, ensinar segundo as premissas da cultura visual, é termos a consciência de estarmos deliberadamente a recorrer a um ato, que é ao mesmo tempo, artístico, estético e político. Numa perspetiva mais artística *Efland* (2004:219) revela que as artes estão implicadas em processos interpretativos, proporcionando situações que promovem a capacidade de construir interpretações. Através da visualização de obras de arte, os alunos começam a reordenar a sua imaginação através de imagens percecionadas que despertam sentimentos e emoções. Este despertar, permite que os os alunos incentivem a sua própria imaginação e sejam incitados a realizarem algo novo, por eles criado, derivado do cruzamento que fizeram da interpretação da obra de arte com a sua imaginação e criatividade. A interpretação de obras, não só permite interiorizar compreensões, como também interpretar outras situações futuras, ajudando o aluno a estabelecer uma relação com o meio social e cultural de que forma parte, discernindo em relação aos mundos sociais que elas refletem. Segundo *Neves* (2010:11) a cultura visual apresenta-nos uma proposta em que obras de arte e imagens ganham uma dimensão cultural, a fim de entender o papel da arte, da imagem na vida e na cultura tão diversificada da contemporaneidade.

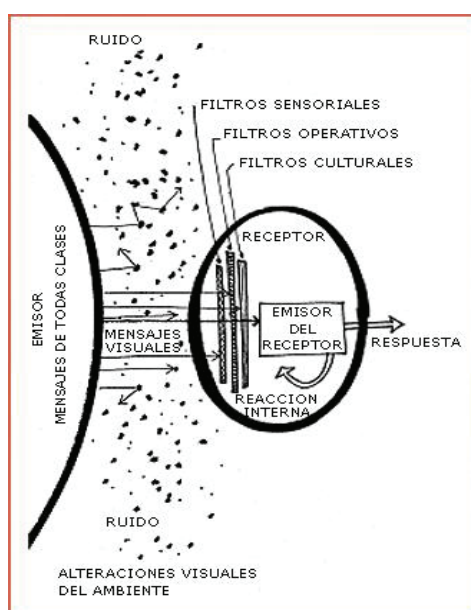
De forma conclusiva, pode-se afirmar que as contribuições da cultura visual fazem com que os educadores se questionem, sobre o estado cultural de seus educandos, reflitam e conheçam os diferentes contextos onde trabalham, possibilitando conexões entre as imagens e contextos sociais, permitindo que os educandos sejam capazes de transferir o que aprendem para outras situações e problemas, ajudando-os a desenvolver a própria identidade.

1.6. LINGUAGEM VISUAL

“O conhecimento profundo de todos os aspetos de uma mesma coisa dá ao operador visual a possibilidade de usar as imagens melhor adaptadas a uma determinada comunicação visual.” *Munari* (1968:85)

A linguagem visual é a expressão e percepção de um item, criada por elementos tais como cor, proporção, forma de letra, aspeto, textura, segundo *Bonnici* (2000:24). Permite a transmissão de mensagens emocionais às suas audiências, para que sintam o produto. Como tal, as imagens são manifestações completamente formadas, que utilizam elementos da linguagem visual, tais como a cor, proporção, tom e textura. Neste sentido, podem ser apelidadas de vozes visuais totalmente instintivas, que têm como principal função a transmissão de informação. De acordo com *Munari* (1968:78) a comunicação visual é um meio insubstituível que permite a um emissor passar as informações a um recetor, sendo condições fundamentais do seu funcionamento a exactidão das informações, a objetividade dos sinais, a codificação unitária e a ausência de falsas interpretações. Só se podem atingir estas condições se ambas as partes, entre as quais tem lugar a comunicação, conhecerem estruturalmente o fenómeno. Conhecer as imagens que nos rodeiam significa alargar as possibilidades de contacto com a realidade. Significa ver mais e perceber mais. Conhecer a comunicação visual significa aprender uma língua composta apenas por imagens, que têm o mesmo significado para as pessoas de todas as nações. A linguagem visual é mais limitada que a falada, mas mais direta, porque todos recebem continuamente comunicações visuais, das quais podem extrair considerações sem uso de palavras. As imagens que fazem parte das artes visuais, não são as únicas da comunicação visual, mas são-no também o comportamento de uma pessoa, o seu modo de vestir, a ordem ou desordem de um ambiente, um conjunto de cores ou materiais. *Munari* (1968:81).

Relativamente à temática trabalhada, o graffiti, este representa não só uma forma diferente de comunicação como também uma cultura, ideias próprias e materiais adequados para a sua representação.



Esquema 1 - Esquema de uma mensagem visual entre emissor e recetor
 Fonte: *Munari, Bruno (1968) – Design e comunicação Visual p. 91*

Este diagrama significa que a comunicação visual acontece por meio de mensagens visuais, as quais fazem parte da grande família das mensagens que atingem os nossos sentidos. *Munari* (1968:90). Ao ter apresentado um powerpoint com imagens de graffiti, emiti uma mensagem para os emissores receberem. Tendo em conta que a mensagem foi bem projetada, cada recetor possui determinados mecanismos entendidos como filtros,

através dos quais a mensagem terá de passar para ser recebida. Um desses filtros é o carácter sensorial, o outro é o operativo, pois depende das características psicofisiológicas constitutivas do recetor. Outro pode ser apelidado de cultural, que deixará passar só aquelas mensagens que o recetor reconhece, as que fazem parte do seu universo cultural.

É importante saber que somente os estímulos que ultrapassam os filtros citados e os obstáculos do meio ambiente como os ruídos, podem atingir o homem, pois cada filtro influencia a interpretação e percepção.



Esquema 2 - Esquema da estrutura da mensagem visual

Fonte: Munari, Bruno (1968) – *Design e comunicação Visual* p. 93

Através da imagem em cima colocada, conseguimos inteirar-nos que a mensagem se pode dividir em duas partes:

- Informação - transportada pela mensagem;
- Suporte visual - conjunto dos elementos que tornam visível a mensagem. Textura, forma, estrutura, módulo e movimento.

Ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, de acordo com *Cardoso e Maud* (1997) citado por *Sardelich* (2006:5). No entanto, mesmo que se constitua uma realidade, montada e/ou uma alteração da mesma, fruto da imaginação de um ou mais componentes, a imagem fixada não existe fora de um contexto ou situação. Também *Munari* (1968:87) defende que as imagens, têm um valor diferente segundo o contexto em que estão inseridas, dando informações diferentes. É no entanto possível, distinguir dois tipos de comunicações através das mensagens: a comunicação casual ou intencional. Uma comunicação casual pode ser livremente interpretada por quem a recebe, seja ela uma mensagem científica ou estética. Uma comunicação intencional deveria ser recebida na totalidade do significado pretendido, pela intenção do emissor. Por sua vez a comunicação intencional pode ser dividida em: informação estética (forma, relações volumétricas, construção tridimensional) e informação prática. Também o conteúdo da imagem é lida pelo centro intelectual. Segundo *Bonnici* (200:25) a linguagem visual fala para /e pode ser lida pelo centro emocional, nenhuma imagem está destituída de uma mensagem emocional. A linguagem visual é aquilo que o coração lê, depois do cérebro ter ficado quieto. A linguagem visual desenvolvida nesta atividade compreende-se à luz da linguagem plástica, através da utilização de contornos de maior ou menor intensidade, cores contrastantes, maior ou menor movimento da composição, a utilização das linhas com maior ou menor curvatura, em que existe uma projeção da identidade de quem cria, passando uma mensagem através da utilização de uma linguagem plástica adequada.

Assim, podemos entender o graffiti como uma linguagem gráfica visual carregada de significados, que cria alterações emocionais em que diferentes padrões e cores produzem um leque vasto de mudanças no recetor. (2000:56).

Após leitura da obra de *Bonnici* (2000) é possível, compreender que elementos básicos fazem parte da linguagem visual e como cada um deles, altera por si o estado emocional e, quando combinados, as suas próprias mensagens independentes podem ser alteradas, como podemos verificar nas imagens dos trabalhos de 3 alunos abaixo apresentadas. Significa que uma mudança nos elementos visuais e a sua mistura, evoca diferentes respostas emocionais:



Figura 7, 8 e 9 – Trabalhos desenvolvidos pelos alunos;

Proporção e espaço: São criadas diferentes impressões pelo tamanho e formato num espaço dado, mas também pela posição nesse mesmo espaço. (Ex: na Fig. 7 a clave de sol encontra-se centrada, na Fig. 8 o desenho distribui-se de forma uniforme ao longo da folha e na Fig. 9 o desenho encontra-se mais encostado às margens).

Cor: A mensagem transmitida pela cor e a transmitida pela posição são transmissoras de sentimentos e emoções.

Tom e Textura: Estes dois elementos podem transmitir estados de espírito diferentes, caso as cores sejam mais ou menos saturadas, ou consoante o tipo de texturas que se utilizem.

Aspeto gráfico: Cada aspeto gráfico comunica um estado emocional diferente.

Após esta breve análise e segundo *Bonnici* (2000:7) pode-se constatar que, independentemente das palavras que se utilizem e do conteúdo descritivo das imagens utilizadas para comunicar visualmente uma mensagem, a linguagem visual na qual as palavras e imagens estão envolvidas está a projetar a sua própria mensagem. Verifica-se igualmente que existem linhas gerais para a criação de composições, segundo *Dondis* (2003:18), mas que um conhecimento de todos esses fatores, poderá levar a uma melhor compreensão das mensagens visuais. O ambiente exerce um profundo controle sobre a nossa maneira de ver.

Aprendemos sobre coisas das quais não podemos ter experiência direta, através dos meios visuais, de demonstrações e exemplos em forma de modelo. A caixa de ferramentas de todas as comunicações visuais são os elementos básicos: o ponto, a unidade visual mínima; a linha, o articulador da forma, as formas básicas e suas infinitas variações, a direção, o impulso de movimento, que reflete o carácter das formas básicas, o tom, a presença ou ausência de luz, a cor, o elemento visual mais expressivo e emocional; a textura, ótica ou tátil; a escala ou proporção, a dimensão e o movimento. A partir destes elementos conseguem-se expressar todas as variedades de manifestações visuais, objetos, ambientes e experiências. *Dondis* (2003:19-23).

De forma conclusiva e de acordo com a leitura da obra de *Dondis* “*A sintaxe da linguagem visual*”, pode-se constatar que a estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com que ênfase essa presença ocorre. Existem muitos pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer obra visual. Um dos mais reveladores é decompô-la em elementos constitutivos, para melhor compreender o todo. A escolha dos elementos visuais que serão enfatizados e a manipulação desses elementos, está nas mãos do artista. Ele é o visualizador. Todos os elementos, o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala, a dimensão e o movimento são os componentes irredutíveis dos meios visuais, pois são os ingredientes básicos, que permitem o desenvolvimento do pensamento e comunicações visuais. Transmitem informações de forma fácil e direta, que podem ser apreendidas com naturalidade por qualquer pessoa, capaz de ver. *Jolly* (2001) citada por *Campos* (2010:28) afirma que o que entendemos por mensagem visual é algo heterogêneo, ou seja, ela reúne e coordena imagens, no sentido teórico do termo, mas também signos plásticos: cores, formas, composição interna, texturas, e igualmente signos linguísticos da linguagem verbal. A imagem é pensada enquanto unidade complexa, um objeto composto de signos plurais. Assim, o graffiti pode ser pensado enquanto imagem, produzido por alguém com o intuito de comunicar, em termos visuais, convocando para tal protocolos pictoriais e textuais diferentes.

1.7. EXPRESSÃO VISUAL

Desde os primeiros tempos de vida que o homem busca formas de expressão, procura comunicar, dar sentido a algo, superar a sua individualidade, as suas limitações, num mundo repleto de significação. Assim, a expressão é a mobilização para o exterior de manifestações interiorizadas, que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos.

A expressão visual que se apelida de graffiti nasceu no mundo urbano possibilitando a todos, o convívio com letras e imagens. De acordo com *Campos* (2010:265) o graffiti existe na cidade e para a cidade. A sua lenta exposição a um público cada vez mais alargado, através dos media e outros mediadores culturais, transforma de forma significativa o estatuto do graffiti, enquanto imagem, alterando alguns dos pressupostos de base desta arte de rua. Os writers tendem a ser pessoas com maior domínio da expressão plástica e com um imaginário visual mais rico. O graffiti contemporâneo, segundo *Campos* (2009:10) é uma prática social que confirma a habilidade que os jovens têm no uso das tecnologias.

A literacia visual das novas gerações favorece-lhes a expressão visual, que multiplicam os seus vasos comunicantes. O graffiti surge como um corolário de uma convivência prolongada com o reino das imagens, através do desenho, pintura ou fotografia em que os jovens estão acostumados às cores, formas, linhas, volumes e sombras.

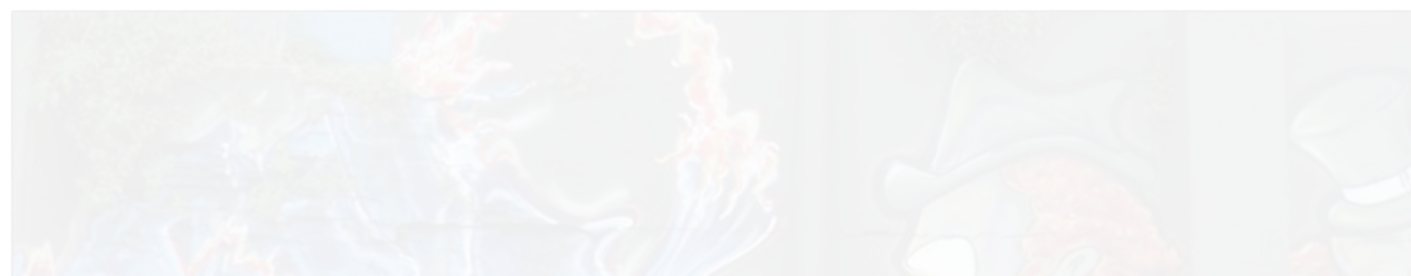
Foi a partir da expressão plástica do graffiti que implementei a atividade, desencadeando nos alunos diferentes fases de expressão. Assim, à luz de diversos autores, é possível avaliar como foi esta desenvolvida. *Ferraz e Fusari* citados por *Neves* (2010:16) enaltecem a importância de trabalhar a observação e análise com crianças, pois através desta, elas conseguem desenvolver as suas perceções pessoais. O primeiro momento da turma com o graffiti foi exatamente a troca de olhares com as imagens do Powerpoint e o resultado dessa interação. A atividade imaginativa é uma atividade

criadora por excelência, ou seja a imaginação constitui-se de novas imagens, ideias e conceitos. *Vygotsky* (1991:17) ao falar de imaginação, chama a atenção para a infinita possibilidade de poder criar novos graus de combinações, mesclando elementos reais, com imagens derivadas da fantasia, e assim sucessivamente. Através do cruzamento de dados da imaginação com as imagens registadas com a visualização dos graffitis, os alunos começaram a inspirar-se e a criar a sua própria história. O desenho espontâneo permite conhecer o universo simbólico da criança, pois a criança experimenta de forma criativa a sua expressão. *Pillar* (1996:51) afirma que [...] ao desenhar, a criança está a inter-relacionar o seu conhecimento objetivo com o imaginativo, e simultaneamente está a aprimorar o sistema de representação gráfica.

Constata-se assim, que o desenho é um estímulo para a exploração do universo imaginário, em que desenhar envolve diferentes operações mentais, tais como selecionar, relacionar e representar, que podem favorecer a formação de conceitos. Através do desenho, e de acordo com *Arregui* (2006:25) o componente emocional na obra de arte, e por qualquer objeto realizado pelo homem, sempre existiu. A exaltação dos sentimentos, é considerada o máximo ato de liberdade, de maneira que a criança terá isto como objetivo.

Também o processo de composição, é o passo mais crucial na solução dos problemas visuais. De acordo com *Dondis* (2003:28) é nesta etapa do processo criativo que o comunicador visual exerce o mais forte controle sobre o seu trabalho e tem mais oportunidade de se expressar, em plenitude, o estado de espírito que a obra se destina a transmitir. Criamos uma composição a partir de inúmeras cores e formas, texturas, tons e proporções relativas; O resultado é a composição e intenção do artista.

CAPÍTULO I I – METODOLOGIA



CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1. PLANO DE INVESTIGAÇÃO

	Ações	Recolha de dados	Calendário
FASE I	<ul style="list-style-type: none">- Definição do problema/ideia inicial;- Visita do espaço a reabilitar;- Preparação dos recursos;- Fotografia a vários graffitis na região de Lisboa;- Pedido de tintas à Dyrup.	<ul style="list-style-type: none">- Revisão bibliográfica;- Observação direta das aulas;- Recolha das motivações dos alunos;- Pesquisa de informações junto da Professora Cooperante e Diretor do Agrupamento.	17 de Outubro a 12 de Dezembro
FASE II	<ul style="list-style-type: none">- Implementação das atividades planificadas;- Análise e reflexão dos dados obtidos;- Revisão a planificação, de forma a realizar os ajustes necessários para as atividades seguintes, em função dos resultados obtidos na planificação anterior;- Recolha de dados;- Realização de uma exposição com as maquetas realizadas;- Votação da melhor maqueta pela comunidade escolar;- Pintura mural do espaço a reabilitar.	<ul style="list-style-type: none">- Revisão bibliográfica de literatura;- Registo fotográfico dos trabalhos realizados pelos alunos;- Notas de campo;- Ficha de avaliação dos alunos;- Ficha de avaliação da Professora Cooperante.	De 23 de Janeiro a 27 de Fevereiro

2.2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1. Opção metodológica

A metodologia utilizada foi a investigação-ação (I.A.), pois de acordo com *Altrichter* (1993) citado por *Afonso* (2005:74) esta destina-se a ajudar professores ou grupos de professores a enfrentarem os desafios e problemas das suas práticas, concretizando inovações de uma forma reflexível. Esta forma reflexível é evidenciada por *Altrichter*, (2005) citado por *Esteves* (2008:18) ao afirmar que a investigação-ação tem como finalidade apoiar professores, para lidarem com os desafios e problemas da prática para adotarem as inovações de forma refletida. Esta metodologia permite que os professores contribuam não só para melhorar o trabalho nas escolas que frequentam, como também para ampliar o seu conhecimento e competência profissional através da investigação que efetuam.

Segundo *Dick* (2008) citado por *Irra* (2009:60) a Investigação-ação tratar-se-á do método preferencial dos professores/investigadores, preocupados em introduzir mudanças nas suas práticas e contextos e, sobretudo, com poder criar essas mudanças a partir da sua experiência, aplicá-las e refletir sobre elas, corrigindo-as e melhorando-as eles próprios, no seu contexto natural.

De acordo com *Molina* (2007:163) a investigação-ação consiste em aprofundar o olhar sobre o ensino de forma criteriosa, para que se tenha maior domínio, uma visão clara dos pontos em que se concentram as dificuldades, organizando e testando alternativas em busca de possíveis resoluções dos problemas.

De acordo com *Esteves* (2008:11) a investigação-ação transforma, forma e informa através da produção de conhecimentos sobre a realidade em transformação.

Transforma - através de uma participação vivida, significada e negociada no processo de mudança.

Forma - produz a mudança e constrói conhecimento sobre ela.

Informa - porque o professor, participa também na avaliação dos resultados e do impacto, como parte integrante da investigação-ação.

De acordo com *Carmo & Ferreira* (2008:228) e tendo em conta a revisão bibliográfica realizada, pode-se afirmar que é um tipo de investigação que se caracteriza pela procura, através da ação, de respostas para um dado problema. O investigador pensa, idealiza e conduz a sua pesquisa, é responsável por todas as componentes do processo.

Acrescente-se que neste tipo de investigação os professores, além de investigadores, são objeto do seu próprio estudo. Esta metodologia adequa-se ao tema do trabalho a desenvolver, pois, de acordo com *Silva* (1996), citado por *Cavadas* (2011:42), a investigação-ação permite que as técnicas, os instrumentos, os meios, as metodologias e as ferramentas sejam variáveis, podendo ser selecionadas pelo investigador, consoante as situações investigadas e mediante as particularidades processuais com que se depara, daí ser uma metodologia livre que permite alguma criatividade e diversidade na escolha do material a trabalhar.

Elliot (2010), caracteriza a investigação-ação da seguinte forma:

- Trata problemas práticos, quotidianos, e experiências do dia-a-dia dos alunos. Daí a relevância da temática do graffiti, que é um tema atual da sociedade moderna.

- Compreende o problema através de uma atitude exploratória, pois os alunos são desafiados a procurar respostas, cuja construção resulta na maior parte das vezes numa nova aprendizagem.

- Descreve e narra, o que permite uma avaliação constante da prática que se implementou podendo ocorrer revisões, de forma a implementar melhorias.

- Interpreta as ações dos que vão agindo e interagindo na situação-problema, permitindo uma avaliação constante por parte do professor investigador, estando permanentemente atento ao que o rodeia.

- Utiliza uma linguagem do senso comum, existindo um fluxo livre de informações entre participantes e professor-investigador.

- É auto-reflexiva com os participantes através do diálogo, na medida em que permite que os alunos tenham oportunidade de se expressar e argumentar melhor, uma vez que privilegia o diálogo, desde o início da situação-problema até à sua conclusão.

Fischer (2001) citado por *Esteves* (2008:82) separa esta metodologia em várias fases, permitindo uma estruturação mais organizada, com um forte planeamento em todas as fases:

- *Planificação* – consiste na elaboração de uma situação-problema com base na investigação da realidade. Na planificação da ação deve haver lugar para o imprevisto e reação espontânea.

- *Ação* – engloba todos os atos de pesquisa desde o início do diálogo com os alunos, até à problematização da situação-problema. O momento de confronto entre o planeado e a realidade, onde o investigador coloca em movimento o plano estabelecido e onde entram em campo as experiências e as estratégias adquiridas.

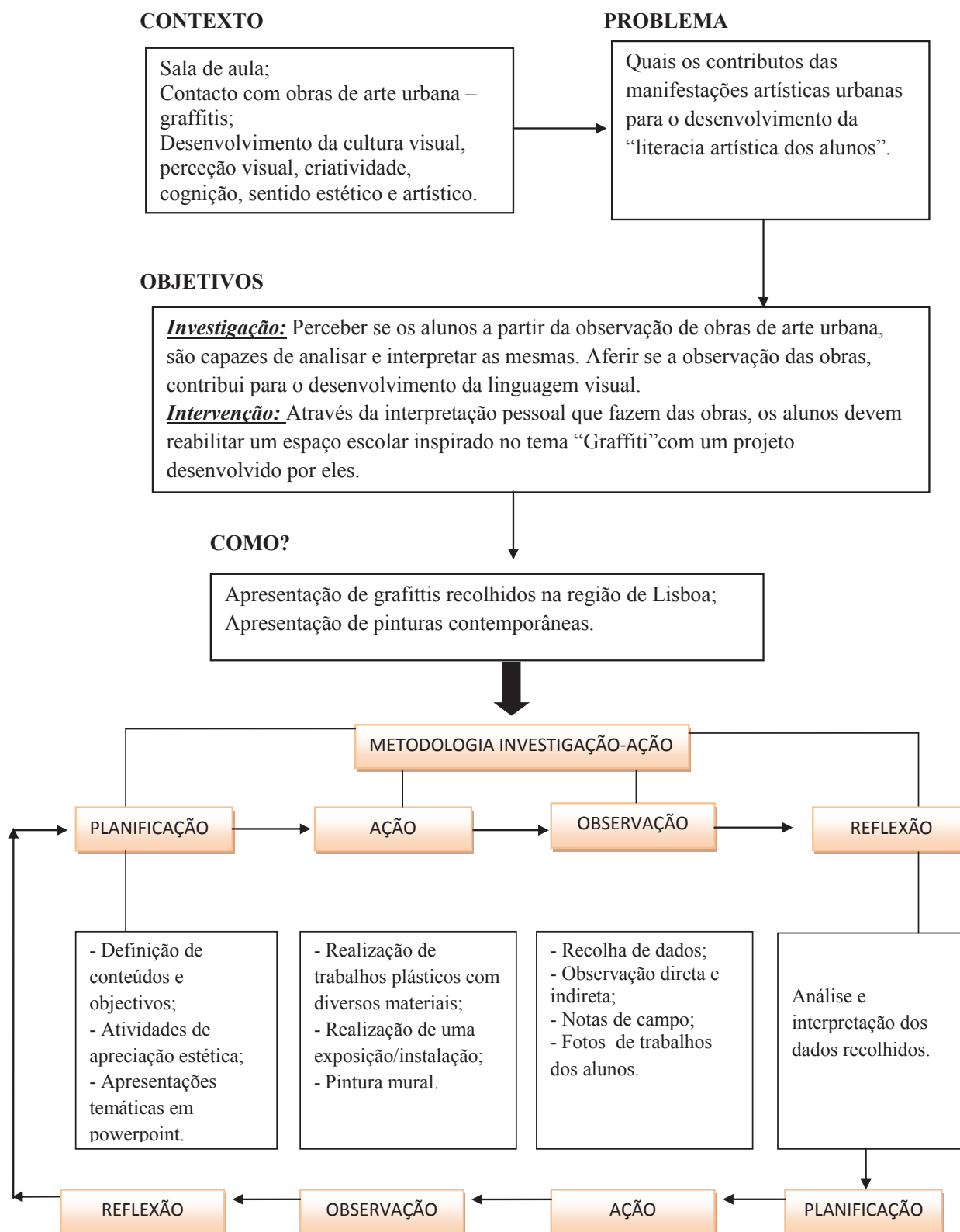
- *Reflexão* – análise das observações verificadas, de forma a destacar factos, padrões de comportamento e indicar caminhos. Momento que encerra cada ciclo do processo de investigação-ação. Aqui procuram-se novos significados, confirmam-se ideias e estabelecem-se novas questões. A reflexão é descritiva e introspetiva e é o momento que sintetiza as principais conclusões.

- *Avaliação* – avaliação sobre os resultados obtidos, de forma a realizar uma prospeção para a próxima ação. É igualmente o passo que estabelece as alterações encontradas que deverão encetar o momento seguinte.

- *Diálogo* – partilha de opiniões e modos de atuação, de forma a atingir uma conclusão final.

Através da sua aproximação com o mundo real e prático, esta metodologia coloca o professor no centro da sua própria investigação, bem como às estratégias pedagógicas que utiliza no decorrer da investigação através do conceito de self-study defendido por *Esteves* (2008:43). É um tipo de investigação “*centrado na perspectiva dos professores, orientado para o “estudo de si”, das suas ações, das suas ideias” Esteves* (2008:44).

2.3. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO



2.4. RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Uma das técnicas de recolha de dados que utilizei foi a observação direta e participante. De acordo com *Afonso* (2008:91) a observação é uma técnica útil e fidedigna, pois a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos.

A observação classifica-se como direta, quando são capturados comportamentos no momento em que eles se produzem. Neste caso específico, o investigador deve estar atento ao aparecimento e transformação dos comportamentos, os efeitos que eles produzem e os contextos em que são observados. É igualmente participante, por ser a que melhor se enquadra no perfil do professor investigador, dado consistir no estudo do estilo de vida de uma comunidade, durante um período limitado de tempo.

Podem-se distinguir dois tipos de observação: a estruturada, que recorre à utilização de fichas ou grelhas com objetivos pré-estabelecidos, e a semi-estruturada, de acordo com *Cozby*, citado por *Afonso* (2008:91), que é utilizada quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas trabalham, vivem e se relacionam num certo contexto social.

Outra das técnicas que utilizei foi o recurso ao inquérito/questionário que permite colocar a um conjunto de inquiridos, representativos de uma população, uma série de perguntas relativas às suas opiniões, atitudes, opções, expectativas e nível de conhecimentos. Os questionários foram de administração direta, pois foram os próprios inquiridos que o preenchem.

Relativamente ao tratamento de dados de natureza qualitativa, e para o tratamento de dados recolhidos durante a observação produzida, vou utilizar a análise de conteúdo. Como tal, e de acordo com *Quivy* (1992:197-205) a observação apresenta como vantagens:

- Apreensão dos comportamentos e acontecimentos no momento em que se produzem.
- Recolha de um material espontâneo.
- Autenticidade dos acontecimentos.

Desta forma, recorri à observação porque permite um registo espontâneo das atitudes e comportamentos dos alunos. Assim, é possível registar uma grande quantidade de informação tal e qual ela é. Este tipo de observação é passível de ser registada no diário de campo que me acompanhou até ao final do projeto, pois pretendi registar várias observações, que se prenderam com as condições e o espaço/disposição da sala, relação que os alunos têm com o professor e como se desenrola o seu dia-a-dia. As notas de campo e a construção de grelhas de observação, permitiram um acompanhamento constante da atividade e ajudaram a conduzir o processo de investigação, estruturando o trabalho interpretativo.

De acordo com *Quivy* (1992: 189-191) as principais vantagens do **inquérito por questionário** são:

- Conhecimento das condições e modos de vida de uma população.
- Possibilidade de quantificar dados e proceder a inúmeras análises de correlação.
- Exigência de representatividade do conjunto de entrevistados.

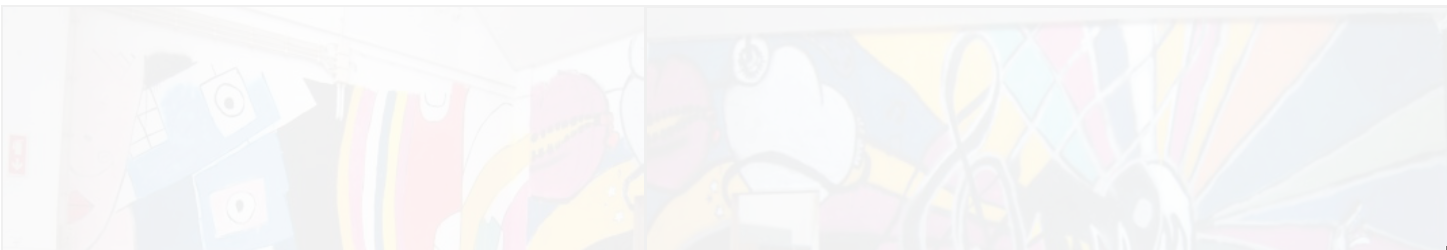
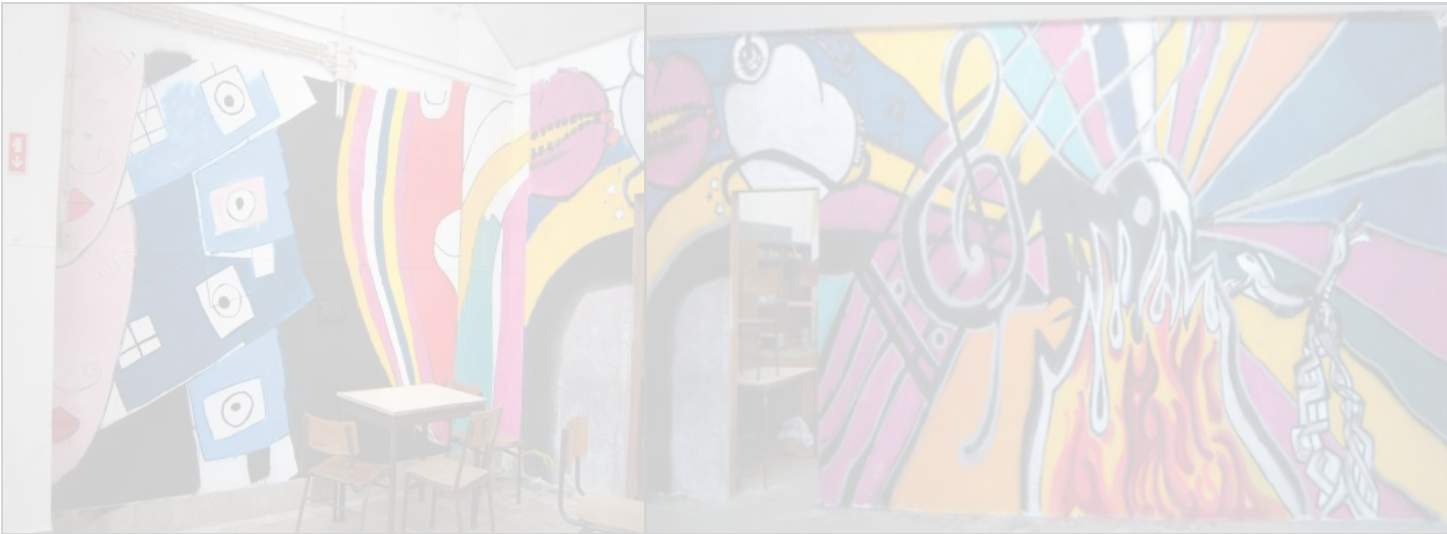
O recurso ao inquérito por questionário permitiu no final da atividade a recolha de dados sobre o processo criativo dos alunos e sobre as suas preferências ao longo da atividade.

De acordo com *Quivy* (1992: 226-231) as vantagens da **análise de conteúdo** são as seguintes:

- Distanciamento relativamente a interpretações espontâneas e em particular às suas próprias.
- Permite um controlo posterior do trabalho de investigação.
- Analisa uma grande quantidade de informações.
- Frequência do aparecimento de certas características e correlação entre as mesmas.

Quanto à análise de conteúdo, esta permitiu avaliar o diário de campo concebido, através de uma atitude que se afasta da espontaneidade, conseguindo interpretar relações e correlações de padrões e atitudes, podendo assim categorizá-las, em vários parâmetros de análise. Foi utilizada ainda a análise de conteúdo em todas as etapas dos trabalhos dos alunos, de forma a perceber a evolução da linguagem visual ao longo da atividade. Esta demonstrou-se muito benéfica para compreender quais os conteúdos que os alunos tinham assimilado, bem como a sua evolução plástica.

CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO



CAPÍTULO III - DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

3.1. CONTEXTO DO PROJETO

O projeto que implementei foi realizado no Agrupamento de Escolas Luís António Verney, situado na zona oriental do concelho de Lisboa. Os estabelecimentos de ensino que dele fazem parte correspondem às freguesias do Beato e Marvila.

Presentemente, o agrupamento é frequentado por alunos provenientes de contextos familiares pobres, com baixos níveis de qualificação e regra geral, nota-se uma forte desresponsabilização dos Encarregados de Educação na questão da direção da educação dos seus educandos. Existe um número considerável de alunos que vivem em abandono ou entregues a si próprios.

Devido à desigualdade existente entre as culturas dos meios de proveniência e as culturas da escola, os alunos desrespeitam as regras básicas de convivência social, a conservação e asseio das instalações, o material didático e mobiliário da escola, prejudicando o bem estar geral de todos no agrupamento.

É também patente, o desinteresse de alguns alunos pelos conteúdos escolares, criando por vezes situações de indisciplina e por conseguinte insucesso escolar.

3.2. PERFIL DA TURMA

A turma é constituída por dezoito alunos, sendo que cinco são do género masculino e treze são do género feminino. A média de idades ronda os 14/15 anos. Esta é uma turma composta por alunos que já a integram desde o ano letivo anterior. Na turma estão inseridos três alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Maioritariamente, os alunos indicaram como Encarregado de Educação a mãe, com a mesma residência do aluno.

Adeptos da utilização das novas tecnologias, todos os alunos têm computador em casa e utilizam-no para fazer trabalhos e ocupar os seus tempos livres.

As disciplinas que dizem preferir são Educação Tecnológica (4 alunos), História (8 alunos), Ciências Naturais (4 alunos), Música (5 alunos).

Relativamente ao modo de trabalho na aula, foram várias as atividades que disseram preferir: aulas mais práticas, visualização de filmes e vídeos, realização de trabalhos em grupo e em pares (11 alunos), matéria mais explicada, com exemplos e exercícios escritos, trabalhos de pesquisa. Quanto ao professor, os alunos afirmaram que o bom professor é o professor simpático, com sentido de humor, mas exigente e que saiba impor regras. A maioria dos alunos definiram-no como aquele que explica bem a matéria e faz resumos e dois disseram que o bom professor é compreensivo e justo.

No entanto, 7 alunos referem dificuldades na memorização da matéria dada e na concentração na sala de aula. 3 alunos revelam que têm dificuldade em considerar interessantes as disciplinas.

Nos tempos livres, todos os alunos gostam de ouvir música, todos vêem televisão, sobretudo filmes, ou saem com os amigos. 9 dizem praticar desporto, e 6 lêem. Manifestaram outros interesses, em atividades de tempos livres, como dançar, tocar guitarra e jogar jogos de consolas.

Tanto quanto foi possível apurar, todos os alunos desta turma tomam o pequeno-almoço em casa e 9 almoçam em casa e 10 na escola.

Quanto às expectativas e objetivos destes alunos, a grande maioria deseja passar o ano com boas notas. Quando inquiridos sobre as profissões que gostariam de vir a ter, a maioria diz que não sabe, 2 alunos querem ser cozinheiros, 2 querem ser biólogos marinhos e outras profissões são referidas, mas sem número relevante, como pintor, bailarina, médica pediátrica e professora de música.

De referir ainda que, dos 14 alunos, apenas 2 não frequentaram o ensino pré-escolar, 13 alunos afirmam estudar em casa, mas só 9 o fazem diariamente e a maioria com a ajuda dos pais.

3.3. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A implementação da atividade foi desenvolvida ao longo de 11 aulas de 90 minutos, tendo sido essencialmente marcada pela metodologia projetual, que se caracteriza como uma série de operações necessárias dispostas por ordem lógica, que têm como foco atingir o melhor resultado com o menor esforço. *Munari (1981:43)*.

Atividade 1 – *Compreender o conceito de arte urbana*

Com o objetivo de compreender a arte urbana e o conceito de graffiti, foi apresentado aos alunos um powerpoint com fotografias de graffitis registadas na região de Lisboa. Esta panóplia de imagens permitiu que os alunos interpretassem e analisassem algumas obras de arte urbana e debatessem algumas ideias. A atividade que se seguiu à demonstração, foi a realização de uma expressão plástica espontânea de tema livre, a que *Read (1943:139)* aponta ser a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição.

Nesta fase inicial foi dado aos alunos a oportunidade de escolherem os materiais com os quais queriam trabalhar, e alguns utilizaram canetas de feltro, outros guache e ainda lápis de cor.



Figura 10 e 11 – Expressão Plástica espontânea desenvolvidapelos alunos;

Atividade 2 – Explorar texturas

Esta atividade teve como principal objetivo a exploração das texturas dos suportes e materiais que melhor se adequam à realização do graffiti final. No início da aula, foi apresentado aos alunos um power point com algumas obras de pinturas contemporâneas, com uma linguagem semelhante ao graffiti, verificável através da utilização de cores fortes, contornos a preto nas figuras, ou imagens caricaturadas. De seguida, a atividade consistiu na seleção de um grafismo de forma livre, a partir da expressão espontânea realizada na primeira aula, com uma janela de medidas já pré-definidas.

Com a janela no local selecionado, foi pedido aos alunos que copiassem a forma que surgia em papel vegetal e que a utilizassem para iniciar um novo desenho.

Muitos alunos optaram por manipular várias vezes a forma de modo a criarem figuras sobrepostas. (Anexo).

Esta aproximação à rugosidade da parede foi treinada com o papel manteiga, que tem uma textura diferente do papel comum, e com giz, que foi um material totalmente novo para os alunos. Assim, puderam explorar a mancha e a forma, que mais tarde utilizaram na pintura mural.



Figura 12 e 13

Figura 14 e 15

Expressão plástica espontânea e orientada, desenvolvida pelos alunos;

Atividade 3 – Planta da sala bidimensional

Nas aulas nº 4 e 5 o principal objetivo foi a aquisição de conhecimentos sobre perspectiva com um ponto de fuga, para conceberem um desenho da planta da sala, onde iria ocorrer a intervenção bidimensional. Assim sendo, os alunos foram visitar a aula onde iriam posteriormente intervir, de forma a terem uma melhor noção do espaço e escalas. Após a planta estar devidamente concluída, e tendo em conta os trabalhos anteriormente realizados, os alunos começaram a desenvolver um desenho a pensar nas três paredes onde iria ser feita a intervenção, havendo o cuidado de preservar a harmonia, de umas em relação às outras, não só através da cor, como também do desenho.

Nestas aulas o desenho foi realizado e também pintado, tendo os alunos optado novamente por materiais com que se sentiam mais confortáveis, e utilizaram inclusivamente o giz, com que tinham tido a experiência anterior. Muitos utilizaram canetas para áreas mais pequenas e guache ou giz para superfícies maiores.

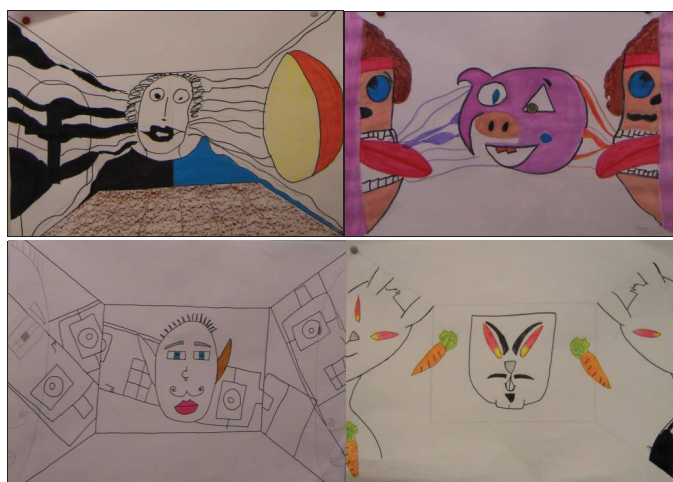


Figura 16 e 17 – Desenho em plano bidimensional, realizado pelos alunos;

Atividade 4 – Maqueta tridimensional e preparação da exposição

Nas aulas nº 6 e nº7 os alunos deram início à transição do plano bidimensional para o tridimensional, tendo realizado uma maqueta em cartão, à escala de 1:20, tendo em conta as medidas da parede real. Esta fase de maior aproximação ao projeto da parede, consistiu numa fase de muitos esboços, estudos e observação de possibilidades, na medida em que os alunos ao transitarem de um plano para o outro, realizaram várias experiências.

Houve sempre um cuidado especial na seleção das cores, no equilíbrio das formas e na relação figura/fundo.

Após concluída a fase do plano tridimensional, os trabalhos dos alunos foram expostos na entrada da escola, para apresentação à comunidade escolar dos projetos que iam ser utilizados para reabilitar a futura sala de convívio da escola.

Concluída a exposição, os alunos sugeriram ser mais interessante combinar vários trabalhos com grafismos diferentes. Assim sendo, entre todos foi decidido que projetos se poderiam combinar e projetar na parede. O projeto final que foi colocado na parede da futura sala de convívio, resultou da combinação de trabalhos de diversos alunos. Os alunos deram várias sugestões e realizaram uma combinação de trabalhos com registos gráficos semelhantes e que melhor representassem a identidade do graffiti.



Figura 18 e 19 – Maquete tridimensional realizada pelos alunos;

Atividade 5 – *Projeção ampliada na parede a intervir*

Nas aulas nº 8 e nº 9 iniciou-se a projeção dos desenhos ampliados na parede a intervir, com a ajuda de dois projetores e computadores. Os desenhos foram imediatamente contornados com pincel preto em traços espessos, mas devido à rugosidade da parede e à humidade houve a necessidade de repetir o processo mais que uma vez.



Figura 20 e 21 – Desenho ampliado na parede realizado pelos alunos

Atividade 6 – *Pintura mural e técnica do spray*

Nas 2 últimas aulas, após o término da fase dos contornos, deu-se início à pintura, numa fase inicial com tinta plástica de cores primárias, de forma a preencher todos os espaços em branco e, à medida que o desenho foi avançando, foram-se utilizando algumas cores em spray que não existiam em tinta. No final foram dados alguns retoques com sprays para dar um aspeto de “graffitizado”.

É importante referir que os alunos nunca tinham tido uma experiência com spray, pelo que inicialmente lhes foram dados alguns conselhos: como deviam segurar na lata, como deviam aproximar o spray da parede, como deviam pressionar.

Convém salientar que o processo da pintura se estendeu durante mais alguns dias, em períodos de tempo fora do período/aula, tendo sido terminado com um grupo de alunos, que manifestou interesse em permanecer no projeto, até que este fosse concluído.



Figura 22 e 23 – Pintura Mural realizada pelos alunos

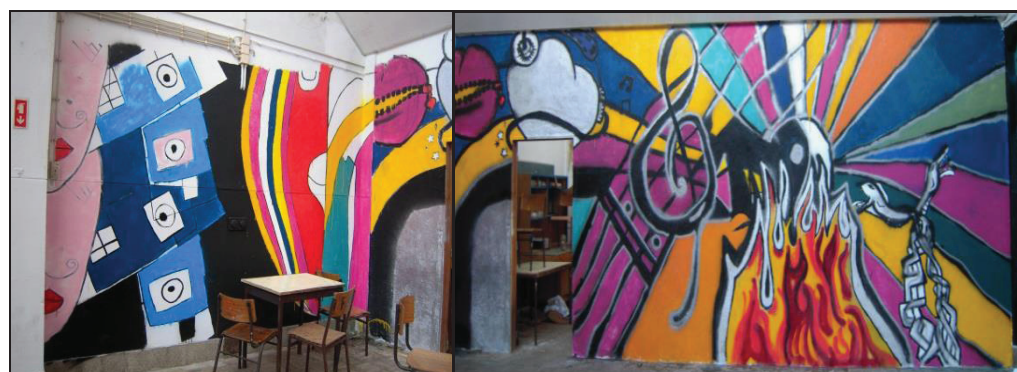
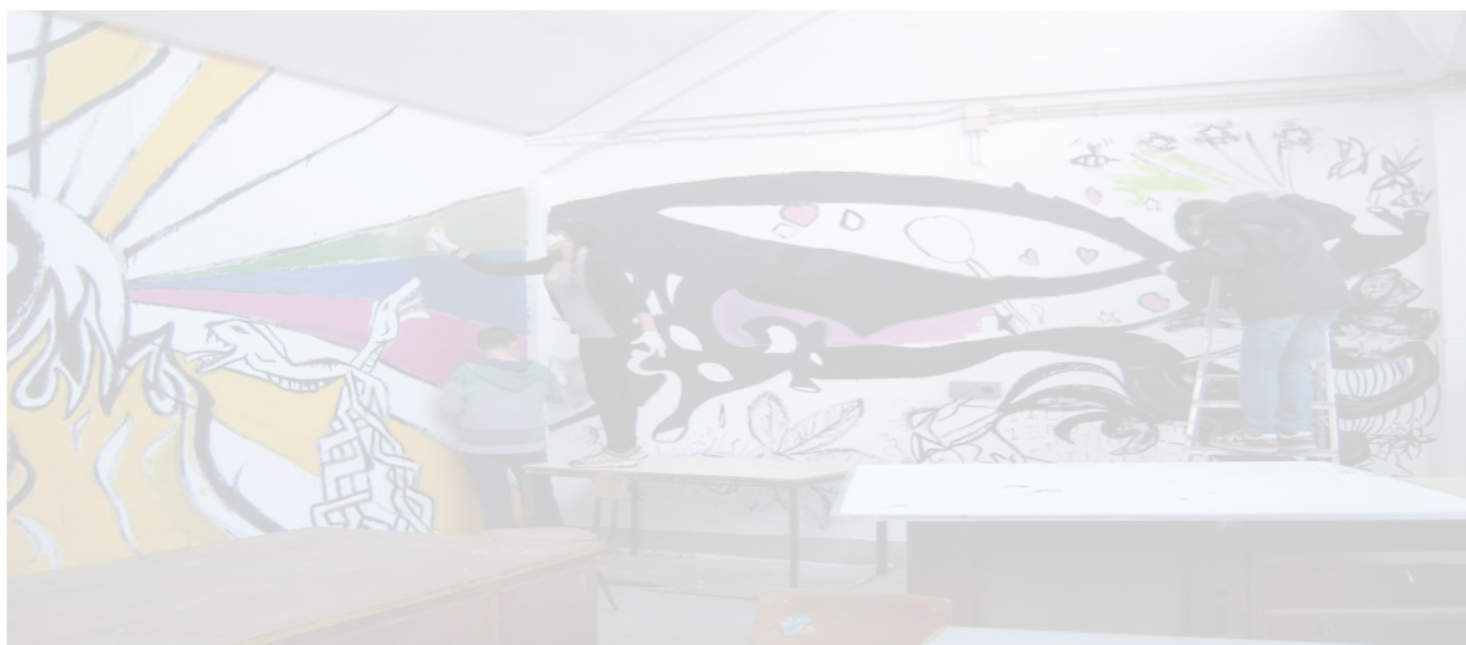


Figura 24 e 25 – Pintura Mural realizada pelos alunos

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS



CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os dados analisados resultaram da combinação de um questionário administrado no final da atividade, de uma conversa informal com alguns alunos, (registada em áudio) e da análise de conteúdo dos desenhos realizados pelos alunos nas diferentes fases do processo. No questionário foram inquiridos 16 alunos, mas na análise de conteúdo foram analisados apenas 13 alunos, porque foram aqueles que concluíram todo o processo.

Tendo em conta a primeira questão apresentada no questionário “O que aprendeste com a atividade”, pode-se constatar que os alunos responderam de maneiras bastante diferentes, o que significa que cada um interpretou a aprendizagem realizada de forma diferente. A maioria respondeu que tinha aprendido a pintar graffitis e a pintar paredes, outros referiram que era uma forma de arte divertida.

Tendo em conta que o principal objetivo do projeto consistiu na reabilitação de um espaço escolar, dando origem a uma futura sala de convívio, inquiri os alunos sobre se achavam que a escola iria melhorar depois do desenho. 8 alunas responderam que ia conferir um ambiente mais original à sala, melhor ambiente à escola, por serem cores alegres e um local de convívio; 4 responderam que como a escola está velha, uma sala não muda esse aspeto, e os restantes 4 não responderam.

Relativamente à fase do projeto mais interessante a maioria dos alunos referiu que foi a pintura, precisamente por ser uma atividade diferente do habitual, que envolve mais movimento, outra dinâmica. O facto de terem gostado mais desta fase, significa que são atividades que são pouco praticadas em escolas, mas que motivam bastante os alunos e lhes facilita a aprendizagem. Ao ser pedido para caracterizarem o trabalho, os alunos referiram que foi diferente e divertido, e outros confessaram que foi uma boa experiência. Obviamente que nem todos os alunos gostaram, o que é perfeitamente normal.

Em relação à análise de conteúdo dos desenhos realizada, pode-se constatar que após a visualização do powerpoint e dando início ao primeiro trabalho de expressão plástica espontânea, 6 alunos inspiraram-se no powerpoint para começar a desenhar, 2 limitaram-se a utilizar artefactos do dia-a-dia e 3 utilizaram o seu mundo imaginário. Isto é, não recorreram de forma direta às imagens visualizadas no powerpoint e utilizaram imagens/figuras por si idealizadas. Sendo que um dos principais objetivos de intervenção era promover o conhecimento de graffitis, ao utilizarem as imagens como ponto de partida, os alunos acabaram por interiorizar de certa forma o graffiti, comparativamente aos alunos que as não utilizaram.

Em relação às temáticas trabalhadas por cada um dos alunos, foram bastante variadas, estando relacionado com as suas experiências individuais, gostos pessoais e interesse em desenvolver determinados conteúdos artísticos. 3 alunos desenvolveram temáticas humorísticas, muito frequente na linguagem dos writers, outros 3 desenvolveram uma temática essencialmente figurativa, 2 alunos inspiraram-se em jogos e banda desenhada, 1 em música, outro em arte abstrata, rosto e graffiti. É interessante referir que 2 dos alunos que penderam para a temática humorística, se inspiraram diretamente no powerpoint, provavelmente porque absorveram alguma leitura das imagens presentes. 2 alunos com composições inteiramente figurativas, inspiraram-se no mundo imaginário. Tendo em conta que um dos objetivos de investigação se baseia, na utilização adequada da linguagem visual, pode-se constatar que 6 alunos utilizaram uma linguagem visual a nível de linhas retas, curvas e circulares, 3 além das retas e curvas utilizaram formas

onduladas e apenas 2 utilizaram linhas curvas acentuadas, ângulos e paralelas. Significa que a maioria da turma utilizou uma linguagem visual básica, desenvolvida em ciclos de ensino anterior, pois limitaram-se a conjugar 2, no máximo 3 tipos de linhas diferentes, o que para uma composição é limitador e pouco exploratório.

Ao nível da utilização da cor, que é um dos componentes mais fortes utilizados pelos writers, 6 alunos contornaram as figuras a preto, o que é algo frequente neste tipo de arte, mas apenas 3 experimentaram diferentes espessuras de linhas e intensidades. Nas restantes composições a linha manteve-se sempre igual, gerando uma composição mais monótona. Em relação ao contraste de cores, este foi trabalhado por 7 alunos, o que é bastante significativo pois a nível do graffiti o contraste é algo sempre presente, pois a tónica é a mensagem e o não passar despercebida aos olhos de quem passa. Apenas 6 tiveram em conta e alguma atenção com a combinação de cores, despertando um determinado sentido estético. O uso da mancha foi algo muito explorado por esta turma, pois 7 alunos foram-na utilizando durante o desenvolvimento do trabalho, tanto numa fase inicial, como na parte final. As gradações de claro/escuro foram menos utilizadas, bem como a sombra, pois requer um maior domínio da técnica de pintura e da linguagem visual. Assim, só 3 alunos conseguiram criar este efeito. Verificou-se ainda neste grupo de alunos, que 3 registaram dificuldade de pintura, não só por não terem conseguido cumprir os prazos de realização do trabalho, como também devido à falta de técnica, aparecendo desenhos pouco homogêneos e com áreas em branco.

A nível da textura, de forma mais complexa ou mais simples foi aplicada por 9 alunos, o que significa que os alunos estão atentos a este elemento da linguagem visual, tão importante nas composições. Esta experimentação deveu-se também à utilização de papel manteiga, de textura semelhante à parede, e ao giz que permite experimentações mais plásticas que as canetas de feltro ou mesmo os lápis de cor.

A nível da composição de um modo geral é caracterizada por ser simples, pois 7 alunos optaram por não ultrapassar em larga escala a sua área de conforto, cingindo-se ao mais confortável. Já 3 alunos registaram um grau de composição mais complexa, devido à originalidade e diversidade de formas e manipulações de cor empregues.

No entanto, é interessante verificar que houve uma evolução geral a nível da composição, pois os alunos foram evoluindo à medida que as fases do trabalho foram avançando, através da inclusão de novos elementos na composição, linhas mais complexas, mais cores. Apesar disto, houve apenas um aluno capaz de diminuir e aumentar sucessivamente a complexidade da composição, consoante o desejado, o que demonstra um domínio da linguagem visual bastante avançando e uma grande confiança em si próprio e no seu trabalho. Outros 8 alunos optaram por introduzir novos elementos e desses 8, apenas 5, na progressão para desenhos posteriores, recolheram elementos de desenhos anteriores, sendo esse um dos grandes objetivos do trabalho. Registou-se ainda que 2 alunas perderam o sentido da composição, por não terem seguido uma linha objetiva, de uns desenhos para os outros. A própria introdução de formas desconexas e sem estarem enquadradas no desenho, deu origem a essa situação.

A nível das formas utilizadas, verificou-se o uso da repetição de elementos por 4 alunos, introdução de movimento na composição por 2 alunos, 1 aluno utilizou a fusão, em que juntou uma forma a outra completamente diferente, criando uma nova figura. 4 alunos utilizaram a sobreposição. 6 alunos utilizaram a manipulação, como ferramenta de grande utilidade na composição, na medida em que colocaram as formas desenhadas em diferentes posições e contextos, 5 alunos utilizaram a proporção e a ampliação de elementos pertencentes à composição, havendo essa preocupação com a ocupação do plano da folha. Apenas 1 aluna registou uma forma com pouco desenvolvimento. Pode-se inferir que ao nível da forma, os alunos se esforçaram por alcançar vários resultados,

recorrendo a diversas metodologias para o conseguir. Regista-se que 5 alunos utilizaram três tipos de configuração da forma na sua composição, o que demonstra a vontade de experienciar novas soluções, permitindo assim um maior desenvolvimento da linguagem visual. 3 utilizaram apenas dois, outros 3 utilizaram somente um, e 1 aluna não utilizou nenhum.

Ao nível dos materiais verificou-se, desde o início do trabalho, que a diversidade foi um dos pontos-chave. Assim, 8 alunos utilizaram três materiais diferentes ao longo da composição, entre giz, guache, canetas de feltro e lápis de cor; 1 aluno apenas utilizou dois materiais e os restantes alunos combinaram entre três ou mais materiais. Isto significa que a maioria da turma satisfez-se com o resultado cromático de alguns materiais, enquanto que outros sentiram necessidade de acrescentar maior intensidade plástica à composição e, como tal, utilizaram uma maior diversidade de materiais.

Relativamente à aproximação da linguagem plástica do graffiti, constatou-se que houve uma aproximação por parte de 4 alunos através da temática escolhida, devido à exploração de temáticas humorísticas tão características dos writers; 2 desses alunos registaram uma aproximação lenta, verificada através da introdução do contorno a preto; em 5 alunos não houve registos de nenhum tipo de aproximação; 1 aluno aproximou-se através da mensagem transmitida; 3 alunos aproximaram-se através do desenvolvimento da sua composição gráfica sendo os mesmos que dominam a linguagem visual; 4 alunos apresentaram pouca sensibilidade para a temática da atividade, registando-se alguma falta de interesse. 9 alunos utilizaram ao longo da composição, artefactos do dia-a-dia, pois são elementos que visualizam habitualmente, cujo significado conhecem, devido a estarem associados ao seu quotidiano. Os elementos mais representados foram o sol, corações, flores, gelados e estrelas. 3 alunos não utilizaram qualquer elemento recolhido do dia-a-dia para a sua composição. 7 apresentaram uma composição essencialmente figurativa, e 5 apresentaram uma combinação figurativa e abstrata. 1 aluno utilizou apenas uma composição inteiramente abstrata.

Relativamente à expressão de ideias e sentimentos, constata-se que 5 alunos desenharam aquilo com que se identificam e o que gostam. Outros alunos representaram situações que conhecem, nomeadamente histórias que fundem com o seu mundo imaginário. Outros recorreram a imagens retiradas de locais e acrescentaram novos elementos.

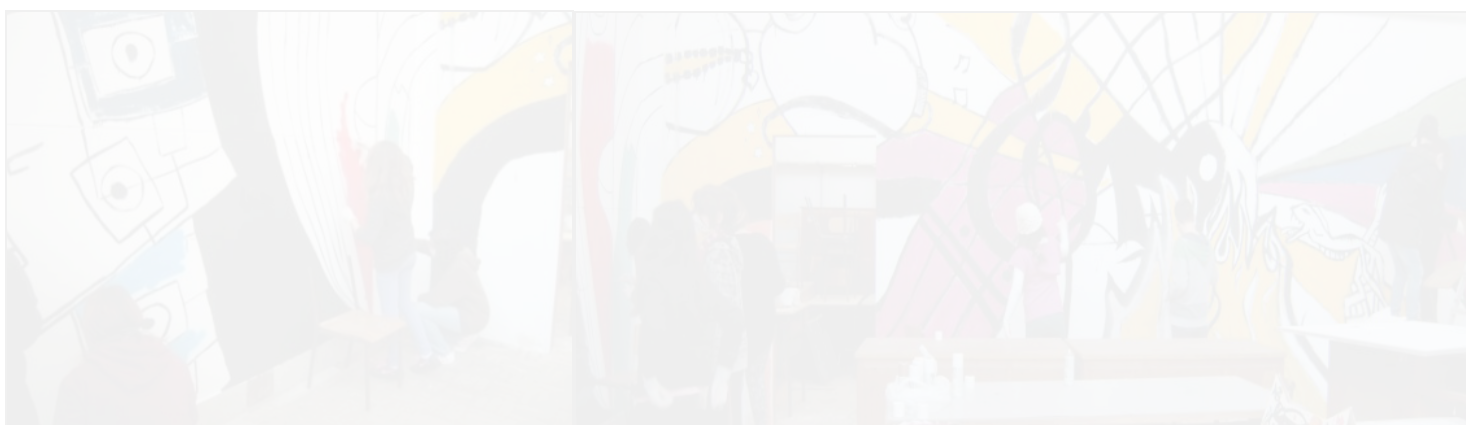
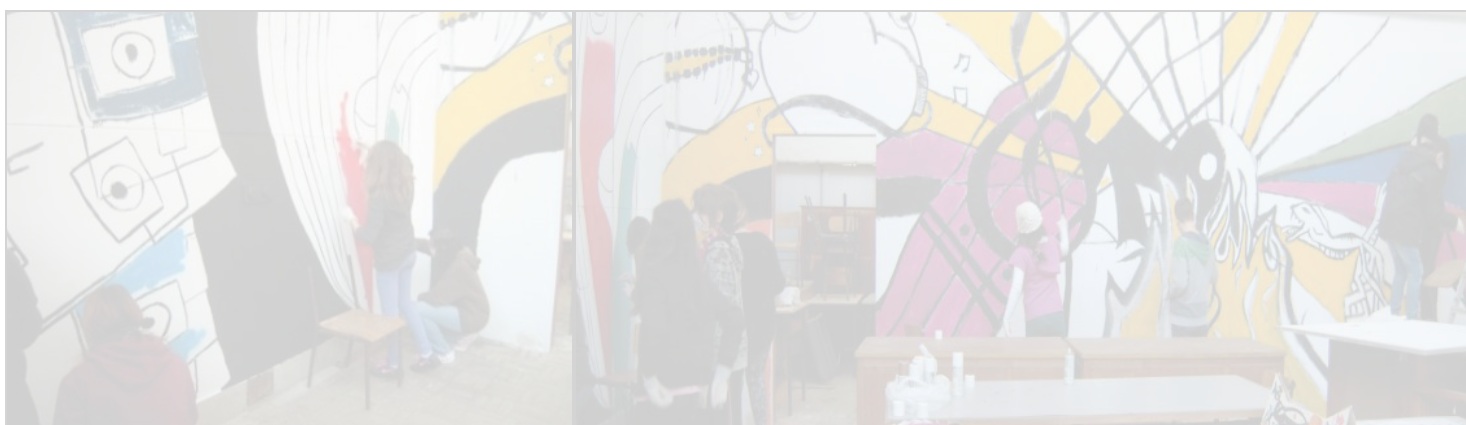
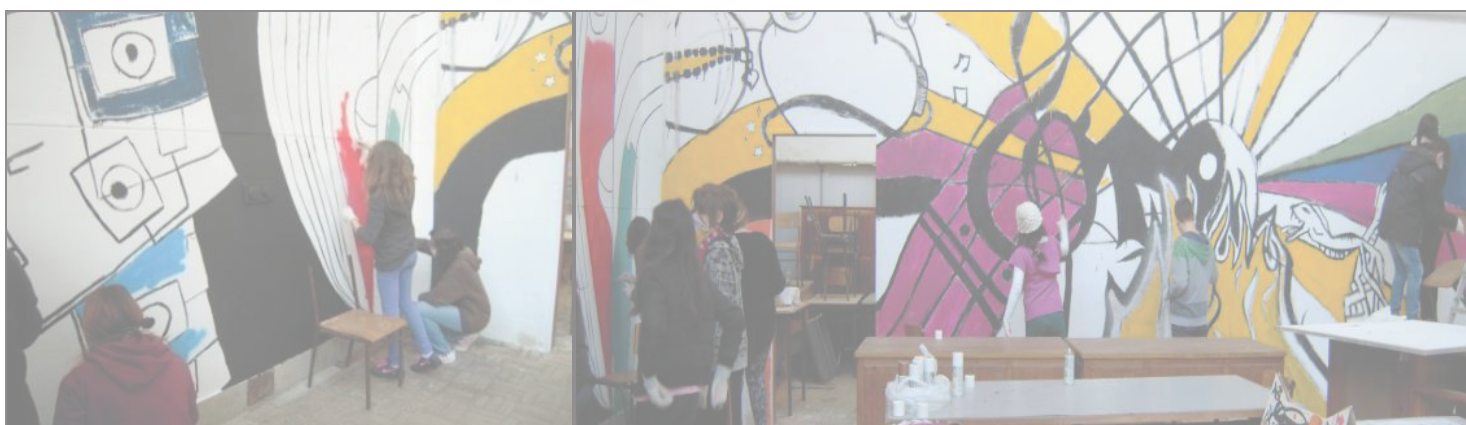
Outros combinaram imagens retiradas do powerpoint com elementos do imaginário. 1 aluna utilizou desenhos seus para se inspirar. 1 aluno realizou o seu auto-retrato; 2 alunos utilizaram jogos de computador como ponto de partida no seu trabalho. Ao nível da expressão artística e individual, houve 8 alunos que conseguiram manter uma articulação lógica do início ao final do trabalho. Apesar de alguns terem começado com algumas dificuldades, nomeadamente indecisões, pouca coerência, que foram sendo melhoradas com o desenvolvimento, 4 alunos conseguiram transmitir sentimentos através do desenho, pois este surgiu de forma clara e com coerência; 6 alunos exteriorizam melhor os sentimentos através da pintura. Verificou-se apesar de tudo, que 8 alunos precisam desenvolver competências, não só na área da pintura, como também no desenho, pois estas surgem nalguns casos condicionadas, pouco desenvolvidas, e num dos casos é mesmo inferior à dos restantes colegas.

Ao nível da auto-avaliação realizada pelos alunos, constatou-se que, de uma forma geral, se mantiveram empenhados ao longo da atividade, compreendendo todas as etapas do trabalho e os objetivos pretendidos. A maior parte da turma entendeu os vários tipos de graffiti e conseguiu distingui-los posteriormente. A maioria afirmou ter tido muita

facilidade na utilização/combinção dos materiais diversificados, o que demonstra que ao nível de materiais, têm sido bastante estimulados e estão habituados a utilizar materiais diversificados. Ao nível das técnicas de pintura utilizadas, a maioria da turma concebeu-as com muita facilidade. Ao nível da compreensão das etapas do trabalho, apenas metade da turma as compreendeu, possivelmente por considerarem que foi uma atividade demasiado extensa, com várias etapas. Apenas metade da turma executou todas as etapas do trabalho, pois houve alunos que mesmo concluindo o trabalho, deixaram incompletas partes do processo. Relativamente à utilização do spray na parede, uma percentagem pequena indicou que tinha tido muita facilidade, os restantes já sentiram mais dificuldade e menos destreza na pintura. Todavia, convém salientar que nenhum dos alunos conhecia o spray, como forma de pintura.

Ao nível da criatividade, os alunos têm consciência das suas limitações e apenas 33% da turma se considerou bastante criativa, os restantes afirmaram que, nem sempre conseguem ser criativos com a facilidade que gostariam.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES DO ESTUDO



CAPÍTULO V - CONCLUSÕES DO ESTUDO

A oficina de arte mural propôs uma relação dialógica, tendo presente a possibilidade de debater sobre temas do cotidiano, de abordar alguns princípios estéticos ao introduzir alguns conhecimentos básicos relativos à cor, à pintura, à arte mural, à composição de projetos, ao trabalho em equipa e à experiência corporal de sentir e ver a pintura ganhar forma.

Foi uma experiência pessoal, motivada pela necessidade de melhorar as nossas práticas letivas, pelo desejo de trabalhar a partir da cultura visual e aprender com os resultados. É altura de refletir sobre esta experiência e o modo como ela poderá contribuir para alterar as nossas práticas letivas. Os alunos mostraram-se sempre interessados e participativos, manifestando grande expectativa face às atividades propostas. Os alunos adaptaram-se rapidamente ao método utilizado e assimilaram os conteúdos transmitidos, aplicando-os a novos contextos e situações. Através desta experiência verificámos mais uma vez que o papel do professor é o de um criador, de um orientador: não nos podemos restringir ao que os alunos já fazem naturalmente, mas temos de lhes inculcar o gosto pela descoberta, motivá-los em relação ao que ainda não dominam, dando-lhes as ferramentas necessárias.

Pareceu-me de extrema importância iniciar a atividade com uma apresentação de graffiti, na medida em que isso os fez compreender melhor o mundo que os rodeia, perceber que a arte também pode estar na rua, ou no bairro. Através da imaginação e das experiências dos alunos, aliados à sua linguagem visual, eles perceberam a importância de transmitir aquilo que sentem, através de uma expressão pessoal. Reforçar a ideia de que esta expressão é válida, foi extremamente importante para cada um dos envolvidos, o que lhes permitiu evoluir ao longo do trabalho. Isto funcionou igualmente como uma força impulsionadora para a realização de trabalhos de artes plásticas, proporcionando entusiasmo e destruindo medos e inibições. A sua própria produção plástica faz com que olhem para a produção dos outros, de forma diferente, respeitando-a numa atitude de cidadania, levando-os a procurar soluções e novos caminhos de exploração.

Esta atividade proporcionou aos alunos o prazer de se exprimirem livremente, com novas ferramentas. Deu-lhes a possibilidade de testar as suas capacidades de descoberta e de análise, de aprender mais sobre o mundo da arte, sem abandonar as suas experiências de vida, sensibilidade ou percepção.

Relativamente às novas tendências que começam a despoletar no campo da Educação Artística, e que apontam para uma nova mudança de paradigma no sentido de constituir a cultura visual no seu principal objeto de estudo, considero que faz todo o sentido incluir nas nossas práticas letivas, imagens da cultura visual e popular, uma vez os nossos alunos estão imersos nelas e elas fazem parte das suas vidas e experiências. Como refere *Paul Duncum (in Fróis 2000)* aquilo que sabemos atualmente sobre o mundo, sem ser através da nossa experiência pessoal, adquirimos sobre a forma de imagens. Há pouco tempo procurava-se informação sobre determinados temas em livros, agora os alunos utilizam a internet e os computadores para captar imagens, bem como informação e/ou inspiração.

Refletindo sobre a intervenção realizada, concluo este projeto com ideias mais claras sobre a investigação a que me propus. O desenvolvimento e organização do

trabalho por etapas, permitiu o desenvolvimento de várias competências, de acordo com o nível etário e cultural dos alunos e sua capacidade de aprendizagem. Esta metodologia permitiu observar e tirar conclusões sobre o estudo a que me tinha proposto, centrado essencialmente no desenvolvimento da linguagem visual e da capacidade de expressão de ideias e sentimentos.

A primeira parte do trabalho permitiu compreender de que forma absorvem os alunos a informação presente no ambiente que os rodeia, através da introdução em sala de aula de algo pertencente ao seu universo – O graffiti. Foi notório que grande parte dos alunos nunca tinha sido confrontado com esta forma artística, apesar de a conhecerem e de saberem onde a podiam encontrar. Mostraram desde o início um grande entusiasmo pela atividade, pelo facto de ser uma temática nova e próxima das suas experiências de vida.

Recorrendo/utilizando a expressão espontânea verificou-se que a maioria dos alunos apresenta uma linguagem visual pouco desenvolvida, que se cinge ao básico, com pouca capacidade de autonomia ou perspicácia que lhes permita progredir para estágios superiores. Nesta turma existiam claramente exceções, uma minoria de alunos com uma linguagem visual extremamente desenvolvida, fruto de trabalhos ligados às artes, que desenvolvem em atividades extra escola, o que lhes permitiu um maior envolvimento no projeto. Noutros alunos notou-se uma grande dificuldade em se exprimirem no papel, com dificuldades no desenho e, conseqüentemente, na transmissão clara de ideias.

Na terceira fase do trabalho, em que foi dado a conhecer aos alunos um novo material de um modo geral, todos conseguiram tirar o devido partido do mesmo, recriando manchas, experimentando novas texturas. Nesta fase houve realmente um trabalho mais consolidado por parte dos alunos, o que permitiu concluir que estes alunos estão habituados a trabalhar com vários materiais, tendo-se verificado que estavam muito à vontade com guache, lápis de cor, lápis de cera e carvão.

Na quarta fase do trabalho, foram dadas algumas noções de bidimensionalidade e de medidas. Em termos globais quer na organização da composição, quer na perceção do espaço, os alunos manifestaram algumas dificuldades, resultantes da falta de autonomia. A apreensão do conceito, mesmo após terem visualizado a sala, não foi de fácil entendimento. Na quinta fase do trabalho a passagem do plano bidimensional para o tridimensional já foi melhor percecionado e não houve registo de dificuldades. Constatou-se que foi uma atividade rica, em termos de temática, na medida em que se aproximou do universo dos alunos, permitindo um enriquecimento e melhoramento da linguagem visual.

Na última fase do trabalho, que consistiu na passagem do desenho para a parede e da aplicação do spray, houve um grande esforço por parte dos alunos por aprenderem e dominarem a técnica, tendo resultado num ótimo trabalho de qualidade plástica.

Saliente-se que os alunos participaram nesta atividade com entusiasmo, mas necessitam de ser mais estimulados através da imagem, sendo esta um dos melhores meios para o efeito, porque lhes é mais familiar. Na verdade, sendo a motivação e a imaginação muito importantes, a nível do desenho deve insistir-se num maior treino, através de exercícios adequados.

Quanto à destreza com os materiais verificou-se estar muito acima da média, pois além de dominarem as técnicas na grande maioria dos casos, utilizaram grandes diversidades de materiais. Destacaram-se alguns alunos muito desenvolvidos a nível de desenho, outros mais a nível de pintura. Uma vez que o desenho e a pintura são os meios integrados de representação da linguagem visual, a sua harmonia deve ser melhor articulada.

A maioria das composições são simples, sendo que os alunos evitam sair da sua área de conforto. No entanto, registou-se uma evolução da mesma, ao longo das várias etapas em que os alunos foram sempre acrescentando novos elementos nos desenhos posteriores, manipularam a forma através da repetição, movimento, mudanças de direção, manifestando-se um desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.

No final, todos os alunos conseguiram construir uma história, transmitir uma mensagem, tendo realizado, de uma forma mais ou menos evoluída, uma tentativa de transmissão de sentimentos através da pintura e do desenho. Prova disso é a relação existente entre os desenhos dos alunos e a preocupação de introduzir uma linha condutora entre os desenhos.

Este trabalho permitiu alargar o conhecimento que os alunos tinham do graffiti, tendo sido feito um esforço por parte dos mesmos, por introduzir algumas técnicas de pintura que se assemelhavam ao graffiti nos seus desenhos, nomeadamente os contornos a preto, a combinação e contraste de cores, as várias intensidades e espessuras dos contornos. Assim, constatou-se que os alunos perceberam o que é o graffiti, quais as mensagens que os writers pretendem transmitir e que técnicas utilizam.

Basicamente este projeto resultou na aquisição de umas competências e no desenvolvimento de outras, permitindo aos alunos aplicar um desenho numa parede com o intuito de a reabilitar, de tornar o local mais bonito. E isso foi conseguido.

5.1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O tempo de execução do projeto e algumas das etapas necessárias foram extremamente demoradas, criando alguma falta de interesse nalguns alunos, que chegados à etapa da pintura final da parede, já não tinham muito interesse em concluir o trabalho. A manifesta falta de recursos foi também um facilitador dessa situação.

Uma das limitações patentes no projeto foi as condições de trabalho em que o mesmo foi realizado. Tendo em conta que a intervenção numa parede de uma sala, que não era usada, foi proposta pela escola, não foram respeitadas as condições de segurança e trabalho por parte da instituição. As tintas fornecidas pela escola, eram tintas plásticas em vez de tintas de água, dificultando não só o processo de pintura, como também o nível de toxicidade da tinta, que era demasiado elevado para utilizar com os alunos. Durante o processo de pintura não existiam escadotes suficientes, a sala era demasiado húmida e os alunos nem sempre traziam a roupa adequada, como havia sido combinado. Houve igualmente um descuido da minha parte por esta situação.

Os recursos e as burocracias da escola foram limitadores quanto à celeridade da pintura, na medida em que não havia a possibilidade de lavagem dos pincéis, estragando-se muitos, e muito menos havia diluente. Todas estas situações criaram alguns obstáculos não só para mim enquanto professora, como também para os alunos.

Por fim, a realização do questionário aos alunos, devia ter sido efetuada no final de cada etapa, pois devido à demora do projeto, muitos deles já não se lembravam de como se tinha desenrolado o processo criativo e que ideias tinham surgido.

No entanto, o objetivo traçado inicialmente foi cumprido, e o resultado final foi muito interessante, mostrando à comunidade educativa um espaço agora reabilitado, de acordo com a filosofia dos alunos.

5.2. IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS

As implicações educativas deste estudo contemplam várias vertentes. Primeiro, foi um projeto ambicioso não só para mim enquanto mera aprendiz deste ofício, como também para os alunos, que senti estarem pouco preparados dos anos anteriores para executarem um projeto destes. É necessário fornecer aos alunos ferramentas fundamentais, para que possam alcançar os seus objetivos. Com esta atividade questionei-me realmente sobre os verdadeiros conteúdos dos programas e os próprios desafios lançados pelos professores aos alunos.

O papel do professor reside em utilizar estratégias de motivação, capazes de fazer com que o processo de ensino e aprendizagem conduza a mudanças no aluno. Estas deverão ser provocadas ao nível da criatividade, expressividade, atitudes e comportamentos. Tendo como suporte o graffiti foram concebidas e implementadas atividades e experiências de ensino e aprendizagem, conducentes ao desenvolvimento global do aluno no que concerne aos seus conhecimentos, capacidades e competências.

Para os alunos, esta experiência contribuiu na medida em que agora serão mais capazes de olhar em seu redor, estar atentos a pormenores, focarem-se mais na imagem para compreenderem melhor o que os rodeia. Foi um trabalho que desafiou a criatividade dos alunos e a expressão de sentimentos, através da sua própria linguagem visual, o que talvez lhes tenha permitido moldar melhor a sua identidade e descobrir melhor quem são. O facto de se fundirem com uma realidade praticamente desconhecida, tentarem aprender uma técnica, compreendê-la, colocarem-se na pele do artista, apresenta a dimensão alcançada com este trabalho. Os alunos sentiram-se pequenos artistas que contribuíram para algo, neste caso, para a mudança de um espaço, que se traduziu numa melhoria, um pingó de arte no seu ambiente de estudo e de trabalho.

O facto dos alunos terem intervindo num espaço, que é também utilizado pela associação de estudantes e que por isso mesmo, promove a reunião de alunos, fez com que os envolvidos sentissem que estavam a valorizar mais o espaço comum através da arte, sentindo-se mais próximos de todos eles, durante a execução do projeto do graffiti. Este projeto pode ter ajudado também à integração dos alunos no grupo/escola.

Contribuiu também para a inclusão de elementos da cultura visual no dia-a-dia dos alunos, pois só desta forma as aulas e os conteúdos fazem mais sentido, afinal de contas é o universo deles que é aqui abordado. Penso que pode servir como ponto de partida para outros projetos, e prova disso é o facto da Professora Cooperante ter utilizado a ideia com outras turmas. Talvez signifique que provoqueei algum tipo de reflexão ou suscitei algum interesse nos alunos.

É um exemplo de como algo tão banal, que inunda a nossa cidade como o graffiti, pode dar origem a desenvolvimentos tão interessantes, onde se trabalham variadas competências, como a manipulação de materiais diferentes, linguagem visual, levando os alunos a questionar-se sobre arte, história da arte e técnicas, fazendo-os crescer mais um bocadinho neste mundo da imagem.

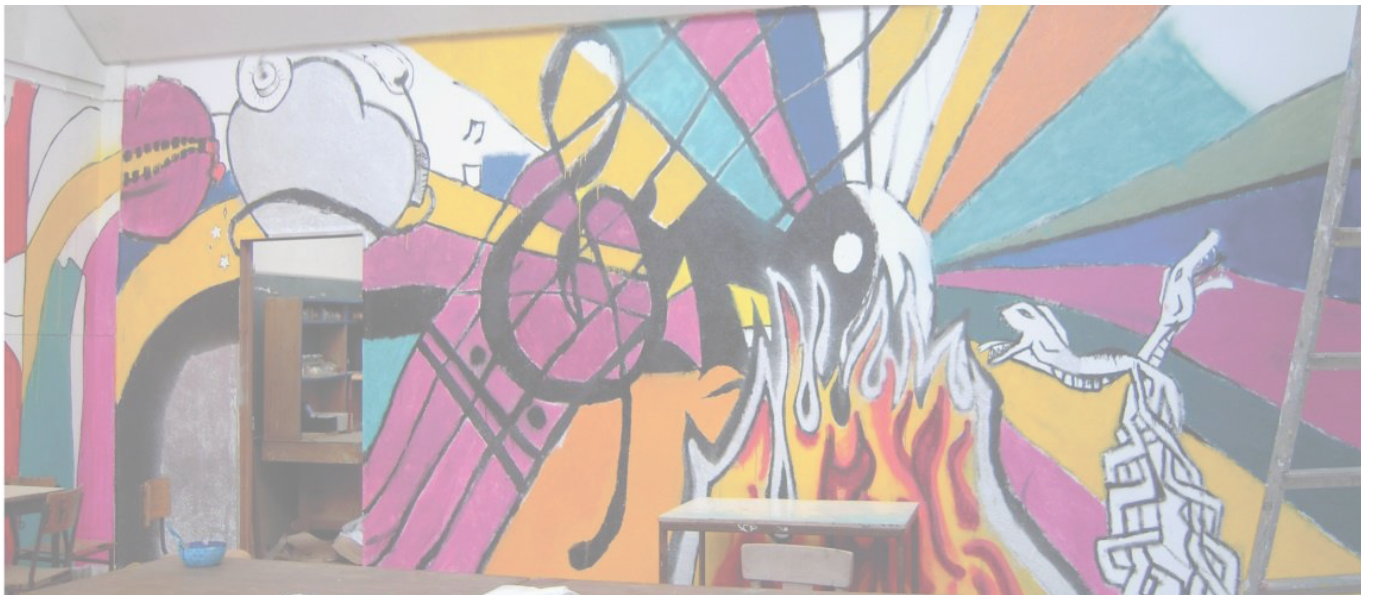
BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Natércio (2005). *Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico*. Porto: Asa;
- ARREGUI, RocioPradas (2006) – *La enseñanza del arte contemporáneo através del dibujo en educación secundaria obligatoria*. Thesis doctoral – Universidad de Sevilla.
- BACELAR, Jorge (1999) – *Notas sobre a mais velha arte do Mundo* – Universidade da Beira Interior;
- BONNICI, Peter (2000). *Linguagem Visual – O misterioso meio de comunicação (2000) – Design fundamentals* – Destart, Lisboa;
- CAMPOS, Ricardo (2010) – *Juventude e visualidade no mundo contemporâneo – Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis* – *Sociologia, problemas e práticas* nº 63;
- CAMPOS, Ricardo (2010) – *Porque pintamos a cidade? – Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano* – *Fim de século*;
- CANTON, Katia (2009). *Narrativas Enviesadas*. São Paulo: Martins Fontes,
- CARMO, H, & Ferreira M. (2008). *Metodologia de Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. 2º edição. Lisboa. Universidade Aberta
- CAVADAS, Leandro Ricardo Nogueira (2011). *Mestrado em Arte e Educação*. Universidade Aberta. Lisboa;
- CHARRÉU, Leornado (2010) – *Cultura visual e transversalidade disciplinar: Definindo as bases de uma forma de pedagogia critica*. Universidade de Évora.
- CURRICULUM Nacional do ensino básico - competências essenciais. - Educação Visual e Educação Tecnológica.
- DIEGO, Jesus (2000) - *Graffiti – La palabra e la imagen – Un estudio de la expresión en las culturas urbanas en el fin del siglo XX – Los libros de la frontera* – Barcelona
- DONDIS, A. Donis (1997) – *Sintaxe da linguagem visual* – Martins Fontes;
- DORFLES, Gillo (1965) - *Novos ritos, novos mitos - Arte e comunicação* – edições 70
- EFLAND, Artur (2004) – *Arte e Cognicion – La integracion de las artes visuales en el curriculum*. Barcelona;
- ELLIOT, J. (2010). *Building Educational Theory througg Action Research*. In S. Noffke, & B. Somekh; *Handbook of Educational Action Research*. London: Sage.

- FROIS, João Pedro, MARQUES, Elisa, e GONÇALVES, Rui Mário (2000). «A educação estética e artística na formação ao longo da vida», in João Pedro Fróis (coord.), Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 201-243;
- FURTADO, Rocha Janaína (2012) - Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil;
- HERNANDEZ, Fernando (2000) – Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho – Editora Artes médicas;
- HOUSEN, Abigail (2000) – Estágios do desenvolvimento estético. Educação Estética e Artística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- IRRA, Maria (2009) – O diálogo com a obra de arte: uma experiência artística com alunos do 2º ciclo do ensino básico. Mestrado em Educação Artística – Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes;
- IRVINE, Martin (2012) - “The Work on the Street: Street art and visual culture “ Introduction: The Significance of Street Art in Contemporary Visual Culture - Georgetown University;
- KNAUSS, Paul (2006) – A cultura visual e juventude contemporânea –
- LEFEBVRE, Henri (1970) The urban revolution – University of Minnesota Press.
- LEITE, Elvira (1995) – Educação visual e cumplicidade tecnológica ao nível dos 2º e 3º ciclo do ensino básico;
- MARTINS, Jeyson Duarte, SILVA, Luiz Augusto, BRITO, Juan Carlos (2007) A arte graffiti e a indústria cultural – Intercom – Sociedade Brasileira de estudos interdisciplinares de comunicação – VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da região do Norte – Belém
- MÁXIMO-ESTEVEVES, Lúcia (2008) - Visão Panorâmica da Investigação-Ação. Porto: Porto Editora;
- METAS curriculares de Educação Visual e de Educação Tecnológica do 2º ciclo do ensino básico;
- MIRANDA, Fernando (2010) - Educacion y cultura visual: aportaciones y relaciones necesarias – Revista Digital do LAV – Laboratório de artes visuais – capa nº5;
- MIRZOEFF, Nicholas (1999) - An introduction to visual culture – Routledge
- MOLINA, Rinaldo (2007) – A pesquisa-ação/ Investigação-ação no Brasil: mapeamento da produção (1966-2002) e os indicadores internos da pesquisa-ação colaborativa. Universidade de São Paulo;

- MUNARI, Bruno (1968) - Design e comunicação Visual – Arte e comunicação – Edições 70;
- NEVES, Esmerinda D’Aparecida (2010) - Artes visuais: A criança, o desenho e a expressividade infantil - Instituto superior de Educação – Curso de pedagogia – Faculdade Alfredo Nasser;
- PILLAR, A. D. P. (1996)- Desenho e construção de conhecimento na criança. Porto Alegre: Artes Medicas;
- PINTO, Patrícia Daniela (2011) - Prática de ensino Supervisionada em ensino de Educação Visual e Tecnológica no ensino básico. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação;
- PROGRAMA de educação visual e tecnológica do ensino básico;
- QUIVY, Raymond (1992) – “Análise das informações” in Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva;
- RAMALHO, Maria Elena (2009) - Grafitti na escola. Departamento de Artes. Curitiba: Paraná;
- READ, Herbert (1943) – Educação pela arte – Edições 70;
- SARDELICH, Maria Emília (2006) – Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa – Educar; Curitiba nº 27. Editora UFPR;
- SILVA, Lages Rodrigo (2004) - Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite– Brasília;
- UBERTI, MarietteTaschetto (2012) - Pintura mural como experiência educacional numa oficina de arte educação – Revista digital do LAV – Laboratório de artes visuais – capa nº 9
- VYGOTSKY, L. S. A (1991) - Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 4ªedição;
- ZUNZUNEGUI, Santos (1992) – Pensar la imagen – Catedra Universidad del País Vasco – Signo e imagen – Editorial Cátedra UPV/ EHU Bilbao;

ANEXOS



Madalena de Almeida Cabral Barata
Docente do grupo 530 na escola secundária Marquês de Pombal

Exmo. Sr. Diretor do Agrupamento Luís António Verney
c/c ao Coordenador de Departamento das Expressões
Rua Marquês de Olhão
1900 Lisboa

Assunto: Pedido de autorização para a realização de um trabalho de investigação e consequente recolha de dados.

No âmbito do Mestrado via Ensino de Educação Visual e Tecnológica que frequento na Escola Superior de Educação de Setúbal, pretendo desenvolver um projeto cuja metodologia assenta na investigação-ação cuja pergunta de partida indaga sobre “de que forma a observação de obras de arte urbana, promovem a literacia artística” nos alunos, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Rocha.

Esta investigação vai ser implementada numa turma do 8º ano de escolaridade, de Educação Visual, em que os alunos serão submetidos a diversos estímulos visuais, a partir do diálogo com a obra de arte, de forma a averiguar se após a conclusão da actividade adquiriram competências ao nível da literacia artística.

Durante o processo será necessário proceder à recolha sistemática de dados, nomeadamente a observação de algumas aulas, onde será necessário proceder a alguns registos, não só de conversas dos alunos como também dos da Docente titular. Para completar o estudo, necessitarei igualmente de tirar algumas fotografias, de forma a verificar a evolução dos alunos durante o desenvolvimento da actividade.

Os dados recolhidos serão apresentados no relatório final do estudo, sendo o anonimato e confidencialidade dos seus protagonistas devidamente salvaguardado.

Neste sentido, solicito a V. Ex.^a que se digne autorizar a referida investigação numa turma de 8º ano desta escola, a iniciar no 1º período.

Com os melhores cumprimentos,

Lisboa, 16 de Outubro de 2012

Ex.mo(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

No âmbito de um Mestrado via ensino de Educação Visual e Tecnológica que estou a frequentar, na Escola Superior de Educação em Setúbal pretendo desenvolver uma atividade na disciplina de Educação Visual, que durará o 1º período, em que pretendo registar fotograficamente/áudio a forma como o seu educando desenha, pinta e realizar alguns exercícios a partir da observação de obras de arte.

A fim de possibilitar a concretização deste estudo, venho por este meio solicitar a V. Ex.ª autorização para recolher dados sobre a forma como os alunos realizaram os trabalhos, através de inquérito e proceder ao registo fotográfico/áudio/vídeo de algumas aulas o que se destina apenas a este estudo. Os dados recolhidos serão absolutamente confidenciais.

A professora

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

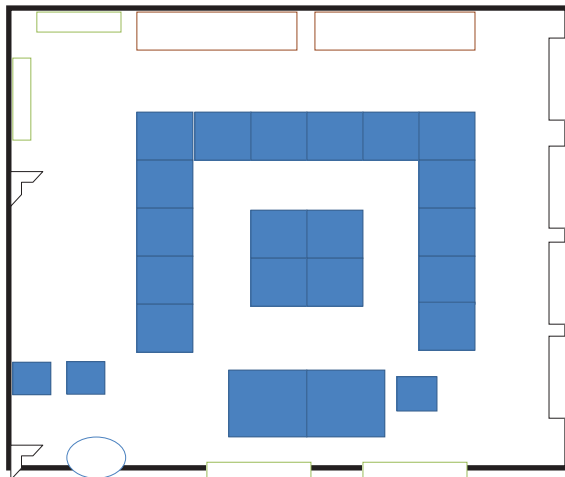
Eu, _____, encarregado de educação do aluno(a) _____, n.º _____, turma _____, ano _____, autorizo a recolha dados sobre a forma como é que o meu educando realizou os seus trabalhos, através de inquérito e proceder ao registo fotográfico/áudio/vídeo de algumas aulas, o que se destina única e exclusivamente ao estudo de como é que os trabalhos sobre narrativas visuais alargam as competências de comunicação dos alunos.

Lisboa, ____ / ____ /2012

O (A) Encarregado(a) de Educação

DESCRIÇÃO DA PLANTA DA SALA

Legenda



- Mesas em forma de U – 16;
- Mesas no centro – 6;
- Armários com gavetas – 4;
- Cacifos – 18 (material arrumado em cima do cacifo e armários);
- Placards brancos – 3 (colocados ao fundo da sala);
- Janelas – 4, com cortinados brancos (boa luminosidade);
- Quadros – 2 de giz;
- Portas- 2 (uma apenas em funcionamento);
- 1 lavatório;

Cores

- Cortinados – brancos translúcidos;
- Cacifos – azuis;
- Mesas – tampocrú e pernas azuis (condizer com o cacifo);
- Presença de alguns desenhos realizados pelos alunos;

FICHA SÍNTESE DA OBSERVAÇÃO DE CLASSES

Escola, ano e turma: Agrupamento de escolas Luís António Verney - 8º 2ª

Disciplina: Educação Visual **Professor:** Zélia Oliveira **Sala:** EVT

Tema: Módulo/Padrão **Nº de alunos:** 18 **Faltas:** 2

Data: 3/10/2012 **Hora:** 8:30 **Tempo lectivo:** 90 m

Observador: Madalena Barata

I – Elementos fornecidos pela Professora antes da aula:

A aula iniciou-se com a minha apresentação, de seguida a docente da turma explicou o trabalho que se iria desenvolver naquela aula – plano da lição.

De seguida, pediu a duas alunas presentes que começassem a distribuir o material necessário por todos os alunos de forma a manter a organização, e para não estarem todos levantados.

Após a distribuição do material, inicia a explicação da actividade com um exemplar colado no quadro, e todos os alunos ouviram silenciosamente, sem fazerem perguntas.

II – Estrutura verificada pela observação:

Os conteúdos encontravam-se bem estruturados e todos os alunos, após a explicação da Professora, souberam exactamente o que fazer, à exceção de uma aluna que mais tarde demonstrou dificuldade no trabalho e afirmou várias vezes que era difícil.

As tarefas de uma forma geral, foram claramente adequadas à turma em questão, bem como o material utilizado pelos alunos.

III - Dinâmica da comunicação:

De uma forma geral a Professora apresenta uma atitude expositiva, onde expõe a forma como se vai fazer o trabalho. Na grande maioria das vezes os alunos, ouvem silenciosamente, e só com o desenrolar da aula é que vão fazendo perguntas e apresentam as dúvidas que têm à Professora.

A Professora é encarada como uma figura autoritária, que detém todo o poder sobre a aula e os alunos, e estes respeitam-na e acatam as suas ordens obedientemente.

Muitas vezes dá ordens que os alunos imediatamente cumprem.

Durante a aula, lançou alguns reforços aos alunos, “Muito Bem!” tanto pela positiva como pela negativa “Desculpe lá, isto é uma questão de jeito”.

Nalgumas situações de maior ruído, foram realizados cortes, e diversas chamadas de atenção.

IV– Aspetos predominantes da relação (professor-aluno e aluno-aluno):

Nesta turma o professor exerce uma grande autoridade e é de facto uma figura respeitável.

A maior parte das vezes os alunos colocam o dedo no ar para poderem falar, e não o fazem sem que a Professora lhes dê a devida autorização. Também pedem autorização sempre que necessitam sair do seu lugar e sempre que pede emprestado alguma coisa a outro colega da turma.

Os alunos encontram-se sentados nos seus lugares, e a Professora circula entre as mesas prestando um apoio individualizando, verificando sistematicamente o que estão a fazer.

Relativamente à relação entre alunos, é uma relação de forma geral calma. Existiram períodos de maior agitação da turma, principalmente 20 minutos antes de terminar a aula e durante a arrumação do material. De uma forma geral os alunos trocam impressões com o colega da mesa do lado, embora tenha verificado algumas situações de conversas cruzadas.

Na turma, verifiquei a existência de 3 tipos diferentes de alunos: um grupo mais falador e irrequieto que se distrai e levanta com mais facilidade; outro que apresenta um maior ritmo de trabalho e passou a maior parte do tempo concentrado nas suas tarefas e ainda outro grupo que à medida que trabalha vai falando, acabando por não perceber aquilo que se está a fazer.

VI– Elementos fornecidos pela Professora após a aula:

A sala de aula encontra-se organizada estrategicamente, em que o núcleo do centro necessita de maior apoio por ter maiores dificuldades. Os restantes alunos encontram-se dispostos em mesas organizadas em U, em que cada um tem um lugar pensado em conselho de turma.

Escola, ano e turma: Agrupamento de escolas Luís António Verney - 8º 2ª

Disciplina: Educação Visual **Professor:** Zélia Oliveira **Sala:** EVT

Tema: Módulo/Padrão **Nº de alunos:** 18 **Faltas:** 0

Data: 10/10/2012 **Hora:** 8:30 **Tempo lectivo:** 90 m

Observador: Madalena Barata

I – Elementos fornecidos pela Professora antes da aula:

A aula iniciou-se com o pedido da professora a um dos alunos da turma, para colar no quadro os conteúdos do trabalho para o dia corrente. Após a colagem a Professora começou a explicar o trabalho, de acordo com a mesma metodologia que a aula anterior.

De seguida, mostrou um exemplo do mesmo trabalho concluído por outra turma, para que os alunos ficassem elucidados sobre o que tinham de fazer.

II – Estrutura verificada pela observação:

Tal como sucedido na aula anterior, houve uma aluna que manifestou dificuldade em realizar o trabalho, e 3 alunos não trouxeram o material pedido para a aula, algo que não se tinha verificado na aula anterior.

A Professora utilizou ainda uma estratégia no final da aula, em que os alunos que tinham terminado o trabalho começaram a ajudar os que apresentaram mais dificuldades, e dessa forma conseguiram superar a actividade prevista.

III - Dinâmica da comunicação:

Tal como verificado na aula anterior, a comunicação é maior parte das vezes expositiva, marcando o início da aula. No entanto, nesta aula a Professora adotou alguns comportamentos de admoestação, chamando várias vezes as alunas à atenção, por se encontrarem a falar com as colegas do lado, por ter tocado o telemóvel, por ter chegado atrasada e ainda por não trazerem o material pretendido para a aula.

Notei ainda uma clara tendência para os reforços positivos, que aconteceram por várias vezes durante a aula, sendo um incentivo para os alunos trabalharem mais afincadamente.

A nível dos alunos, comparativamente à aula anterior estavam mais calmos, conversando menos entre pares e apresentavam alguma pressa em terminar o trabalho.

Uma das alunas, perguntou várias vezes o que estava ali a fazer, e qual seria o tema do trabalho que iam desenvolver, o que demonstra alguma curiosidade apresentada pela turma.

VI – Elementos fornecidos pela Professora após a aula:

A Professora referiu que um dos alunos apenas ouve e não fala, apresentando necessidades educativas especiais. O aluno normalmente não consegue realizar os trabalhos sem apoio e nunca leva para a aula o material necessário.

NOTAS DE CAMPO

Aula 1

A primeira atividade consistiu numa motivação, cujo principal objetivo baseou-se na interpretação de obras de arte urbana, em que foram apresentados aos alunos vários tipos de graffiti, recolhidos da região de Lisboa. As imagens foram organizadas por tipos e géneros, para que os alunos pudessem perceber as diferenças existentes entre os vários tipos de graffitis, bem como os diversos locais onde costumam surgir na cidade.

Durante a motivação, fui interrogando os alunos sobre o que viam nas imagens, e o que lhes parecia quando olhavam para elas. Nesta fase, os alunos foram confrontados com o contexto do desenvolvimento das obras de arte.

Após a visualização das imagens, os alunos foram convidados a realizar uma expressão plástica espontânea, projetando as suas reações pessoais aos acontecimentos e à qualidade do mundo envolvente. Verifiquei igualmente, que nesta fase muitos alunos utilizaram elementos recolhidos da motivação, incluindo-nos na expressão espontânea, enquanto outros recorreram aos seus sentimentos, e imaginação.

Aula 2

A aula teve início com uma apresentação em powerpoint de vários pintores contemporâneos portugueses. A seleção teve em conta artistas que utilizavam o retrato e contorno a preto, de forma a apresentar autores com uma expressividade semelhante ao graffiti.

Comparativamente ao powerpoint sobre graffitis, os alunos mostraram menos interesse e inclusivamente “troçaram” de certos quadros, em tom de brincadeira.

De seguida, o ponto de partida para o trabalho seguinte, foi selecionarem na pintura espontânea através de um rectângulo com medidas pré-definidas, uma parte da imagem, criando um módulo. Esse módulo foi passado com papel vegetal para uma folha de papel A3, e a partir daí os alunos criaram um novo desenho. Uns optaram por utilizar apenas a mancha em giz, aproveitando a textura do papel, outros preferiram repetir o módulo em posições diferentes. Houve alunas que optaram por misturar giz com lápis de carvão, sugerido pela professora cooperante conferindo ao desenho maior expressividade.

Aula 3

A aula teve início com a explicação do trabalho e recapitulação de todas as etapas, que tinham sido realizadas até à data. (desde a 1ª aula). A maior parte dos alunos lembrava-se do que tinha sido feito e dos materiais que tinham utilizado, mas não conseguiam explicar muito bem as fases do processo. De seguida, foi explicado aos alunos a importância das proporções, e o alinhamento do rosto, pois a primeira etapa da aula foi um esboço rápido de um rosto, de forma a entrar no Universo figurativo, pois tendencialmente os alunos têm maior inclinação por desenhar letras, e neste projeto era importante fugir a essa tendência.

Enquanto alguns alunos iam desenhando o rosto numa folha A4, fiz novamente a motivação com o powerpoint sobre graffitis, selecionando algumas imagens mais adequadas, ao que os alunos tinham desenvolvido até então. Foi dado aos alunos algumas noções do desenho da perspectiva com um ponto de fuga, de forma a representarem na parede bidimensional o seu desenho, incorporando algumas destas noções. Os

alunos foram apoiados individualmente, de forma a olharem para todos os trabalhos que tinham desenvolvido na aula anterior, pois estes seriam o ponto de partida para o desenho bidimensional, de forma a existir um elo de ligação entre as diferentes etapas do trabalho.

Foi distribuído a todos os alunos uma folha A3 onde desenharam a planta da sala em plano bidimensional. (verificou-se alguma dificuldade em construir a planta da parede em plano bidimensional, sendo que 2 alunos não conseguiram concluir o trabalho).

Após o desenho da estrutura, começaram a desenhar misturando um pouco de todos os trabalhos que tinham realizado em aulas anteriores, incorporando novos elementos. Os alunos foram apoiados individualmente, de forma a saberem como preencher o espaço em branco, de forma a que o desenho parecesse um todo, existindo ligação entre a parede do meio e as laterais.

Alguns alunos, começaram a contornar os desenhos a preto, de forma a se aproximarem da expressão do graffiti.

No final da aula, fomos como todos os alunos visitar o espaço a intervir, para terem uma ideia mais real das dimensões da parede e daquilo que tinham estado a representar na aula, no plano bidimensional.

Aula 4

A aula teve início com a recordação daquilo que se tinha passado na aula anterior – A visita à sala – onde os alunos puderam observar o tamanho real da sala e onde se iria aplicar o projeto. Penso que a visita contribuiu para que compreendessem melhor o que estavam a fazer a nível bidimensional.

Esta aula, foi dedicada à pintura do desenho no plano bidimensional. Houve algumas dúvidas dos alunos relativamente aos materiais a utilizar para pintar, e nas cores que podiam utilizar. Foi sugerido aos alunos que utilizassem lápis de cor ou canetas de feltro nas superfícies menores e guache para pintar fundos e superfícies maiores. Houve alunos que utilizaram giz, cujo material tinha sido dado a conhecer numa aula anterior. (2 alunos).

Os alunos foram sempre apoiados individualmente ao nível da pintura, pedindo sugestões de cores ou formas de pintar. Tentei sempre enfatizar a ideia de que o desenho devia parecer um todo e que podiam utilizar o módulo realizado numa das aulas para diferentes repetições, brincando com a forma. Houve alguns alunos, que optaram por esta via.

Notou-se uma clara preocupação dos alunos sobre a conjugação das cores, pois tinham receio que as cores não combinassem bem. Havia outros que ainda se encontravam na fase de desenho e não sabiam como desenvolver o trabalho. Foi sempre dito para se inspirarem nos desenhos que tinham realizado anteriormente, não só em termos de forma, como também de cor. Em muitos trabalhos, verificou-se a linha condutora dos trabalhos anteriores.

No final da aula, quem terminou foi pendurar o trabalho no placard, para se tirar uma fotografia de todo o processo.

Aula 5

Esta aula resultou como continuação da aula anterior. Uma vez que a maioria dos alunos já tinha iniciado a pintura do desenho bidimensional, em que alguns alunos continuaram a desenvolver o desenho bidimensional, outros começaram a pintá-lo, pois naturalmente encontravam-se todos em fases diferentes do projeto. Quem terminou

primeiro foi sugerido que utilizasse a textura do chão ou da parede para reproduzir as texturas, mas nem todos realizaram esta etapa.

De seguida, deram início à última etapa antes da realização da maquete, que seria a realização do desenho, para aplicar na maquete tridimensional, a partir do desenho anterior.

Mais uma vez, foi dito aos alunos que poderiam utilizar a informação do desenho bidimensional mas quem quisesse podia acrescentar novos elementos e jogar com as formas, criando novas composições. Houve várias situações, nomeadamente, alunos que copiaram exactamente o desenho anterior e nem alteraram as cores escolhidas, outros que alteraram alguns elementos, e outros ainda que realizaram o corte completo com o desenho anterior, criando algo totalmente novo. A última situação foi pouco positiva, pois houve um corte com todas as etapas desenvolvidas até então, ficando condicionados em termos de criatividade.

Aula 6

Nesta aula, os alunos continuaram a desenvolver o projeto do desenho para aplicar na maquete de cartão. Muitos alunos optaram por utilizar apenas canetas de feltro, outros decidiram utilizar o guache e ainda o giz, verificando-se que adquiriram maior gosto a trabalhar com giz, que nunca tinham utilizado.

Devido à dificuldade que alguns alunos teriam a cortar o cartão para realizar a maquete em cartão à escala, estas foram-lhes fornecidas já com as medidas certas e estes apenas tiveram de as cortar, para colarem o desenho que iria ser apresentado numa exposição à comunidade escolar.

Após o término dos trabalhos e depois de devidamente colados, os trabalhos começaram a ser organizados para a exposição a realizar no átrium da escola. Tendo concluído toda a montagem, os placards foram expostos na entrada na escola sujeitos a votação pelas turmas de educação visual dos mesmos anos de escolaridade (8º e 9º ano).

Aula 7

A aula iniciou-se com a apresentação de várias manipulações digitais da imagem e oportunidade de escolha das mesmas por parte dos alunos.

A aula teve início no local a realizar a intervenção. Tendo em conta a logística do espaço houve alguma demora para dar início à projecção dos desenhos na parede, pois houve a necessidade de utilizar 2 projetores e 2 computadores, cada um a projetar a imagem para paredes diferentes. Não houve a possibilidade de dar oportunidade a que todos os alunos passassem o desenho para a parede, pois apenas foram criados 2 grupos de 4 elementos. Para que todos tenham essa oportunidade, vai ter de existir alguma rotatividade.

Passados 30 minutos a aula teve início e os alunos mostraram algum entusiasmo por participarem naquele projeto, e muitos preocupavam-se em saber que projeto tinha sido seleccionado.

Houve um grande apoio dos alunos na questão da preparação do material, principalmente na questão do ajuste da imagem com os projectores.

A questão do espaço acabou por ser uma limitação, bem como a falta de recursos, pois impediu a participação de todos os alunos na ação.

Aula 8

Esta aula, consistiu na continuação da aula anterior em que através do projetor, os alunos foram contornando as formas a preto ampliadas na parede.

No entanto, devido à dificuldade inicial de montagem e da ligação dos projectores aos computadores, e tendo em conta a necessidade de acerto da imagem do desenho com a já desenhada na parede, a aula teve início passado 30 minutos.

Aula 9

A aula iniciou-se com a explicação aos alunos da técnica do spray utilizada pelos writers na produção de graffiti. Inicialmente a ideia foi a projeção de vídeos retirados do youtube para ilustrar melhor a técnica, mas a sala não dispunha de momento ligação à internet, e por isso houve a necessidade de uma explicação verbal.

Tendo em conta que para a realização do graffiti é necessário uma mão firme e a realização de movimentos suaves e seguros, existindo ainda o cuidado de uma distância correta entre a parede e a lata de spray, de forma a lançar a quantidade certa.

Foram distribuídas máscaras aos alunos devido à toxicidade do spray, e estes foram distribuídos em grupos de 4 elementos por parede para que a pintura fosse mais organizada.

A cada aluno foi dada uma lata de spray de determinada cor, mas no final o desenho ficou pouco homogeneizado, havendo a necessidade de alguma igualdade a nível de cor.

Alguns alunos, em simultâneo com o spray utilizaram um pincel pois por excesso de tinta aplicada, esta foi escorrendo.

Notou-se claramente, uma evolução dos alunos ao longo da aula com a técnica do spray, pois no final da aula dominavam melhor a técnica.

No final, utilizaram novamente tinta para preencher os espaços em branco.

Aula 10

Esta aula resultou da continuação da aula anterior, em que os alunos foram novamente distribuídos por grupos e continuaram a preencher os espaços em branco com as tintas de cor primária. O trabalho já se encontrava ligeiramente desenvolvido nesta fase, e como tal os sprays foram deixados para a aula de finalização.

Aqui já existiu a preocupação de começar a uniformizar as paredes em termos de cor, de forma a que o conjunto fosse mais harmonioso.

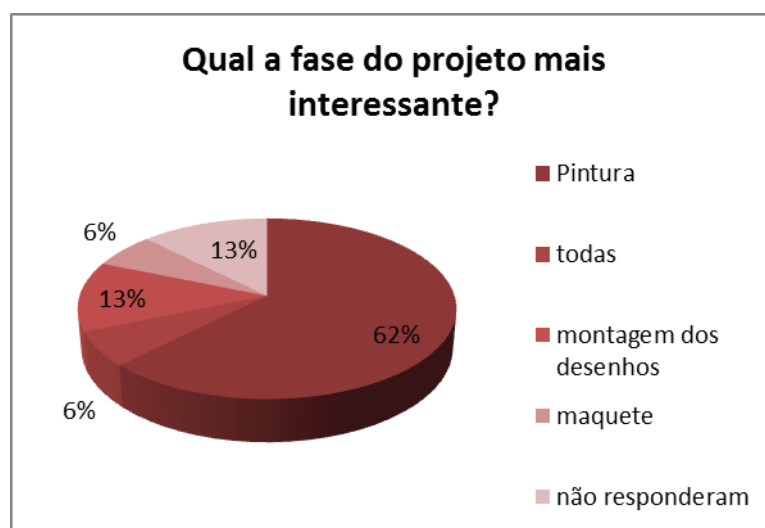
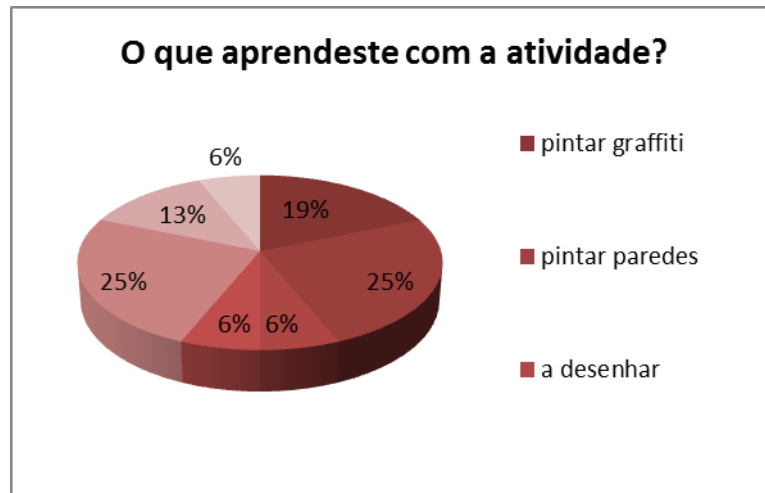
Aula 11

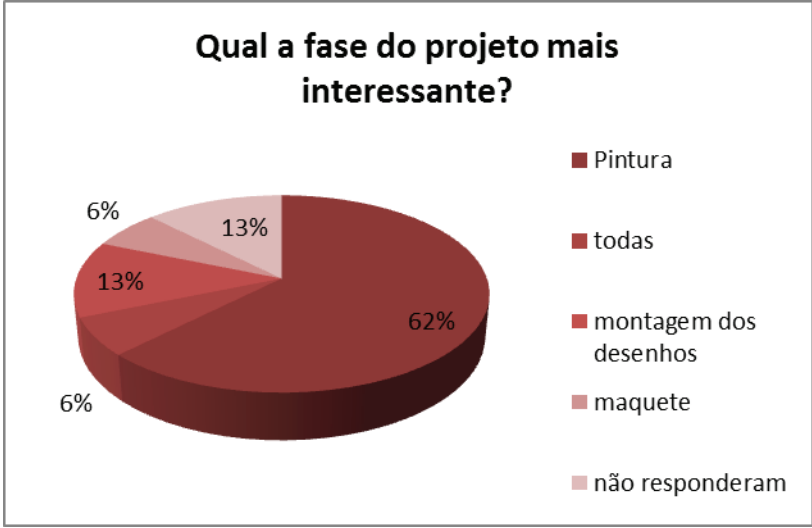
Nesta aula, os alunos terminaram de preencher todos os espaços em branco, que ainda existiam no desenho, e começaram a finaliza-lo com sprays, passando todos os contornos do desenho com spray preto e prateado essencialmente, de forma a acentuar as formas e os contrastes de cor.

Notou-se aqui claramente a transição do estilo de desenho para algo mais livre, mais grafitado, em que o graffiti permitiu aumentar a expressão e ao mesmo tempo o movimento do desenho, tornando-o mais apelativo, e indo de encontro aos objetivos iniciais do trabalho.

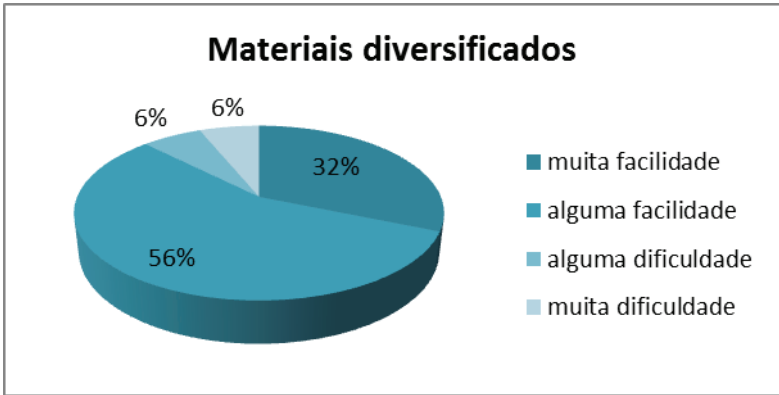
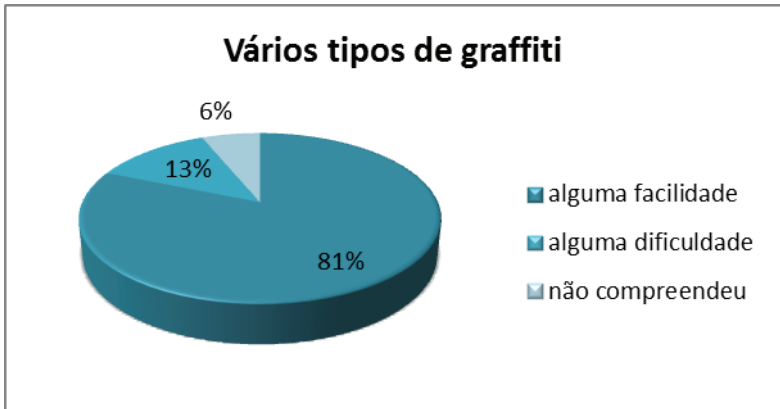
GRÁFICOS UTILIZADOS NA ANÁLISE DE DADOS

Avaliação da atividade

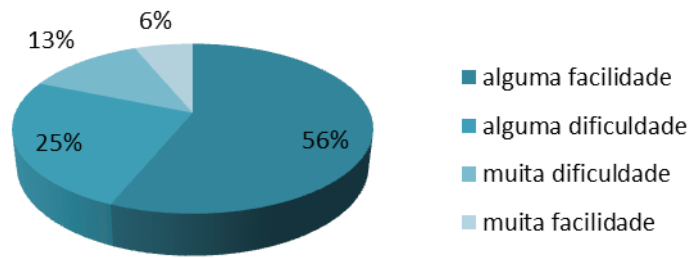




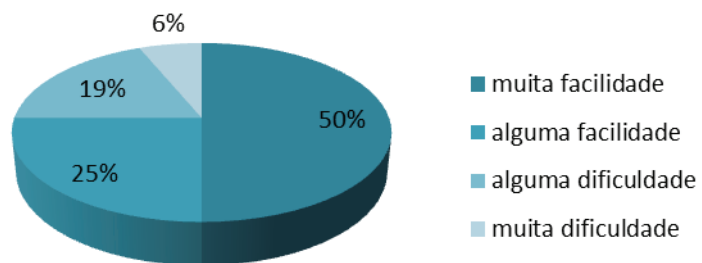
Auto-avaliação da atividade



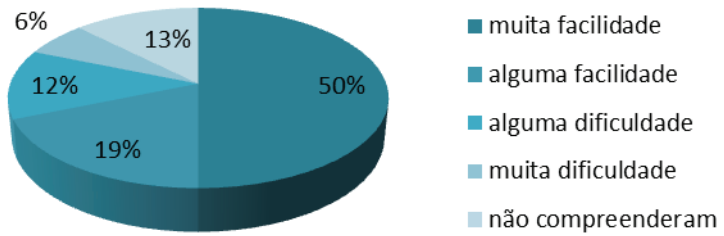
Técnicas de pintura



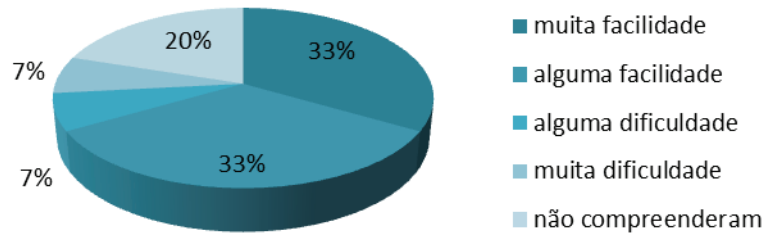
Compreenderam as etapas do trabalho



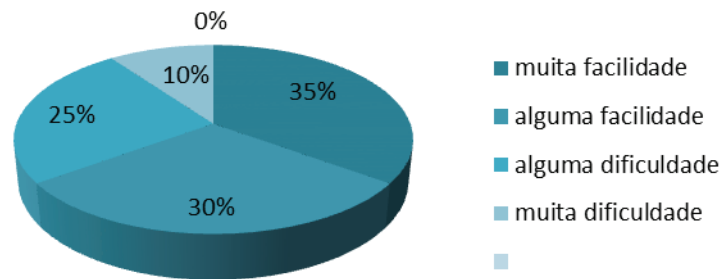
Executaram as etapas do trabalho



Técnica do spray



Criativos



CATEGORIAS	ANTÓNIA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Afirmou que retirou do power point a figura do gelado, porque é algo que gosta.</p> <p>A nível do processo criativo, a aluna fotografou a imagem com o telemóvel e realizou uma cópia integral do desenho. Só com o desenvolvimento do trabalho foi juntando mais elementos à composição.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Inicialmente a aluna realiza a figura do gelado, ampliada, tendo a preocupação que ocupasse uma grande quantidade da folha, colocando a imagem centrada.</p> <p>A imagem em si é constituída por elementos simples, onde utiliza linhas com alguma ondulação, curvas e outras retas. Existem ainda espaços do desenho preenchidos com cor e outros apenas contornados. A nível de textura existe preocupação, mas não se encontra bem conseguida.</p> <p>Na segunda fase do trabalho a aluna opta por repetir a figura do gelado, desta vez mais estreito, sob um fundo com mancha totalmente em giz. Aqui houve experimentação do material e uma certa manipulação da figura, que se encontra em posições diferentes e trabalhada também a lápis de carvão. Esta manipulação cria um trabalho mais acentuado a nível da linguagem visual, relativamente à questão da mancha e textura. Continua a predominância da linha e da mancha.</p> <p>Na fase bidimensional do trabalho a aluna opta por repetir novamente o gelado, e coloca um auto-retrato seu no centro, pois afirma que se representou a si própria.</p> <p>Na fase tridimensional duplica o seu auto-retrato e repete por três vezes a imagem do gelado sempre desenhado da mesma forma, mas com proporções diferentes.</p> <p>Pode-se concluir que a aluna ainda necessita melhorar a sua linguagem visual, na medida em que a evolução durante este trabalho é pouco acentuada, devido à pouca exploração do desenho e hipóteses. Recorre também à repetição, por ser uma solução mais confortável e rápida. Existe sim alguma criatividade na manipulação e mistura dos materiais e técnicas utilizadas.</p>

<p><i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i></p>	<p>Não se pode afirmar que a plasticidade da composição gráfica da aluna seja semelhante à dos writers, no entanto, a representação de um elemento de que gosta e a representação do seu próprio auto-retrato entre os gelados, está dentro das temáticas utilizadas por estes artistas.</p> <p>Em vez de recorrer à imaginação, utilizou elementos que conhece e representou-se a si própria, o que não deixa de ser interessante.</p> <p>Houve igualmente uma experimentação acentuada da mancha, que é algo que os writers exploram bastante, e pode-se assim estabelecer alguma ligação com os slides apresentados em aula.</p>
<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>Desde o início do trabalho que a aluna começou a misturar vários materiais. Inicialmente utilizou caneta de feltro, embora com um domínio deficiente. Combinou-a com guache que aplicou no fundo.</p> <p>No desenho posterior, utilizou de forma muito exploratória o giz, recorrendo à mancha exclusivamente. Aqui utilizou ainda o lápis de carvão apenas em contorno para acentuar o contraste.</p> <p>No desenho final, combinou o guache, para as menores superfícies, com o giz, recorrendo novamente à mancha, à técnica já explorada anteriormente.</p> <p>A nível das cores utilizadas, numa fase inicial começou com cores frias, e terminou com cores quentes, nomeadamente os amarelos, laranjas, vermelhos. No entanto o azul esteve sempre presente em praticamente todos os desenhos.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Esta composição é essencialmente figurativa, retratada não só pelo gelado, que é algo que a aluna gosta, como pelo seu retrato representado de forma central.</p> <p>A intenção da aluna realizar o seu próprio auto-retrato, significa a confiança que tem em si, que é segura das suas decisões e tem confiança em si própria.</p>
<p><i>Expressão artística individual</i></p>	<p>Nota-se que a aluna traçou logo o caminho a seguir, desenhado sempre com objectividade, nunca se desviando do sentido inicial da composição.</p> <p>A nível de expressão esta é muito controlada, tendo em conta que as experiências apresentadas revelaram pouca criatividade.</p> <p>A nível de formas e introdução de elementos, houve pouca variação, pois a aluna trabalhou exclusivamente com um gelado e um rosto, havendo alguma manipulação em termos de proporção de uns desenhos para outros.</p> <p>No entanto, a nível da pintura releva maior desempenho e desenvoltura, tendo tirado partido da aplicabilidade do giz enquanto mancha.</p>

CATEGORIAS	CARINA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Quando inquirida sobre os elementos recolhidos do Power point a aluna identificou o gelado e um palhaço, por serem elementos que gosta e porque quis enveredar pela via humorística do graffiti.</p> <p>Esta faceta mais ligada ao humor, é uma vertente muito explorada pelos writers, que chegam a ridicularizar situações e até a conceber caricaturas. A aluna optou por essa via, numa perspectiva de conferir uma visão mais cómica.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>A nível da linguagem visual, a aluna apresentou uma composição elaborada de certa forma, em que a partir de duas imagens, e através da sua manipulação foi criando novas composições, sempre acrescentando novos elementos.</p> <p>Significa que de um palhaço e um gelado, passaram a dois palhaços. O gelado foi substituído por uma cabeça de porco, e novas linhas foram acrescentadas, para harmonizar a configuração existente.</p> <p>Pode-se dizer que a nível da linguagem a aluna utilizou vários tipos de linhas: curvas, retas, reproduziu vários tipos de texturas não só com a forma, mas também através de experimentações realizadas com cor.</p> <p>Utilizou o contorno de diferentes espessuras, bem como os materiais de pintura com maior e menor intensidade, o que enfatiza a mensagem e faz sobressair as partes de maior relevância para a aluna, e aquelas que pretende salientar.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Relativamente aos desenhos apresentados, a aluna copiou a imagem apresentada no power point, tendo constituído um ponto de partida para o desenvolvimento posterior do trabalho.</p> <p>Em relação à linguagem plástica esta aproxima-se de facto do graffiti devido à temática escolhida, e ao desenvolvimento de todo o trabalho nesse sentido mais cómico.</p> <p>Utilizou o contorno a preto para fazer sobressair a forma, e as próprias cores utilizadas são quentes, luminosas e atrativas, algo que também se verifica na linguagem plástica do graffiti.</p> <p>A figura utilizada – o palhaço – surge em fases iniciais sempre representado da mesma forma, porém na ultima fase do trabalho a fisionomia é alterada, dando corpo a outra personagem diferente.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>Pode-se dizer que desde o início do trabalho a aluna explorou várias técnicas e materiais. Conseguiu-se ambientar e experimentar o material até ao seu limite.</p> <p>Numa primeira fase utiliza o lápis de cor e canetas de feltro.</p> <p>De seguida experimenta de várias formas o giz combinado com o lápis de carvão. Aqui faz várias experiências a nível de texturas, degradés, intensidades.</p> <p>Por fim, utiliza o guache combinado com giz, onde trabalha as várias dimensões da mancha.</p> <p>Pode-se afirmar que é uma das alunas que mais explorações fez com o material e a própria diversidade, tornou o trabalho mais apelativo. Neste caso em particular, a aluna domina melhor a pintura do que propriamente a linguagem visual.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>O ponto de partida do seu processo criativo é marcado pela identificação com duas imagens apresentadas em aula – o gelado e o palhaço – possivelmente por fazerem parte do universo da aluna e por ela se interessar por estes artefactos.</p> <p>A partir destas duas imagens, e com o desenvolvimento natural surge uma história, que com o final do trabalho é que é desvendada. Ou seja, o palhaço inicial foi transformado num rapaz e numa rapariga, cuja simbologia das cores aplicadas assim o identificam, o azul – rapaz, o rosa – rapariga; Esta transformação do palhaço deveu-se ao facto da intenção da aluna em representar as discussões entre namorados.</p> <p>A presença da figura do porco, a aluna não conseguiu explicar, mas a sua origem teve a ver com o facto de ser uma figura cómica.</p> <p>Conclui-se então que a aluna fez a fusão do seu mundo pessoal e interesses no desenho, tendo identificado imagens que a atraiu, usando-as assim com outros significados.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Nota-se que esta aluna não apresenta o domínio total da linguagem visual, e nem se expressa a partir da sua imaginação, na medida em que as imagens representadas foram inteiramente copiadas do power point apresentado.</p> <p>No entanto, revela total autonomia a nível de pintura e realizou experimentações interessantes, que a levaram a desenvolver um tipo de linguagem mais gráfica.</p> <p>É evidente a sua preocupação com o sentido estético e de composição na medida em que tenta que o desenho ocupe a totalidade da página, e as cores seleccionadas estão em harmonia.</p> <p>Realizou algumas experiências com texturas, mas sem grande efeito, e acabou por optar pela faceta mais simples, apenas o preenchimento das formas.</p> <p>É uma aluna que precisa de libertar o traço, está muito presa a uma mesma forma, pois durante o processo explorou poucos elementos e acrescentou um apenas.</p> <p>No entanto, a sua clareza de objectividade, levou-a a definir uma ideia inicial, que foi levando até ao final do projeto.</p>

CATEGORIAS	DALILA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>A aluna partiu da realização de uma máscara, qua mais tarde se foi transformando em elementos diferentes. A aluna afirmou não ter utilizado o power point para se inspirar, pois a sua intenção era utilizar a cara alegre a a cara triste como se fosse um teatro.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>O domínio da linguagem visual é muito rudimentar, sendo que a apresentação das formas são pouco desenvolvidas ou trabalhadas, remetendo para uma expressão próxima do 2º ciclo.</p> <p>A nível criativo houve a introdução de poucos elementos, e as variações foram igualmente poucas. A linguagem visual cinge-se apenas à utilização de retas e curvas, não existindo grande preocupação com a técnica de pintura utilizada ou com o desenvolvimento de texturas.</p> <p>A preocupação da aluna foi de facto o aperfeiçoamento da máscara, que comparativamente à primeira desenhada sofreu melhorias.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Tanto a técnica de pintura como a temática utilizada encontram-se afastadas do universo dos writers. Em qualquer das fases do desenho, não houve a preocupação em ir aperfeiçoando o desenho, ou em melhorar a técnica da pintura. Nem tão pouco houve a tentativa de aproximação com o universo apresentado no power point.</p> <p>Isto só vem a demonstrar que os alunos estão pouco sensibilizados para estas temáticas.</p>
<i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i>	<p>A aluna realizou a composição inicial com guache e fundo com lápis de cor. Depois começou a utilizar o giz em combinação com o lápis graffiti. A última composição foi realizada apenas com guache.</p> <p>Apesar de ter experimentado vários materiais, nota-se alguma dificuldade em dominar a técnica da pintura em qualquer um dos materiais. A pintura apesar de ser muito controlada é pouco expansiva e pouco espontânea.</p>

<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>A aluna desenvolveu uma composição essencialmente figurativa inspirada possivelmente nalguma história que conhece ou imagens que retirou e algum local, visto não ter utilizado o power point como ponto de referência.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Ao nível da expressão artística e individual esta encontra-se pouco desenvolvida, na medida em que a aluna apenas se cinge a dois elementos ao longo de todo o processo. Nota-se claramente que a aluna é pouco estimulada em termos artísticos e que necessita desenvolver mais competências nesta área. No entanto, a intenção da aluna era realizar a dualidade da máscara alegre/triste e isso foi conseguido. Dai ser notável uma boa clareza de pensamento e objectividade no desenho.</p>

CATEGORIAS	DIANE
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>A aluna afirmou não ter precisado do power point para se inspirar. O ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho foram os videojogos. Inicialmente quis fazer um coelho com olhos maus, que ao juntar-lhe uma máscara deu origem a um chinês. A ligação que se pode estabelecer com o trabalho dos writers, está relacionada com a temática escolhida, relacionado com jogos, banda desenhada.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Relativamente ao desenvolvimento da linguagem visual, pode-se afirmar que esta é pouco variável. Inicialmente surgiu a figura de um coelho, posteriormente a figura foi manipulada, foram introduzidos alguns elementos como cenouras, uma máscara e um robot, mas o cenário baseou-se sempre no mesmo. Isto é, os elementos introduzidos não saíram da linha convencional.</p> <p>De qualquer das formas, a aluna foi sempre acrescentando elementos novos durante o desenvolvimento do processo, apesar de ter recorrido à repetição em qualquer das fases.</p> <p>O desenho como a pintura e a utilização das texturas, são áreas que necessitam ser melhor desenvolvidas e mais aperfeiçoadas. As formas são ligeiramente toscas e bastante básicas, tendo em conta que os alunos frequentam o 8º ano de escolaridade.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Tanto a técnica de pintura como a temática utilizada encontram-se afastadas do universo dos writers. Em qualquer das fases do desenho, não houve a preocupação em ir aperfeiçoando o desenho, ou em melhorar a técnica da pintura. Nem tão pouco houve a tentativa de aproximação com o universo apresentado no power point.</p> <p>Isto só vem a demonstrar que os alunos estão pouco sensibilizados para estas temáticas.</p>

<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Uma vez se tratar de um desenho essencialmente abstracto, não se nota o recurso a elementos do dia-a-dia. Existe sim várias manipulações de formas e texturas, mas apenas a um nível não figurativo.</p> <p>Apenas nas últimas etapas, se verifica a introdução de um rosto, bem como se destacam teclas de um piano e luas invertidas. No entanto, estes elementos surgem sem seguimento de um processo de trabalho e como tal, surgem de certa forma descontextualizados.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Na generalidade, a aluna inicialmente desenvolve uma expressão artística livre e espontânea que posteriormente vai desaparecendo com o desenvolvimento do trabalho.</p> <p>Há uma tendência para abstracção verificada nos primeiros esboços, que mais tarde se vai tornando figurativa, com a introdução do rosto, e de alguns elementos facilmente identificáveis.</p> <p>No entanto, a expressão artística da aluna precisa de ser melhor desenvolvida, visto não ter conseguido desenvolver o projeto de forma coerente.</p>

CATEGORIAS	ELISA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Não existem muitos indícios que a aluna tenha recolhido elementos recolhidos do power point, no entanto poderá ter-se inspirado em estruturas menos figurativas e mais abstractas, na medida em que a sua expressão espontânea tenha essas influências.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>A aluna iniciou um trabalho coerente, em que buscava elementos de umas etapas para as outras, conforme o pretendido. No entanto, registou-se que a partir da introdução da figura alterou completamente o desenho e mudou o processo criativo, havendo assim uma interrupção do mesmo.</p> <p>De uma forma geral a aluna desenvolveu bastante a mancha no início do trabalho, recorreu bastante à textura, havendo uma tendência para um desenho não figurativo.</p> <p>A nível da linguagem visual há também um predomínio de linhas retas e curvas, bem como a mancha.</p> <p>Assim, pode-se afirmar que a aluna necessita ainda melhorar e treinar a linguagem visual, pois vê-se ser uma aluna pouco habituada a desenhar e a pensar sobre os desenhos e metodologias artísticas.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>A similitude que podemos encontrar com o graffiti é exactamente o recurso à mancha para pintar. Desde o início do trabalho que a aluna desenvolveu a mancha e a textura de várias formas e com papéis diferentes, o que a destacou dos restantes colegas.</p> <p>No entanto, pode-se dizer que a sua linguagem plástica encontra-se distante da utilizada pelos writers.</p>
<i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i>	<p>Em qualquer uma das fases do trabalho, a aluna utilizou sempre o guache e o giz. Inicialmente utilizou o guache, onde recorreu à mancha e a outras técnicas de pintura.</p> <p>Quando iniciou o trabalho com o giz, houve um forte interesse no desenvolvimento de texturas, combinação de cores, conseguindo tirar um bom partido do material. Fez igualmente experiências de combinação do giz com o lápis de carvão, em papel craft obtendo texturas extremamente interessantes.</p> <p>O trabalho final resultou da combinação do giz com o guache. Ou seja, houve uma experiência isolada de cada um dos materiais, que mais tarde foram combinados entre si.</p>

<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Uma vez se tratar de um desenho essencialmente abstracto, não se nota o recurso a elementos do dia-a-dia. Existe sim várias manipulações de formas e texturas, mas apenas a um nível não figurativo.</p> <p>Apenas nas últimas etapas, se verifica a introdução de um rosto, bem como se destacam teclas de um piano e luas invertidas. No entanto, estes elementos surgem sem seguimento de um processo de trabalho e como tal, surgem de certa forma descontextualizados.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Na generalidade, a aluna inicialmente desenvolve uma expressão artística livre e espontânea que posteriormente vai desaparecendo com o desenvolvimento do trabalho.</p> <p>Há uma tendência para abstracção verificada nos primeiros esboços, que mais tarde se vai tornando figurativa, com a introdução do rosto, e de alguns elementos facilmente identificáveis.</p> <p>No entanto, a expressão artística da aluna precisa de ser melhor desenvolvida, visto não ter conseguido desenvolver o projeto de forma coerente.</p>

CATEGORIAS	ILDA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Esta aluna, quando inquirida sobre todo o processo criativo, e em que se tinha inspirado nada afirmou de relevante. Em termos do power point penso que este não teve qualquer influência para a aluna, a menos que seja a utilização de bonecos inspirados em banda desenhada.</p> <p>O primeiro desenho realizado, apresenta uma figuração bastante infantil, que parece ter sido realizado por uma aluna de 1º ciclo.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Ao longo do trabalho a aluna apresentou uma evolução significativa. Inicialmente, a aluna apresentou um desenho simples quase semelhante aos apresentados pelos alunos de 1º ciclo. Limita-se apenas a utilizar linhas retas e a nível de cor encontra-se aplicada de forma pouco uniforme sem dominar a técnica e sem ter terminado a pintura.</p> <p>No segundo desenho, a aluna manipula ligeiramente a forma e tira partido do giz, recorrendo à mancha e à combinação de cores, no entanto, introduz uma nova figura, ainda demasiado infantil. Porém a nível da linguagem visual, nota-se a introdução de linhas mais curvas.</p> <p>No desenho bidimensional a aluna cria um desenho de maior complexidade, resultante da manipulação da forma utilizada anteriormente em vários ângulos, apresentando sobreposições e fusões. Aqui houve uma maior experimentação e um domínio mais acentuado da linguagem visual. Coloca ainda no centro uma figura ainda muito simplificada. O desenho não se encontra colorido.</p> <p>Na manipulação tridimensional, esta foi igual à etapa anterior. A única diferença foi a utilização de cor.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima dos graffiti</i>	<p>A nível de linguagem plástica, o trabalho desenvolvido pela aluna está muito afastado quer da expressividade, quer das temáticas utilizadas pelos writers, o que significa que a aluna se encontra pouco sensível a este tipo de arte.</p> <p>O facto de não ter conseguido concluir as etapas nos timings pretendidos leva a crer que a aluna nutriu pouco interesse pelo trabalho e empenhou-se pouco.</p> <p>A própria atitude da aluna, em apresentar falta de interesse em apresentar em que se inspirou demonstra que o trabalho nada de novo lhe trouxe e que pouco reflectiu ou pensou sobre ele.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>A nível de técnicas utilizadas pode-se afirmar que esta aluna não tirou muito partido dos materiais utilizados. Nota-se que tem pouco prática de pintura e o facto de não ter terminado os trabalhos é prova disso.</p> <p>A própria pintura em guache é deficiente pois nem consegue muitas vezes contornar a forma sem que saia para fora a tinta do contorno.</p> <p>A nível do giz, a aluna apresentou uma melhor prestação, mas ao contrário dos colegas que o utilizaram em desenhos posteriores, no desenho final a aluna manteve a utilização do guache e juntou-lhe apenas o lápis de cor.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>A composição resultante, é não só figurativa, pela presença do rosto, como também abstracta, devido à manipulação das formas em vários ângulos.</p> <p>Não existe qualquer registo de elementos presentes no dia-a-dia da aluna em qualquer das composições. Apenas identifica-se que a mesma tem preocupações simétricas e pode apresentar algumas características da sua personalidade.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>A nível de expressão artística, esta deve ser melhor estimulada, pois a aluna encontra-se num nível inferior a alguns dos trabalhos analisados.</p> <p>Note-se que não teve a capacidade de analisar o power point e retirar ou inspirar-se em imagens que lá constavam.</p> <p>Inicialmente nota-se um certo desleixo na composição, que mais tarde vai sendo trabalhado até chegar a uma solução estética e simétrica.</p> <p>A nível de criatividade esta é limitada, pelo que não introduziu novos elementos do plano bi para o tridimensional, tal como verificado em outras composições de colegas.</p>

CATEGORIAS	ISABEL
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>A aluna quando inquirida, afirmou que o power point teve pouca influência no processo criativo. Destacou que utilizou para o desenho a junção de várias coisas que costuma desenhar habitualmente. Afirmou que o ponto de partida foi a clave de sol, porque gosta de música.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Nota-se claramente que esta aluna apresenta um domínio total da linguagem visual. Consegue reproduzir ambientes, cenários expressões às personagens, ou seja consegue transmitir vivacidade através do desenho.</p> <p>Numa primeira fase a aluna desenhou uma clave de sol, corações volumétricos e estrelas. Nesta fase inicial a composição apresenta-se esteticamente atractiva e bem organizada.</p> <p>Na segunda fase, a aluna trabalha perfeitamente à vontade com o giz, criando sombras, sobreposições e texturas através da utilização da graffiti. Aqui o desenho evolui para uma fase mais abstracta.</p> <p>Na 3º fase do trabalho a aluna apresenta uma composição mais complexa, onde inclui uma boneca inspirada nos desenhos animados manga, e trabalha elementos que se assemelham ao fogo. Aqui nota-se a junção de partes de desenhos anteriores.</p> <p>Na ultima etapa, a aluna trabalha de forma detalhada elementos recolhidos de desenhos anteriores e adiciona outros, criando uma composição que se assemelha muito à expressividade plástica do graffiti.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Esta é uma das alunas, que melhor conhece e domina a linguagem dos writers, pois a estrutura das formas, os detalhes existentes em cada uma delas e a escolha das cores, bem como o tipo de desenhos apresentados, está relacionado com uma linguagem muito característica de quem pratica graffiti.</p> <p>Através da simplicidade das formas, a aluna vai juntando mais detalhes, seguindo sempre a mesma linha condutora entre desenhos, integrando sempre elementos de desenhos anteriores.</p> <p>Por fim, o resultado é uma composição bem estruturada graficamente, com a junção ideal de cores numa plasticidade ao ao estilo dos writers. Existe um traço maleável, espontâneo, que dá movimento e vida às formas.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>Ao longo do trabalho a aluna foi experimentando vários materiais, tirando a melhor técnica de cada um deles. Começou inicialmente com o guache, passando pelo giz combinado com graffiti, e terminou numa pintura a caneta de feltro que afirmou ser o material com que se sente mais à vontade.</p> <p>Pode-se afirmar que esta aluna foi uma das que mais experiências realizou, com o giz realizando sobreposições, sombras, manchas, gradações de claro-escuro, tirando bastante partido da plasticidade do material.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Uma vez a aluna ter referido que desenhava aquilo que gostava, são provavelmente coisas que utiliza/faz habitualmente.</p> <p>Assim, identificam-se desenhados, alguns elementos que certamente a influenciam diariamente e fazem parte dos seus gostos pessoais, tais como: banda desenhada manga, corações, claves de sol, estrelas, fogo, yin-yang, dragões. São elementos com que a aluna se identifica.</p> <p>Uma vez se ter inspirado em desenhos seus já realizados, é de salientar que esta aluna realiza com frequência este tipo de desenhos, daí apresentar um desenvolvimento acentuado da linguagem visual.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Esta aluna de facto domina claramente a linguagem visual, bem como algumas técnicas dos materiais utilizados.</p> <p>Da junção do desenho com a pintura, e da extração da potencialidade dos materiais, foram desenvolvidas vários tipos de linha, com maior ou menor força, texturas aplicadas de várias formas bem representação de volumes.</p>

CATEGORIAS	ISIDORA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Pode-se afirmar que a aluna tirou partido das temáticas que pendem para o lado humorista para iniciar a sua expressão espontânea. Ao recriar uma mancha dinâmica e inserir um rato assustado, remete-nos para a ideia de crer contar uma história, que mais tarde se veio a confirmar.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>A linguagem visual ao longo do trabalho foi evoluindo, onde desde o início houve uma preocupação em cada fase do trabalho em apresentar sempre elementos novos ao desenho, tornando-o mais enriquecido visualmente.</p> <p>As formas foram sempre livres, utilizando maioritariamente linhas com curvatura e de expressão solta. De uma forma geral, e sabendo que o desenho conta uma história de um rato que foge não sabemos de quê, existe sempre a sensação de movimento nalguns traços.</p> <p>Existe a repetição de elementos, nomeadamente o rato que vai surgindo em todas as fases, no entanto sempre em posições diferentes.</p> <p>A composição no geral, é criativa, diversificada e a forma foi bem explorada.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Embora não se identifique grande proximidade com a linguagem dos writers, a transmissão do movimento pode ser um bom indicador. Também a própria história, inspirada em desenhos animados faz de certa forma a ponte com estes artistas, que recorrem frequentemente ao cómico e ao ridículo para ilustrar várias situações.</p>
<i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i>	<p>Pode-se afirmar que aluna utilizou vários materiais, dominando a técnica do guache, em que conseguiu transmitir determinadas texturas e a gradação do claro/escuro.</p> <p>No segundo desenho, utilizou o giz, num contraste a meu ver bem conseguido, onde utilizou a mancha e alguns contrastes para realizar a sensação de sombra. Houve uma preocupação na coloração, não só a nível das cores como também das técnicas utilizadas.</p> <p>O desenho final foi integralmente pintado a giz, onde houve uma combinação harmonia das cores e um cuidado notável na pintura, não surgindo superfícies borradas nem zonas mal pintadas.</p>

<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>A nível de elementos repetidos, pode-se notar a presença dos ratos, e coroas. Esta história ilustrada pela aluna pode muito bem retratar alguma situação da sua vida real, ou pode ser o relato de um filme pertencente ao universo da aluna, devido à realidade por ela dada desde o início até à finalização do trabalho.</p> <p>A colocação de uma figura (rosto) colocado no centro com uma chupeta e umas tranças alongadas pode perfeitamente representar um auto-retrato da aluna.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>A aluna apresenta uma expressão artística de certa forma bem definida. Apesar de ter sentido algumas dificuldades inicialmente com falta de ideias, criou um trabalho objetivo que foi sempre aperfeiçoando ao longo do processo.</p> <p>Apesar de não ter havido grande trabalho nas formas, houve a preocupação em introduzir novos elementos em cada etapa, bem como a pintura de forma cuidada.</p> <p>Relativamente à linguagem visual precisa de ser trabalhada mas pode-se afirmar que já apresenta algum domínio na medida em que ilustrou uma história perceptível, com início meio e fim.</p>

CATEGORIAS	JORGE
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>O aluno assumiu que não se tinha inspirado no power point para desenvolver o seu trabalho. Referiu que utilizou insectos e monstros como ponto de partida.</p> <p>A nível da composição, pode-se observar uma distribuição pensada na folha, com elementos que transmitem a sensação de suspensão no ar.</p> <p>Utilizou ainda alguns balões com conversas, que costuma ser um registo muito utilizado pelos writers nas suas composições, que permite enfatizar a mensagem a transmitir.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Ao longo do desenvolvimento do processo, o aluno optou pela mesma linguagem visual, partindo inicialmente de uma composição simples, que foi evoluindo de acordo com as várias etapas.</p> <p>A linguagem visual utilizada pode-se dizer que é simples, onde predominam linhas curvas pouco acentuadas, algumas retas e formas ainda onduladas.</p> <p>Ao invés de um trabalho detalhado com linhas, recorre frequentemente ao uso da mancha colorida, que faz parte das várias etapas do trabalho.</p> <p>Pode-se ainda colmatar que a finalização do trabalho, foi originada por elementos que integram as fases anteriores do trabalho, existindo alguma preocupação estética com as formas, no que toca à ampliação das mesmas.</p> <p>Trabalha pouco a sobreposição das formas, e preocupou-se sempre com o encaixe das mesmas.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Pode-se afirmar que ao longo do processo o aluno utilizou sempre o contorno para realçar a forma no fundo. Este contorno apresenta-se sempre a preto em qualquer etapa do trabalho.</p> <p>Quando inquirido sobre as cores utilizadas, afirmou que escolheu as que achava que combinava melhor, no entanto misturou cores fortes e garridas, criando contrastes fortes.</p> <p>De uma forma geral os desenhos encontram-se pouco próximos da linguagem do graffiti, na medida em que o seu traço se encontra pouco liberto, as formas encontram-se presas, e existe pouca soltura no traço.</p> <p>O próprio desenho é pouco desenvolvido para um aluno desta faixa etária. No entanto, a mensagem transmitida pode estar relacionada com as que pretendem transmitir os writers, uma vez o aluno ter afirmado que os balões presentes significam conversas paralelas, ruído, existindo aqui uma forte relação com a cultura de massas e a evolução tecnológica em que estamos inseridos.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>As técnicas utilizadas pelo aluno foram diferenciadas. Numa fase inicial optou pela caneta de feltro, aplicando-a de forma uniforme sem se preocupar com texturas.</p> <p>De seguida, utilizou o giz, numa segunda fase, onde explorou melhor a mancha, criando variadas, em combinação com o lápis de carvão como contorno. Aqui utilizou figuras só contornadas, outras apenas preenchidas.</p> <p>Na fase do desenho tridimensional, combinou a caneta de feltro com o guache, que utilizou no fundo, e nota-se alguma preocupação nesta fase com as texturas, trabalhando-as sempre dentro do mesmo registo, sem grande variedade.</p> <p>Foi igualmente na fase final do trabalho, que o aluno optou por colorir o fundo, que até então tinha sido sempre branco.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>O trabalho caracteriza-se pela combinação de elementos abstractos com figurativos. Apesar de ser uma composição essencialmente abstracta, o aluno recorre a muitos elementos figurativos mas estilizados e simplificados (apenas construídos com linhas e contorno, sem preenchimento).</p> <p>Apresentam-se nos desenhos, alguns elementos que fazem parte do dia-a-dia do aluno. Ou seja, a questão da inspiração a partir dos insectos e dos monstros pode ter a ver com jogos de computador. Utiliza ainda o sol, que vai surgindo nas composições, lua, estrelas e rebuçados. Mais para a frente o aluno começa a trabalhar os balões que aparecem com frequência na banda desenhada, que partem de uma figura colocada no centro (um rapaz que pode ser a visão que o aluno tem de si).</p> <p>Na fase final, desenha uma televisão de onde partem esses tais balões, animados ao som de um microfone e notas musicais.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Nota-se que este aluno, ainda não domina os elementos da linguagem visual, no entanto é capaz de construir uma composição interessante, onde respeitou todas as fases evolutivas do processo.</p> <p>Precisa ainda de maior treino a nível de desenho, uma vez as Formas que desenha serem pouco evoluídas e demasiado infantis.</p> <p>No entanto, apresenta ser um aluno perfeccionista, tímido, organizado, devido à forma como organiza a composição e a maneira como pinta. A sua personalidade é mais introvertida e daí ser menos expansivo.</p> <p>As cores escolhidas, são muito contidas inicialmente, optando por cores frias inicialmente. Mais adiante explora cores mais quentes, e depois apresenta uma composição onde combina cores frias e quentes.</p> <p>Dá ideia que começou a desenvolver o trabalho de forma mais contida, e foi-se libertando com o seu desenvolvimento.</p>

CATEGORIAS	MANUEL
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>O aluno utilizou algumas referências dos graffitis apresentados, nomeadamente a nível da configuração utilizada pelos writers. Normalmente os desenhos surgem sob um eixo horizontal, na medida em que são aplicados na parede, e o writer tenta sempre ocupar o máximo espaço possível.</p> <p>Inspirou-se igualmente em tubos e figuras a cuspir fogo, retiradas do power point apresentado na aula, às quais acrescentou imaginação e criatividade.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Ao longo do desenvolvimento do processo o aluno foi sempre integrando e excluindo elementos do desenho, ora simplificando ora tornando-o mais complexo. A própria experimentação que fez das formas, denota uma vasta experiência no domínio da linguagem visual.</p> <p>A utilização frequente de linhas com curvas mais e menos acentuadas, ângulos agudos, obtusos, e linhas paralelas reflete igualmente o seu domínio, devido à variedade de formas que apresenta e à sua fácil manipulação.</p> <p>A própria ampliação e diminuição das formas, a sobreposição das mesmas, o jogo entre figura/fundo ajuda a constatar que este aluno tem um grande à vontade a nível de desenho e consegue expressar objetivamente as ideias que idealiza.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Reflete-se pela utilização de cores contrastantes, que o aluno sublinhou ser sua intenção, possivelmente para reforçar a mensagem e não a deixar despercebida, objectivo principal defendido pelos writers.</p> <p>A utilização sistemática do preto e do castanho-escuro como cores de contorno aproxima o desenho do aluno da linguagem plástica do graffiti na medida em que a grande maioria das figuras surgem contornadas com várias intensidades e espessuras.</p> <p>Também a manipulação de cores diferentes e o encontro do equilíbrio que permite que estas se conjuguem harmoniosamente é de facto uma preocupação que os writers também apresentam nas mensagens que transmitem ao público.</p> <p>Também a forma como desenvolve as texturas ao longo das actividades aproxima-se da linguagem plástica do graffitis, pois dado que os writers trabalham sob suportes texturizados, e como o desenho deve parecer realista e com vida própria, este domínio é essencial.</p>
	<p>A nível de técnica de pintura, o aluno desenvolveu-a de forma coerente desde o início do processo. Utilizou com mais frequência a caneta de feltro por ser um material com que se sente mais à vontade.</p> <p>Utilizou ainda o giz e o lápis de carvão, onde manipulou a forma de maneira diferente, criando um registo gráfico</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>diferente. Noutras fases mais avançadas do trabalho, combinou a caneta de feltro e o lápis de carvão para obter uma maior expressividade. Pode-se dizer que a técnica que melhor desenvolveu foi o trabalho que realizou com as texturas em vários objetos.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Existe claramente um contraste evidente na utilização de elementos figurativos e abstratos. Numa fase inicial o aluno apresentou um desenho mais abstrato, que com o desenvolvimento natural do trabalho, se foi tornando mais figurativo contendo elementos do dia-a-dia. No entanto, elementos como flores, corações, estrelas foram surgindo com frequência em todos os desenhos, ganhando no entanto formas diferentes nas várias fases vivenciadas. Pode-se afirmar que o seu trabalho resulta de elementos recolhidos do seu dia-a-dia, combinados com imagens vistas apresentadas na primeira aula, e ainda a utilização de elementos do seu imaginário.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Nota-se claramente que este aluno conhece as principais tramas artísticas, e qual o melhor caminho a percorrer para alcançar o objectivo pretendido. Domina com muita facilidade a linguagem visual, o que lhe permite abraçar projectos mais ambiciosos e transmitir mensagens com mais impacto. A forma como manipulou os desenhos que foi realizando ao longo do processo, permitiu-lhe desenvolver e aperfeiçoar determinadas competências a nível de desenho, fomentando ainda a sua identidade enquanto artista. O confronto com as suas experiências de vida, e as imagens visualizadas de vários graffitis, suscitou no aluno uma vontade de se aproximar à linguagem do graffiti que foi muito bem conseguida.</p>

<p>CATEGORIAS</p>	<p>MARIANA</p>
<p><i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i></p>	<p>Esta aluna, foi uma das que apresentou mais dificuldade a iniciar o trabalho. Antes do início do trabalho, acabou por observar os trabalhos dos colegas e copiou uma composição, acrescentando apenas determinados elementos. Pode-se deduzir que não deu qualquer importância ao power point sobre graffiti.</p>
<p><i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i></p>	<p>Ao longo do desenvolvimento do trabalho, não houve registo de grande evolução ao nível da linguagem visual. Na expressão espontânea a aluna utilizou uma linguagem própria de primeiro ciclo, onde utiliza linhas retas e circulares, onde surgem corações e smiles. Algo recorrente nos desenhos de crianças em idade pré-escolar. Na fase seguinte, a aluna manipulou repetidamente a mesma figura criando sobreposições. Desenvolveu um bocadinho a textura através do lápis de carvão, mas não muito bem conseguida. No desenho bidimensional a aluna volta a simplificar a linguagem visual, e retoma a expressividade própria de 1º ciclo. A pintura do desenho não foi sequer iniciada. No desenho tridimensional a aluna muda completamente o percurso já iniciado e muda o desenho e a ideia principal. Apresenta então uma composição completamente abstracta que nada tem a ver com o processo iniciado, perdendo o trabalho assim o sentido em relação ao pedido. No entanto, a nível de composição o trabalho apresenta-se melhor desenvolvido e a aluna tenta criar a sensação de profundidade através do cruzamento de várias linhas.</p>

<p><i>Utilização de uma linguagem plástica próxima dos graffiti</i></p>	<p>A nível de linguagem plástica, o trabalho desenvolvido pela aluna está muito afastado quer da expressividade, quer das temáticas utilizadas pelos writers, o que significa que a aluna se encontra pouco sensível a este tipo de arte.</p> <p>O facto de não ter conseguido concluir as etapas nos timings pretendidos leva a crer que a aluna nutriu pouco interesse pelo trabalho e empenhou-se pouco.</p> <p>A própria interrupção do processo criativo e a mudança de direcção dos objectivos do desenho apresentam falta de objectividade e uma atitude de pouca confiança naquilo que desenvolve.</p>
<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>Pode-se afirmar que aluna utilizou vários materiais, no entanto demonstrando pouco domínio da técnica.</p> <p>Inicialmente começou a pintar com canetas de feltro, utilizando apenas duas cores.</p> <p>Na fase do giz, houve alguma mistura de cores diferentes, recorrendo à mancha combinada com lápis de carvão, criando algum contraste.</p> <p>Na fase final, apresenta um desenho com um grafismo interessante onde mistura várias cores de giz com guache.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>A composição resultante, é não só figurativa, pela presença do rosto, como também abstracta, devido à manipulação das formas em vários ângulos.</p> <p>Não existe qualquer registo de elementos presentes no dia-a-dia da aluna em qualquer das composições. Apenas identifica-se que a mesma tem preocupações simétricas e pode apresentar algumas características da sua personalidade.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Pode-se afirmar que a aluna apresenta uma expressão artística pouco desenvolvida, que necessita de ser melhor explorada e trabalhada.</p> <p>A falta de objectividade esteve patente no trabalho desde o início, em que a aluna não sabia por onde começar, e mais tarde alterou o rumo do processo, quebrando-o, eliminando o fio condutor. Desta forma, esta aluna não conseguiu cumprir o objectivo inicialmente proposto revelando também algum desinteresse e falta de confiança em si própria.</p>

CATEGORIAS	MARTA
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Esta aluna, foi uma das que apresentou mais dificuldade a iniciar o trabalho. Antes do início do trabalho, acabou por observar os trabalhos dos colegas e copiou uma composição, acrescentando apenas determinados elementos.</p> <p>Pode-se deduzir que não deu qualquer importância ao power point sobre graffiti.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Ao longo do desenvolvimento do trabalho, não houve registo de grande evolução ao nível da linguagem visual.</p> <p>Na expressão espontânea a aluna utilizou uma linguagem própria de primeiro ciclo, onde utiliza linhas retas e circulares, onde surgem corações e smiles. Algo recorrente nos desenhos de crianças em idade pré-escolar.</p> <p>Na fase seguinte, a aluna manipulou repetidamente a mesma figura criando sobreposições. Desenvolveu um bocadinho a textura através do lápis de carvão, mas não muito bem conseguida.</p> <p>No desenho bidimensional a aluna volta a simplificar a linguagem visual, e retoma a expressividade própria de 1º ciclo. A pintura do desenho não foi sequer iniciada.</p> <p>No desenho tridimensional a aluna muda completamente o percurso já iniciado e muda o desenho e a ideia principal. Apresenta então uma composição completamente abstracta que nada tem a ver com o processo iniciado, perdendo o trabalho assim o sentido em relação ao pedido.</p> <p>No entanto, a nível de composição o trabalho apresenta-se melhor desenvolvido e a aluna tenta criar a sensação de profundidade através do cruzamento de várias linhas.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima dos graffiti</i>	<p>A nível de linguagem plástica, o trabalho desenvolvido pela aluna está muito afastado quer da expressividade, quer das temáticas utilizadas pelos writers, o que significa que a aluna se encontra pouco sensível a este tipo de arte.</p> <p>O facto de não ter conseguido concluir as etapas nos timings pretendidos leva a crer que a aluna nutriu pouco interesse pelo trabalho e empenhou-se pouco.</p> <p>A própria interrupção do processo criativo e a mudança de direcção dos objectivos do desenho apresentam falta de objectividade e uma atitude de pouca confiança naquilo que desenvolve.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>Pode-se afirmar que aluna utilizou vários materiais, no entanto demonstrando pouco domínio da técnica. Inicialmente começou a pintar com canetas de feltro, utilizando apenas duas cores. Na fase do giz, houve alguma mistura de cores diferentes, recorrendo à mancha combinada com lápis de carvão, criando algum contraste. Na fase final, apresenta um desenho com um grafismo interessante onde mistura várias cores de giz com guache.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>A composição resultante, é não só figurativa, pela presença do rosto, como também abstracta, devido à manipulação das formas em vários ângulos. Não existe qualquer registo de elementos presentes no dia-a-dia da aluna em qualquer das composições. Apenas identifica-se que a mesma tem preocupações simétricas e pode apresentar algumas características da sua personalidade.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Pode-se afirmar que a aluna apresenta uma expressão artística pouco desenvolvida, que necessita de ser melhor explorada e trabalhada. A falta de objectividade esteve patente no trabalho desde o início, em que a aluna não sabia por onde começar, e mais tarde alterou o rumo do processo, quebrando-o, eliminando o fio condutor. Desta forma, esta aluna não conseguiu cumprir o objectivo inicialmente proposto revelando também algum desinteresse e falta de confiança em si própria.</p>

CATEGORIAS	PAULO
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>Quando inquirido sobre a inspiração recolhida do power point, afirmou que caso não tivesse visto as imagens não chegava onde chegou. De uma forma geral o aluno inspirou-se nas imagens em geral, focando-se mais no rosto inicialmente desenhado de forma mais primitiva, com um ar rustico. Afirma igualmente que a visualização dos pintores contemporâneos o ajudou a traçar melhor o caminho a seguir, a nível compositivo.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>A nível da linguagem visual, esta foi evoluindo e foi aperfeiçoada ao longo do trabalho. Inicialmente o aluno parte da ideia de um rosto, mais precisamente uma máscara, onde utiliza a textura através da cor, e linhas preenchidas. Praticamente trabalha pouco os contornos, e as formas são semelhantes.</p> <p>Na manipulação da imagem, começa a trabalhar melhor a textura através da intensidade do lápis de carvão e utiliza aqui mais o contorno das formas, com várias intensidades. A forma de estática passa a ganhar mais movimento, existe uma maior maleabilidade da forma. A própria experimentação do giz, incita o aluno a experienciar e a desenvolver melhor a máscara.</p> <p>Nas últimas fases do trabalho o aluno realiza uma composição onde mistura a máscara com um rosto humano, e faz uma manipulação com ambos, utilizando a repetição de imagens.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Pode-se afirmar que este aluno utilizou como ponto de partida uma mistura de imagens recolhidas do power point sobre graffiti e outra sobre os pintores de arte contemporânea.</p> <p>A nível plástico, nota-se a influência do graffiti através das cores utilizadas, que são fortes e pensadas estrategicamente.</p> <p>Nota-se ainda a preocupação do aluno em realizar uma composição gráfica com coerência, recorrendo à repetição da imagem, o que é algo frequente nas composições realizadas pelos writers, pois quando realizam intervenções em paredes de determinadas dimensões, a repetição é algo que faz parte do processo criativo.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>O aluno utilizou, vários materiais diferentes. Inicialmente começou por utilizar o guache, por ser uma técnica que dominava, notável através da utilização do claro-escuro. De seguida utilizou o giz, que nunca tinha experienciado anteriormente. Nota-se aqui menos à vontade neste material, recorrendo com maior frequência à utilização do lápis de carvão.</p> <p>Para a composição final, o aluno voltou a utilizar novamente o guache em conjunto com o giz, dando à composição um toque artístico e bem manipulado em termos plásticos.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>Este aluno não partiu de elementos que utiliza ou reconhece no dia-a-dia para representar o desenho no geral. Afirma ter-se inspirado nas imagens apresentadas, mas defende que do início ao fim a sua intenção era aperfeiçoar e melhorar o desenho, não conseguindo definir como tinha chegado até ao resultado final. Fala apenas do processo de trabalho, não do criativo.</p> <p>O facto de ter criado uma máscara combinada com as caras, pode estar mais relacionado com a projecção do seu eu, sentimentos mais profundos que não conseguiu abordar através da conversa.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Relativamente ao domínio da linguagem visual, para expressão de sentimentos e emoções é uma área que precisa de se desenvolver melhor neste aluno. A utilização das formas são simples, bem como a sua manipulação, andando sempre próximo do mesmo registo, onde predominam as linhas curvas, outras vezes retas e alguma experimentação de texturas, mas nada de unusual.</p> <p>Ao longo do processo foi sempre o primeiro a terminar todas as fases do trabalho, levando-me a concluir que pode ter feito tudo sem muita dedicação, de forma apressada sem pensar.</p> <p>O próprio recurso à repetição, significa que o aluno pode estar mais preso a determinadas formas, não apresentando grande evolução de uns desenhos para outros.</p> <p>A expressão artística é melhor conseguida através da pintura do que do desenho. Considero o aluno pouco desenvolvido em termos de desenho. Isto é, todas as manipulações compositivas realizadas não saíram da sua área de conforto.</p>

CATEGORIAS	SOLANGE
<i>Utilização de elementos recolhidos do power point.</i>	<p>O primeiro desenho da aluna retrata um episódio do dia-a-dia, e optou por representar a comida do mac donald's que afirmou gostar muito.</p> <p>Quando inquirida sobre os elementos recolhidos do power point, afirmou terem sido as flores.</p> <p>Afirmou ainda que a sua intenção apesar de ter partido de uma situação diária era contar uma história, algo que frequentemente é uma opção tomada pelos writers quando começam a pintar os muros da cidade.</p>
<i>Desenvolvimento da linguagem visual ao longo do trabalho.</i>	<p>Inicialmente a aluna utiliza linhas retas, e curvas em menos quantidade. É uma composição contida com poucos detalhes. Não existiu uma grande preocupação com texturas, no entanto a aluna optou por copiar estes elementos, através de recordações e da memória que tinha deles.</p> <p>Na 2º fase há uma repetição destes elementos, utilizando agora outro material e adicionando outro como interligação – um sol, também desenhado de forma simples, com recursos a linhas retas e curvas.</p> <p>Nas fases finais do trabalho nota-se a transição do quotidiano para a história, pois o registo torna-se completamente diferente e a complexidade da composição aumenta bem como o tipo de cores utilizadas, agora mais fortes.</p> <p>É um trabalho que se iniciou com um tipo de linguagem visual mais simples, que se vai tornando complexa, não pela introdução de novos elementos, como vimos em casos anteriores, mas pela mudança da temática.</p>
<i>Utilização de uma linguagem plástica próxima do graffiti</i>	<p>Não se pode afirmar que a aluna tenha utilizado uma linguagem próxima do graffiti a nível de técnica, porém de temática talvez, na medida em que os writers, frequentemente reproduzem cenas da vida quotidiana e contam histórias nas paredes.</p> <p>Quanto à linguagem plástica, esta foi-se aproximando lentamente, sem nunca ter chegado a ficar muito similar. Numa fase inicial a aluna não contornou sequer as formas para as destacar do fundo, usou apenas uma cor para o feito.</p> <p>Posteriormente, quando começa a contar a história inclui o preto na composição, que surge em grande percentagem e começa a contornar algumas formas, de modo que a linguagem mudou radicalmente.</p> <p>A própria imagem das figuras que apresenta, parecem inspiradas em desenhos animados, sendo figuras cómicas, tal como os writers costumam reproduzir, no entanto, de forma mais simples.</p>

<p><i>Exploração de várias técnicas de pintura e materiais diferentes.</i></p>	<p>A aluna iniciou o primeiro trabalho com guache, em que se limitou a preencher a cor de forma uniforme, sem se preocupar com texturas.</p> <p>No segundo trabalho, desenvolveu a composição essencialmente a giz e a lápis de carvão, onde trabalhou o contraste, algumas texturas de forma leve e a mancha. Denota-se alguma experimentação entre contornos, preenchimento da forma a lápis de carvão. É interessante reparar que tentou utilizar a giz, mas mesmas cores do que no guache.</p> <p>Na fase final do trabalho (tridimensional) a aluna combinou diversos materiais, nomeadamente o guache, para superfícies mais abrangentes, o giz, para realização de contrastes com o preto e por fim a caneta de feltro para detalhes, tais como as flores e o cabelo.</p>
<p><i>Recolha de artefactos do dia-a-dia para expressão de ideias e sentimentos</i></p>	<p>O trabalho caracteriza-se essencialmente por uma natureza figurativa, em que desde o início ao fim qualquer elemento tem um significado.</p> <p>Inicialmente representa o macdonald's que simboliza a fastfood e algo com que a aluna se identifica, portanto um gosto pessoal. De seguida, introduz um sol grande e ampliado que irradia brilho.</p> <p>Quando inicia a contagem da história, utilizou um mágico, com uma varinha, que faz accionar uma explosão na personagem do centro (reproduz a explosão através das flores), e depois um túmulo que simboliza a morte, depois dessa explosão.</p> <p>Dá ideia de ser uma história de humor negro, pois metaforicamente a explosão é representada com flores, mas o tumulto com a cruz remete para algo triste.</p>
<p><i>Expressão individual e artística</i></p>	<p>Nota-se que a aluna, tem um pensamento pouco objectivo, não conseguindo transmitir através do desenho os seus sentimentos. Inicialmente tem uma ideia, que mais tarde se transforma em outra, quando o objectivo principal do trabalho, era exactamente o seguimento da linha de pensamento de forma coerente do início ao fim.</p> <p>A sua expressão é essencialmente figurativa, havendo a necessidade de reproduzir objectos físicos, com simbologias pessoais. No entanto é uma aluna criativa, que apresentou mais do que uma solução possível para o desenvolvimento do projeto, e soube desenvolver as duas facetas.</p> <p>Pode-se caracterizar o seu espirito por ser curiosa, dinâmica, imaginativa. No entanto parece apresentar um lado mais escuro, mais sombrio, devido à utilização de cores ora quentes ora frias e escuras.</p>

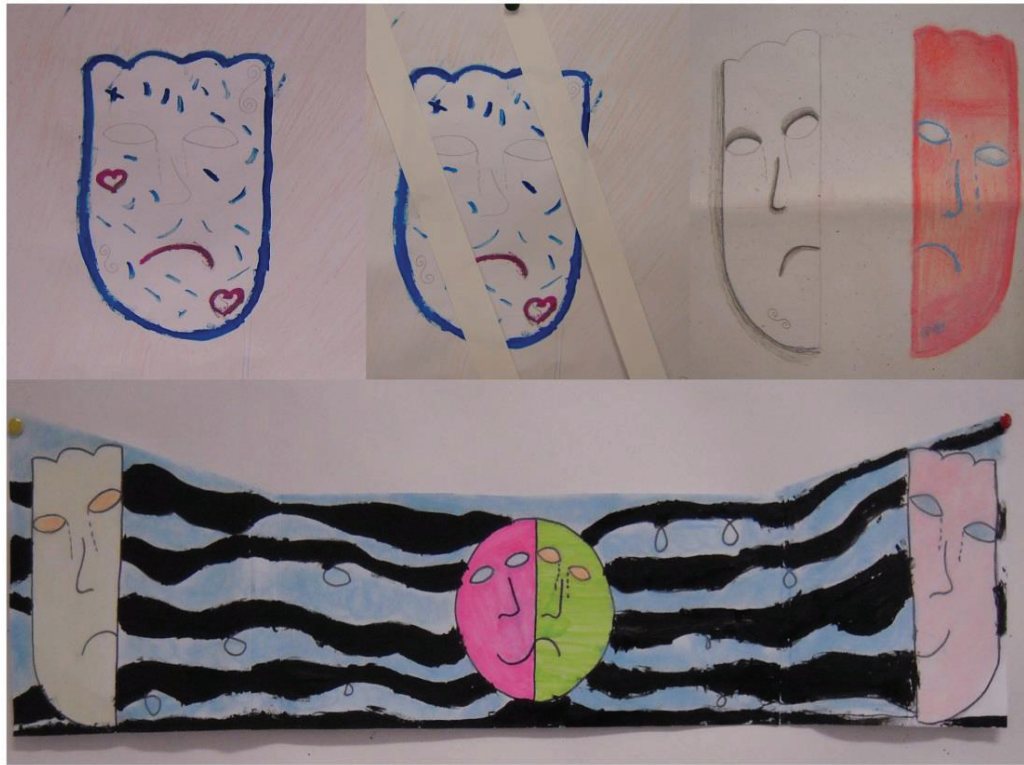
GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

INSPIRAÇÃO	Solange	Marta	Jorge	Isabel	Isidora	Ilda	Elisa	Diane	Dalila	Carina	Antóni ^a	Paulo	Manuel
Power point					X		X			X	X	X	X
Dia-a-dia	X			X									
Gosto pessoal						X		X					
Imaginação		X	X						X				
TEMÁTICA													
Humorística	X									X			
Figurativa		X				X			X		X		
Banda desenhada e jogos			X					X					
Abstrata							X						
Musica													
Graffiti												X	
Rosto									X			X	
LINGUAGEM													
VISUAL													
linhas retas e curvas	X					X		X	X	X			
Linhas retas, curvas e formas onduladas			X		X						X		
Linhas curvas acentuadas, ângulos e paralelas					X								X
Linhas retas e circulares		X											
	Solange	Marta	Jorge	Isabel	Isidora	Ilda	Elisa	Diane	Dalila	Carina	Antóni ^a	Paulo	Manuel

Junção de elementos de desenhos anteriores				X					X	X	X	X
FORMA												
Repetição											X	X
Movimento				X								X
Fusão						X						
Sobreposição		X	X	X	X							X
Manipulação		X			X	X			X	X	X	
Ampliação/pr oporção			X	X						X	X	X
Pouco desenvolvida								X				
MATERIAIS												
Guache, giz e caneta de feltro	X			X							X	
Giz, guache, lápis de carvão e canetas de feltro		X	X									
Guache e giz					X							
Guache, giz e lápis de cor					X			X				
Guache, giz e lápis de carvão						X					X	
Lápis de cor, giz, lápis de carvão e canetas de feltro							X					
Lápis de cor, giz, lápis de carvão, canetas de feltro e guache									X			

Gosto pessoal/identificação	X		X	X															
Conta uma história imaginária de humor negro		X		Utiliza balões de banda desenhada para comunicar	Utilizou desenhos seus.	Fusão de uma situação real com o mundo imaginário		Elementos que surgem no seguimento de um processo de trabalho desconectado.		X		História que conhece e imagens retiradas de algum local	História simbólica entre um rapaz e uma rapariga – discussão de namorados – figura cômica	X	Realiza o seu autorretrato; Confiança em si mesma.	Imagens apresentadas – intenção de melhorar o desenho – máscara – projecção do seu eu	Dia-a-dia com imagens vistas, power point e elementos do imaginário		
Preocupações simétricas			X						X										
Jogos de computador				X								X							
EXPRESSIONE ARTISTICA E INDIVIDUAL	Solange	Marta	Jorge	Isabel	Isidora	Ilda	Elisa	Diane	Dalila	Carina	Antónia	Paulo	Manuel						
Pensamento objetivo	X	Não sabia como começar o trabalho			Foi aperfeiçoando ao longo do processo		Pouco coerente	Resistência à informação exterior	X	X	X								
Transmite sentimentos através do desenho	X		Precisa de treinar melhor	X						X		Pouco desenvolvido	X						
Transmite sentimentos através da pintura				X	Pintura cuidada					X	X		X						
Criatividade/	X					limitad					Controlad		X						

dinâmica/imaginativa						a						a ₁		
Introvertido e menos expansivo			X											
Várias soluções	X													
Necessita de ser melhor trabalhada		X	Libertou-se com o trabalho											
						Nível inferior	X	Condição onada pela postura	Pouco desenvolvida e pouco estimulada artisticamente	X			X	Desenho e pintura



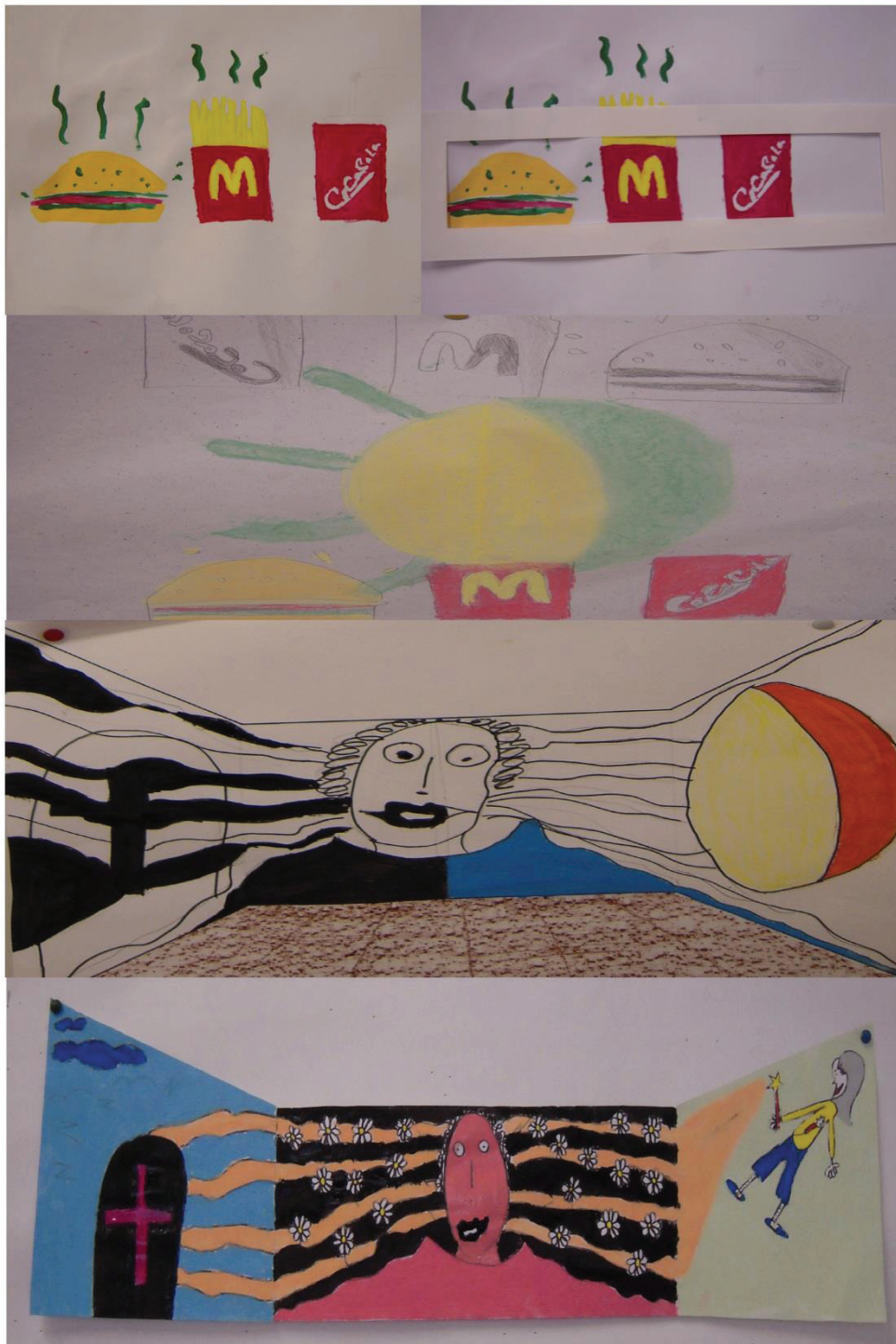
Etapas realizadas pela aluna Diane



Etapas realizadas pela aluna Elisa



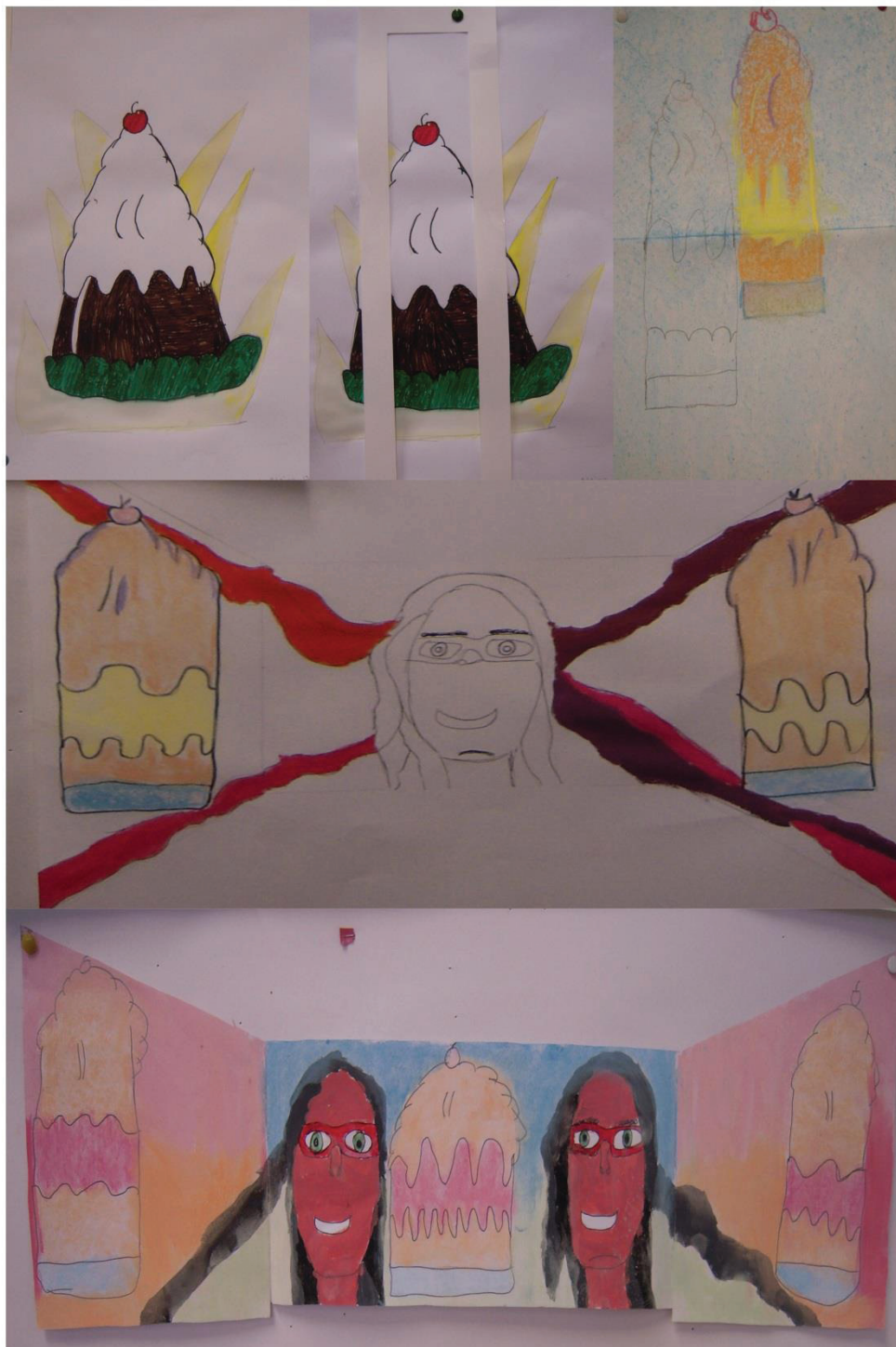
Etapas realizadas pela aluna Isabel



Etapas realizadas pela aluna Solange



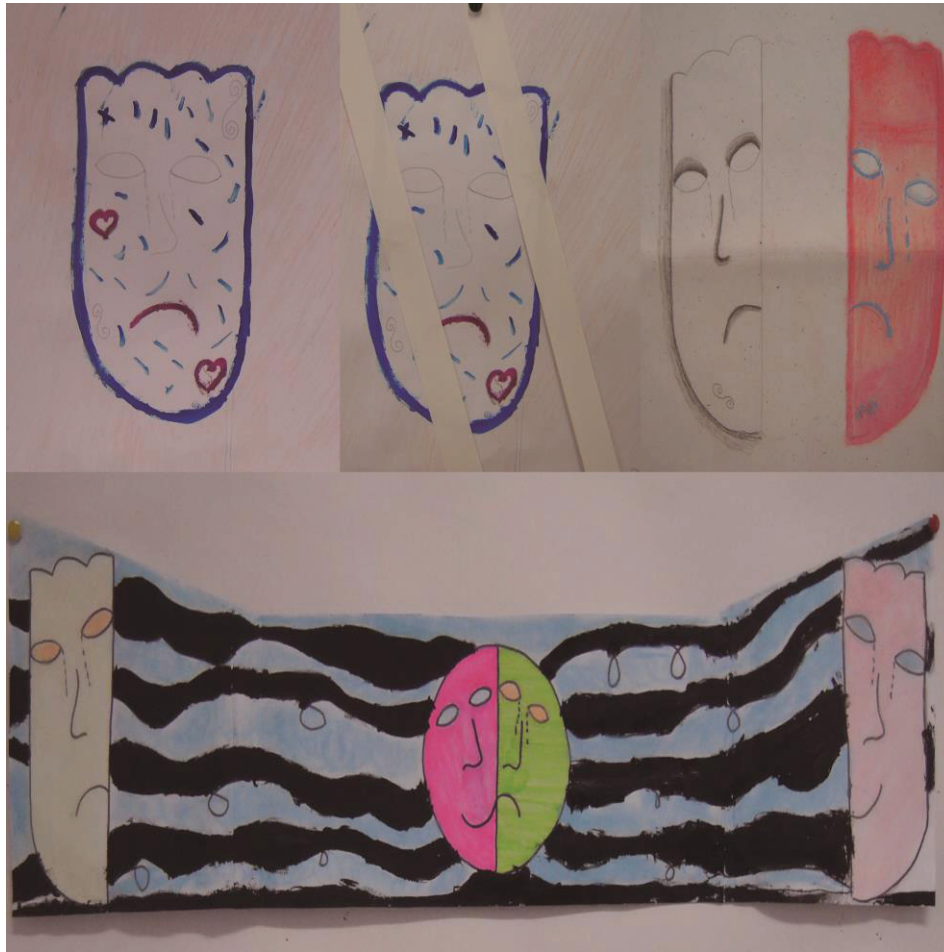
Etapas realizadas pela aluno Manuel



Etapas realizadas pela aluna Antónia



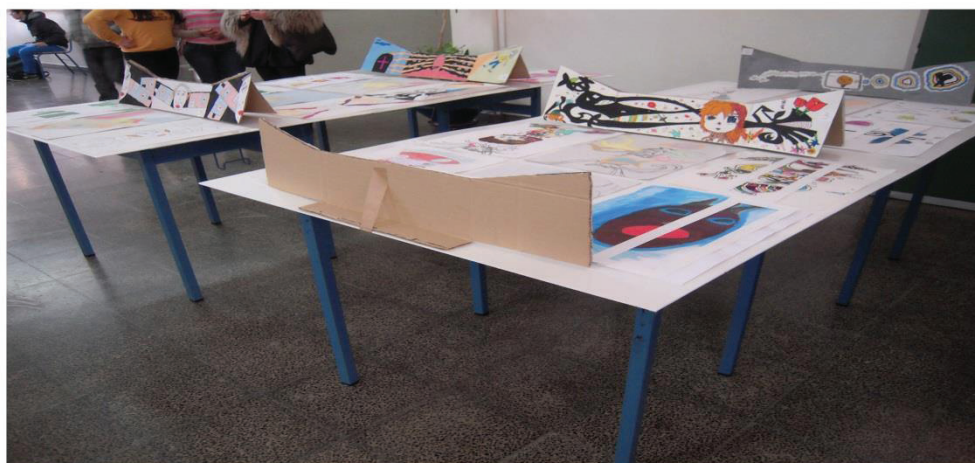
Etapas realizadas pela aluna Isidora



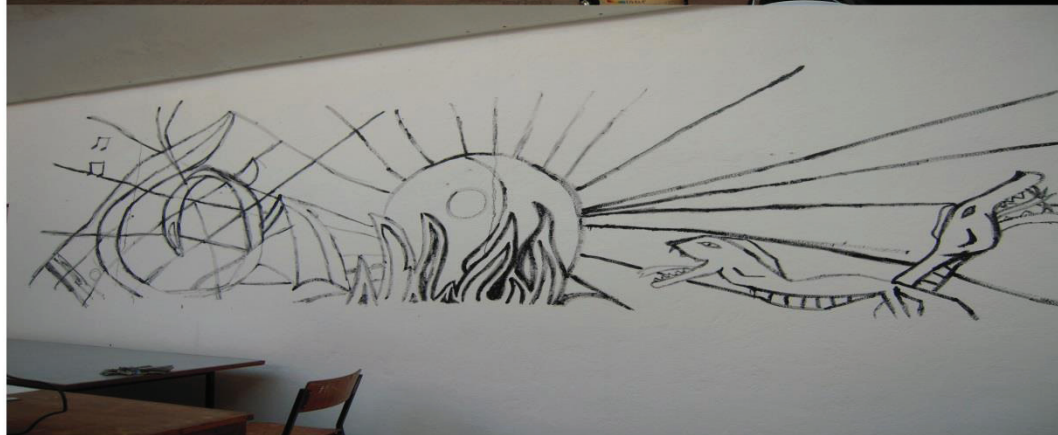
Etapas realizadas pela aluna Dalila



Etapas realizadas pelo aluno Jorge



Exposição dos trabalhos dos alunos no átrio da escola

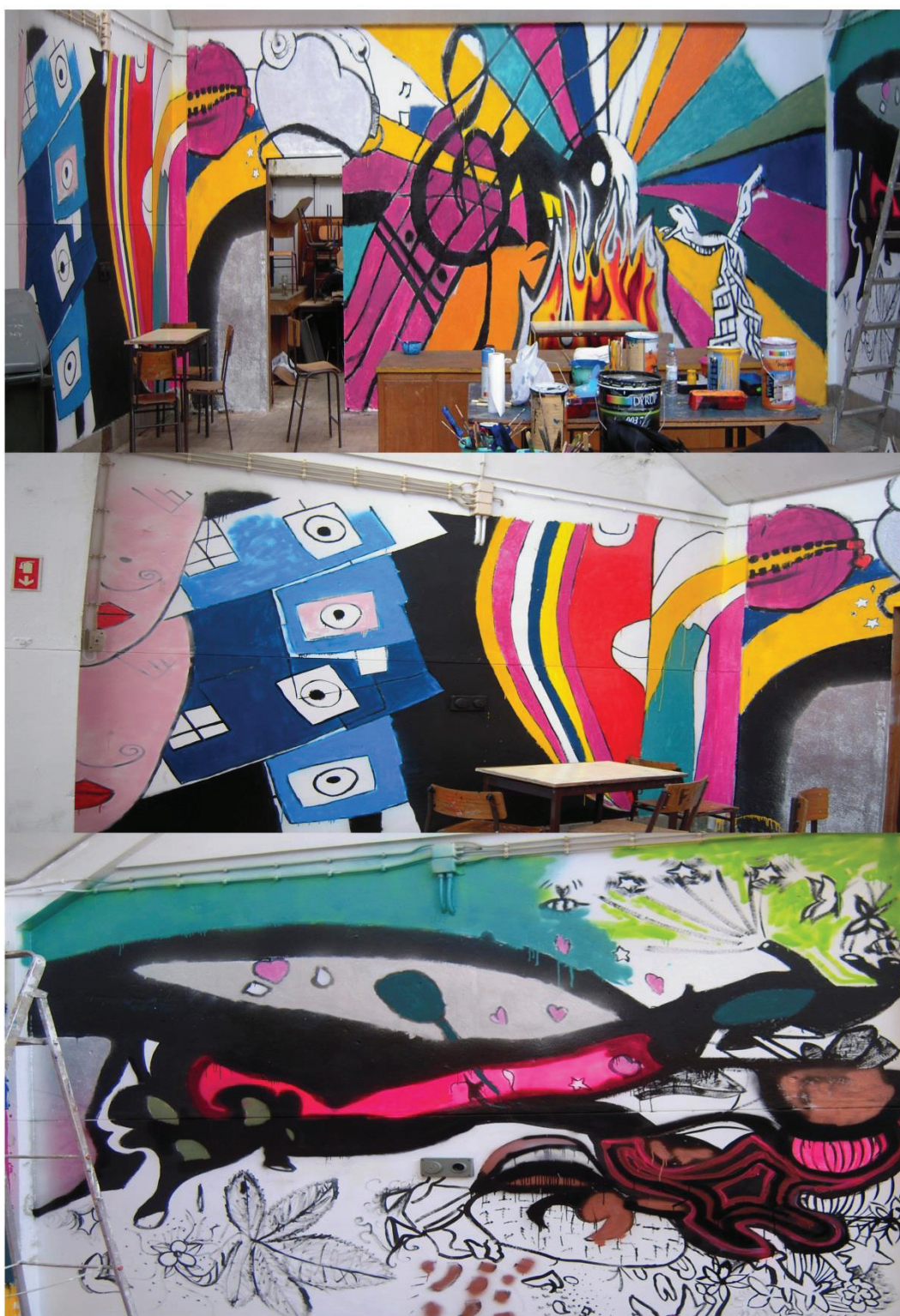


Contorno do desenho final na parede



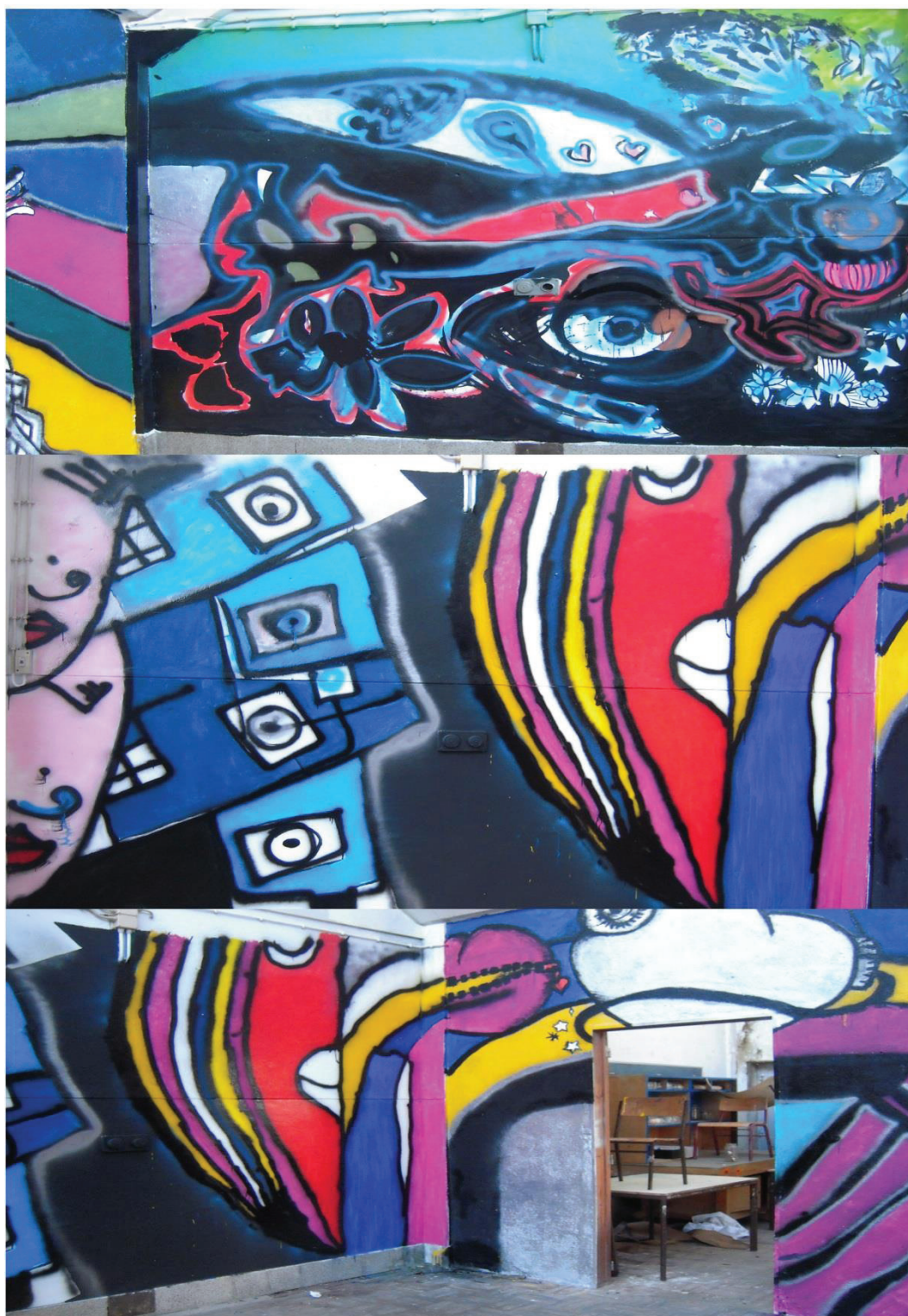
Início da pintura com a técnica do pincel





Pintura com a técnica do spray





Imagens finais do mural



